REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

FEVEREIRO, 1890

Summario:

			Pag.
I.	TENDENCIAS GERAES DA PHILOSOPHIA NA SEGUNDA METADE DO SECULO XIX	Anthero de Quental	149
II.	A PHILOSOPHIA DE TOLSTOI	Jayme de Magalhães Lima	172
III.	OS FILHOS DE D. JOÃO I	Oliveira Martins	192
IV.	AS MINAS DE SALOMÃO	Rider Haggard	218
V.	CARTAS DE FRADIQUE MENDES	Eça de Queiroz	225
VI.	O BRAZIL (FASTOS DA DICTADURA)	Frederico de S.	240
VII.	NOTAS DO MEZ	João Gomes	259
VIII.	BOLETIM BIBLIOGRAPHICO		277

LUGAN & GENELIOUX

EDITORES

PORTO

Agentes em Paris:
AMEDÉE PRINCE ET Cie
36 — Rue Lafayette — 36

Agentes em Londres:
AMEDÉE PRINCE ET Cie
10 — Coleman Street — 10

Volume II. Numero 8.

Summario do numero de janeiro

Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX ..... ANTHERO DO QUENTAL.
Cartas de Fradique Mendes ..... EÇA DE QUEIROZ.
Ave Migradora ..... FIALHO D'ALMEIDA.
As minas de Salomão ..... RIDER HAGGARD.
O quadro social da revolução brazileira... RAMALHO ORTIGÃO.
Os filhos de D. João I ..... OLIVEIRA MARTINS.
Os acontecimentos do Brazil..... FREDERICO DE S.
Boletim bibliographico.

RAMALHO ORTIGÃO

JOHN BULL

Depoimento de uma testemunha
ácerca de alguns aspectos da vida e da civilisação ingleza

Segunda edição

1 volume..... 600

EÇA DE QUEIROZ

O CRIME DO PADRE AMARO

TERCEIRA EDIÇÃO

inteiramente refundida, recomposta, e differente na fórma e na acção da edição primitiva

1 grosso volume..... 1$200

OS MAIAS

2 grossos volumes..... 2$000

O MANDARIM

TERCEIRA EDIÇÃO

1 volume..... 500

O PRIMO BAZILIO

TERCEIRA EDIÇÃO

1 grosso volume..... 1$000

A RELIQUIA

1 grosso volume..... 1$000

THE J. PAUL GETTY CENTRE

TENDENCIAS GERAES

DA

PHILOSOPHIA

NA SEGUNDA METADE DO SECULO XIX [1]

II

O Hegelianismo tinha de ser a ultima grande explosão do dogmatismo na philosophia moderna. Era inevitavel uma reacção. E direi mais: essa reacção era salutar. As idéas fundamentaes do espirito moderno tinham sido affirmadas pelos grandes philosophos allemães do primeiro quartel d'este seculo com uma pujança incomparavel: tinham elles escavado o chão do pensamento a uma profundidade enorme, para lhes procurarem alicerces mais firmes: tinham-nas ligado entre si com a cadêa d'uma deducção logica de resistencia sem exemplo: tinham-lhes, finalmente, feito abranger, no seu prodigioso circuito, um ambito igual ao do proprio universo. Todavia aquella gigantesca construcção não podia sustentar-se por muito tempo de pé e inteiriça. Se as idéas eram as do espirito moderno, a fórma rigidamente systematica que revestiam é que o não era. Ao espirito moderno repugnam-lhe taes systemas fechados e inflexiveis.

[1] Continuado da pag. 20, do numero de janeiro.

Recebe d'elles, de mãos abertas, quanto elles podem dar de bom e novo, mas com a condição de os abandonar depois. O realismo, que o penetra, leva-o a identificar-se com os aspectos cambiantes das coisas, a comprazer-se com a linha sinuosa das realidades; e, se não prescinde de modo algum das idéas como fio conductor no labyrintho da natureza, e até, pelo contrario, o seu naturalismo está todo impregnado de idealismo, não quer todavia que esse fio conductor das idéas se transforme n'uma pesada cadêa, a tolher-lhe a liberdade dos movimentos. Quer receber as suas inspirações immediatamente da realidade, e que essas inspirações então, por uma lenta e surda elaboração, se transformem em idéas e theorias, de que é, de resto, avido: mas não quer que idéas e theorias lhe cáiam já feitas e concatenadas de nenhum laboratorio especial de taes productos. Quer que a sua philosophia tenha alguma coisa de espontaneo e organico, como a mesma natureza que a inspira. Vê-se, afinal, muito mais genuinamente representado por um homem como Gœthe, poeta, artista, naturalista, por cima d'isso viajante e homem do mundo, tendo tambem uma clara orientação philosophica, mas seguindo-a livre e humanamente, do que por um pesado e tenaz constructor de syllogismos, sejam embora esses syllogismos gigantescos e chame-se Hegel o prodigioso constructor d'elles.

Por tudo isto, já uma reacção contra o dogmatismo da philosophia allemã do primeiro quartel d'este seculo era inevitavel. Mas havia mais alguma coisa e mais grave. O *a-priorismo* absoluto da philosophia transcendental, aquella pretensão exorbitante de *construir* o universo deductivamente e só com o poder da dialectica, e de reduzir todas as espheras do conhecimento a casos particulares das suas formulas supremas e inquebrantaveis, pareceu (e devemos dizer que não foi sem razão) um verdadeiro attentado contra as sciencias modernas, levantadas, com um labor de tres seculos, pedra a pedra, pela paciente observação e pela inducção cautelosa. O illustre Humboldt, esse naturalista encyclopedico, protestava já contra a impertinencia d'aquelles philosophos, que, nas suas cathedras

de Yena e Berlim, «pretendiam fazer chimica sem molharem as pontas dos dedos.» Era effectivamente arrogancia excessiva: era peor, era um profundo erro. A sciencia é irmã da philosophia, não sua serva. O terreno da especulação está limitado aos primeiros principios das coisas e á analyse das idéas fundamentaes: o grande e variado mundo dos factos pertence inteiro á observação, á experiencia e á inducção. A hypothese, que, geradora da theoria, fecunda a sciencia, é por certo filha legitima da especulação: mas a hypothese não se impõe á sciencia, alumia-a; nem, em todo o caso, se lhe substitue. É necessario que a observação, governada pelos methodos especiaes de cada sciencia, confirme a hypothese, para que ella tenha então fóros de verdade scientifica. A hypothese é pois simplesmente o ponto de contacto e de intersecção da philosophia com a sciencia. É por meio d'ella que as idéas metaphysicas d'uma época, as suas noções fundamentaes, penetram nas sciencias, affeiçoam as suas theorias geraes e lhes fornecem pontos de vista para o seu ulterior desenvolvimento. Outra especie de influencia, influencia directa e particular da philosophia nos dominios da sciencia, é contra a natureza das coisas, que fez com que philosophia e sciencia nascessem no mesmo dia, logo ao alvorecer do pensamento reflectido, irmãs e iguaes, cada uma com sua feição, seus predicados e sua missão bem definida. A cada sciencia, isto é, ao estudo de cada ordem de phenomenos, preside uma idéa fundamental. Póde a philosophia, e é essa uma das suas funcções, apropriar-se d'essa idéa e de todas ellas, para as tornar materia das suas especulações: mas o desenvolvimento *real* d'essas idéas no mundo dos phenomenos só a sciencia o póde seguir e determinar methodicamente, porque só ella tem instrumentos e auctoridade para isso. Á sciencia, a missão de desenhar, com os traços firmes das leis positivas, o quadro do universo na sua variedade e complexidade phenomenal: á philosophia, a missão de interpretar superiormente a significação d'esse quadro e de descobrir ou tentar descobrir a chave do grande enigma.

E quando ousava a «philosophia transcendental» invadir

os dominios da sciencia e impôr ou pretender impôr as suas construcções dialecticas á observação e á experiencia? Exactamente quando as sciencias modernas, tomando novo folego na sua carreira tres vezes secular, inventariando á pressa as riquezas já adquiridas, viam alargar-se diante da sua ambição um novo e immenso horizonte e se precipitavam n'aquella direcção com a alacridade de quem conta com o triumpho. Ahi por 1830, que maravilhoso espectaculo! Um novo periodo, com effeito, se abria na historia das sciencias, e abria-o justamente a grande idéa philosophico-scientifica do seculo, a idéa de *evolução*. Ella irrompia, quasi ao mesmo tempo, no chão de todas as sciencias, desde a astronomia, que, passando da mecanica para a physica celeste, e dos movimentos no espaço para as transformações no tempo, se inspirava d'ella na grande hypothese cosmogonica da condensação da nebulosa primitiva, até á anthropologia, a ethnographia e a linguistica apontando em commum, na historia do homem, das suas raças, costumes e linguas, uma série de desenvolvimentos e um progresso, que, por ser muitas vezes tortuoso, não é por isso, no conjunto, menos patente. A physica, banindo a velha opinião dos *fluidos imponderaveis*, encaminhava-se já para a doutrina capital da unidade e correlação das forças physicas e, restaurando a hypothese cartesiana do ether, ia dar-lhe, ligando-a áquella doutrina, um alcance imprevisto: emquanto a chimica, não contente com ter surprehendido as affinidades intimas da materia, as dominava e como que disciplinava, passando da analyse á synthese, e pelas mãos de Berzelius, Dumas, Davy, Gay-Lussac, Liebig, *criava* corpos, corpos inorganicos a principio, mais tarde corpos organicos, demonstrando assim praticamente a circulação, no universo, d'uma mesma materia disfarçada na variedade das fórmas. Mas é no campo da geologia e das sciencias da organisação que a renovação intellectual provocada pela idéa de *evolução* se torna mais evidente. A geologia, depois de Cuvier, Leopoldo de Buch, Alex. de Humboldt, E. de Beaumont, Buckland, Lyell, C. Prévost, encontra a base da sua construcção theorica e torna-se essencialmente geogenia, isto é,

a sciencia d'uma evolução: o globo é quasi um sêr vivo, que se desenvolve. E pela paleontologia, que é um dos seus ramos, liga-se a geologia ás sciencias da organisação, onde a idéa de *evolução* ia provocar a mais fecunda das revoluções. Os grandes precursores de Darwin, Lamarck e Geoffroy Saint-Hilaire, tinham já apparecido: e se o *transformismo* se não precisára ainda no rigor das suas leis mecanicas, a theoria estava já todavia esboçada e a famosa discussão, na Academia das Sciencias de Paris, entre Cuvier e Saint-Hilaire revelou ao mundo scientifico o poder e alcance da nova doutrina. Finalmente, a anthropologia transformava-se n'uma verdadeira sciencia natural e começavam a apparecer irrecusaveis os testemunhos das origens animaes do homem, emquanto a linguistica, na sua subtil analyse e caminhando de inducção em inducção, apontava, na linguagem humana, para um periodo remoto em que á simplicidade e pobreza extrema das fórmas de expressão devia corresponder a rudeza primordial do pensamento, todo dominado ainda pelo instincto. O vasto quadro do universo e da humanidade, desenhado pela mão da sciencia, completava-se rapidamente com traços cada vez mais firmes, e uma concepção geral da natureza, animando o quadro, dava-lhe uma expressão não só de vida mas de alta intelligencia. As sciencias, na segunda metade do seculo XIX, tendo-se assenhoreado de idéas capitaes e fecundissimas, possuindo methodos proprios e de grande rigor assim como uma logica sua, a da inducção, julgavam achar-se com direito e com força bastante para desenharem esse quadro segundo as suas proprias inspirações. Reconheçamos que era, pelo menos, mal escolhido o momento pela philosophia transcendental para vir impôr a essas diligentes e poderosas obreiras os seus planos *a priori*.

Mas não eram só as sciencias positivas que repelliam as pretensões da nova metaphysica. A historia, que durante a primeira metade d'este seculo se tinha apossado d'um dominio immenso deixado quasi vacante pelos seculos anteriores; que renovára os seus methodos e com esses methodos renovados abrira um largo sulco de luz no tenebroso passado, resuscitando civi-

lisações esquecidas e interpretando-as com uma lucidez imprevista, com um espirito novo, nas suas instituições, no seu sentir, no seu genio, e estava então representada por homens como Guizot e Thierry, como Niebuhr, Savigny, Bœckh, Bunsen, Movers, Ewald, Voigt, Baur, Ranke, Otfried Mueller — para só nomear os mais illustres; a historia protestava contra a imposição das inflexiveis *construcções*, pretendidas historicas, de Hegel e da sua escóla. A historia tinha encontrado, é certo, n'esse seu revolver de tanta poeira humana, leis naturaes e leis moraes, uma certa regularidade e necessidade na grande trajectoria dos factos: mas, ao lado d'isso, encontrára tambem alguma coisa que não parecia depender de lei ou necessidade conhecida e que theoria alguma da humanidade, por mais ampla e complexa, lograria nunca prevêr: tinha encontrado o *fortuito*. Providencia? acaso? liberdade humana? Tudo é possivel: mas o certo é que estava ahi um elemento irreductivel á theoria, elemento consideravel, de mais a mais, mas ainda que o não fosse, bastante, só pelo facto de existir, para despedaçar os systemas historicos mais bem *construidos* e para inhibir qualquer espirito recto de se embrenhar no estudo do passado com idéas preconcebidas e systematicas. Não ha philosophia da historia, diziam esses grandes historiadores: ou, se uma philosophia da historia é possivel, será só pela analyse e comparação dos factos, pela inspiração immediata do genio da humanidade, latente nas suas obras, e por uma vasta cadêa de inducções, que ella poderá ser estabelecida. As civilisações succedem-se: mas onde está a necessidade d'essa successão? Em virtude de que lei é que uma raça virgem apparece, á hora precisa e no logar marcado, para addir a herança d'outra raça que desfallece no caminho da civilisação? E os grandes homens, agentes livres no drama da historia, que necessidade os faz nascer no momento aprazado e lhes protege a existencia, durante a infancia e depois, para que não desappareçam antes de terem cumprido a sua missão? Se Napoleão tivesse morrido em Arcole? Se Alexandre não tivesse contrahido uma febre paludosa bordejando nos charcós de Babylonia? Se Paulo, o

verdadeiro fundador do Christianismo, na sua vida errante de operario, nunca tivesse ouvido fallar em Jesus de Nazareth? Se os Persas tivessem vencido em Marathona? Se um cyclone tivesse afundado o navio de Colombo no meio do *gulf-stream?* Se... se... se...?

Onde está a necessidade em tudo isto? E todavia, a teia da historia é urdida com estes accidentes. Se d'elles abstrahirmos, poderá ainda subsistir uma historia, mas por certo tão outra do que é e tem sido, tão essencialmente outra, que nem sequer conseguimos formar uma idéa do que possa ser uma historia necessaria como o desenvolvimento d'um syllogismo ou d'uma equação. — Assim diziam aquelles grandes historiadores, e diziam bem. Hegel, decididamente, não tinha razão.

A historia não é a metaphysica. As idéas metaphysicas dominam e penetram a historia, não a fazem. Na ordem dos factos, não se póde construir *a priori* o que não se conheça já *a posteriori.* Sem direcção metaphysica não poderá nunca haver verdadeira e superior comprehensão da historia: mas, comtudo isso, os historiadores continuarão a procurar o encadeamento e a lei *real* dos factos no estudo critico dos mesmos factos e deixarão sempre uma larga margem áquelle factor — necessario, sem duvida, como tudo, mas d'uma necessidade que escapa á razão, embora provavelmente não esteja fóra da razão — a que chamarão, cada um conforme a cambiante philosophica do seu pensamento, Providencia, acaso, liberdade, ou simplesmente, o desconhecido.

Se a historia protestava em nome do que ha de não-necessario na ordem dos factos humanos, contra a grande *construcção* hegeliana, protestava contra ella a psychologia em nome da liberdade moral e da consciencia. Protesto de significação bem grave! Aquella voz da consciencia, obscura e sumida como parece no meio dos mil rumores do mundo, se pôde sempre, e ás vezes quasi só com um suspiro, fazer cahir algemas e derrubar bastilhas seculares, será potente bastante para desmanchar e dissolver os systemas mais tenazmente entretecidos dos philosophos. Ora a sciencia que pretende, escutando ás portas da con-

sciencia, revelar ao mundo os seus mais intimos segredos, chama-se a psychologia. É a sciencia da alma. Mas o que é a alma? Todos o sentem mais ou menos vagamente, mas ninguem logrou ainda definir com clareza essa mysteriosa entidade, nem até dissipar completamente as duvidas que sempre tem havido a respeito da sua existencia. Não pensavam por certo assim os graves Escocezes, que, durante a segunda metade do seculo passado, fundaram a mais illustre entre as escólas da psychologia moderna — Reid, Dugald-Stewart e os discipulos d'estes. Puritanos convictos, excellentes cidadãos, paes de familia exemplares, homens de fé ao mesmo tempo que homens de meditação, a alma para elles não era uma hypothese, fluctuando ao capricho das argucias dos sophistas, mas uma realidade, uma suprema realidade, que affirmavam continuamente, tanto na virtude das suas vidas sãs e rectas, como nas immortaes esperanças d'uma outra existencia. Professores d'uma universidade protestante afamada pela honestidade da sua disciplina intellectual, quizeram pôr um dique á onda do scepticismo, que, depois de Locke e Hume, ameaçava, no seu entender, subverter os bons principios e, com elles, os bons costumes. A isso mesmo os convidava a sua fé de christãos e o seu zelo de patriotas. E como eram, ao mesmo tempo, homens de grande saber e espiritos penetrantes e meditativos, resolveram fazer uma sciencia d'essa voz do proprio sentimento intimo. Fecharam os livros e interrogaram a consciencia. A consciencia respondeu-lhes, como era de esperar que respondesse a taes homens, confirmando-os em todos os seus nobres sentimentos, affirmando a existencia, autonomia, espiritualidade e immortalidade da alma, affirmando o dever e a liberdade humana. Eram grandes affirmações estas, sem duvida alguma, mas não bastavam a constituir uma sciencia. Responderia com igual clareza a consciencia interrogada sobre as diversas faculdades da alma, a sua essencia, a sua relação com o corpo a que anda ligada, a origem das idéas, a determinação da vontade pela razão e a conciliação d'esse determinismo com a liberdade, a raiz da moral, finalmente, e a sua sancção? Infelizmente não respondeu. A psychologia esco-

ceza perdeu-se n'um dedalo de distincções, divisões e sub-divisões, de analyses subtis e contradictorias, e o que parecia simples acabou por se tornar extremamente obscuro e duvidoso. A famosa sciencia não se constituiu e a psychologia escoceza ficou-se afinal n'uma especie de metaphysica vaga, acanhada e, para tudo dizer, inferior.

Não importa. Não se tinha constituido uma sciencia da alma e, pelo caminho da observação directa da consciencia, resolvido o problema do sêr. Mas, em face do scepticismo e do sensualismo, um momento triumphantes, em face tambem do fatalismo das sciencias da natureza, que já deixavam adivinhar as suas tendencias, e d'esse outro fatalismo mais seductor dos systemas metaphysicos, que iam surgir em breve, não foi perdido aquelle protesto da consciencia. O que ficára liquido, se era pouco comparado com as ambições d'uma sciencia definitiva do espirito, era ainda assim alguma coisa, era até muito, humana e historicamente fallando: era o reconhecimento da unidade e autonomia do *eu* e d'aquelle fundo sentimento da sua propria liberdade e intima dignidade moral, que, sob pena de decadencia e degradação, nunca no homem se poderá obliterar. E quem bem considerar talvez encontre que ainda n'esta esphera reservada do sentimento intimo se fazia sentir a influencia omnipotente das noções capitaes da *força* e *immanencia:* infiltrando-se, do pensar geral, n'essa região profunda, ellas teriam, não inspirado, por certo, mas estimulado o sentimento innato da autonomia e da liberdade do *eu*. Pouco importa que, scientificamente, a psychologia dos Escocezes tivesse um valor só muito relativo: ella representa entretanto um facto historico consideravel, uma grave affirmação da alma moderna reivindicando, por assim dizer, o seu direito sobre si mesma, proclamando-se obreira do seu proprio destino, criadora da sua propria finalidade, espontanea nas suas determinações, e repellindo, como sugestões degradantes, as idéas ainda as mais subtis e engenhosas, que possam entibiar a sua energia moral. Ora, se o sentimento moral não é a philosophia nem se póde substituir á philosophia, é muito certo tambem que philosophia algu-

ma, que o sentimento moral reprove, poderá prevalecer contra elle. N'este sentido, póde dizer-se que os Escocezes conseguiram o seu fim.

Uma grande nação, que acabava de dar ao mundo um exemplo assombroso d'aquella energia que a paixão do direito inspira e que tem no sentimento moral as suas raizes mais fundas, mas que, esquecendo bem depressa esses dictames do senso intimo, ebria com a propria força e cega de orgulho, precipitando-se através de terriveis aventuras, cahira afinal sob o peso da reprovação geral e sob o peso maior ainda da sua má consciencia, essa grande nação, desnorteada, duvidando de si, duvidando do direito, revoltada ainda, mas já inclinada á contrição, foi buscar ás suas placidas cathedras de Edimburgo e Aberdeen aquelles mestres graves e meditativos e quiz fazer d'elles seus directores espirituaes. Precisava com effeito d'uma direcção prudente e temperada e de ser aplacado pela voz dos sabios aquelle espirito dorido mas sempre inquieto. Servia-lhe, n'aquella hora de incerteza, o ensinamento humano e calmante dos pensadores da Escocia. Mas como a França, que imita quasi sempre, é sempre original na sua maneira de imitar, succedeu que o discipulo não tomou do mestre senão aquillo que lhe agradou e pareceu convir-lhe. Tinha por outro lado em casa, na tradição do seu grande seculo XVII, alguma coisa que se parecia um pouco com as doutrinas dos Escocezes e que, em todo o caso, ia bem com ellas: tinha Descartes, Malebranche, Fénelon. Misturando uma coisa com a outra, criou aquelle producto curioso e bem francez, fragil mas elegante, de pouco peso mas de boa apparencia e util commodo: o espiritualismo do seculo XIX. Não desdenhemos todavia d'esse espiritualismo. A fé philosophica de homens como Royer Collard, Maine de Biran, Jouffroy, Cousin, Ravaisson, não é para provocar desdens. Inspirou um grande e brilhante cyclo litterario: amparou milhares de consciencias vacillantes, n'um periodo de transição cheio de incerteza, de amargos pezares, de inquietas aspirações: criou uma escóla de moralistas eloquentes: identificou-se com as causas mais nobres, pugnando pelo direito e pela liberdade dos po-

vos: forneceu o pão do espirito, não só em França mas por toda a Europa latina, a duas gerações por certo não indignas da historia. Nada d'isto é para provocar desdens. Mas, em summa, esse espiritualismo nunca chegou a ser uma philosophia. Em primeiro logar, não tem methodo. Eclectismo para uns, psychologia para outros, ora invocando o processo da analyse intima (os famosos *factos de consciencia*), ora o processo historico, ficou sempre no estado de tendencia, sem poder definir rigorosamente a sua verdadeira direcção. Depois, o que é uma philosophia que se concentra toda no estudo do homem moral e n'uma ontologia de mythos e abstracções realisadas, Deus, a alma, o finito, o infinito? Dir-se-hia que para taes philosophos não existiam corpos, nem natureza, nem leis naturaes. O espiritualismo de Descartes, justamente porque era systematico e porque era de natureza metaphysica, levou-o á physica, procurando aquella intelligencia penetrante encontrar alli a comprovação dos seus principios transcendentes, e encontrando-a, pois foi um dos fundadores da physica moderna. Estes seus pretendidos discipulos, não sendo nem metaphysicos nem systematicos veem-se condemnados a ignorar o universo real, que entregam, como coisa estranha á philosophia, aos homens de sciencia, escapando-lhes assim a comprehensão e até quasi a noção das idéas capitaes do espirito moderno. Comprehende-se a indifferença ou o desdem com que o espiritualismo da escóla de Cousin foi sempre olhado pelos homens de sciencia. Nada lhes dizia: era para elles, segundo a expressão de Taine «uma philosophia litteraria.»

Mas essa psychologia, na qual, a bem dizer, se concentrava isso a que os espiritualistas denominavam tão vaga quanto ambiciosamente «as sciencias philosophicas» (como se todas as sciencias não fossem philosophicas, ou houvesse algumas que o fossem mais especialmente), era ella ao menos uma verdadeira sciencia? E, suppondo a affirmativa, por que razão ainda assim seria ella, essa sciencia d'um mundo tão particular de phenomenos, a reguladora de todos os nossos conhecimentos e a chave da abobada da philosophia? Mas a psychologia, tal como os

espiritualistas a conceberam, nem sequer era uma sciencia. O seu methodo, a analyse intima e immediata, é uma pura illusão: ninguem póde *sentir* e estudar ao mesmo tempo *scientificamente* os proprios sentimentos. E depois, quando podesse, onde estava a verificação? como era ella possivel? Os famosos «factos de consciencia» reduzem-se pois a um certo numero de affirmações fundamentaes do senso moral ou de operações simples, constantes e frequentes do entendimento, do sentimento ou da vontade, chão mil vezes trilhado, mil vezes explorado, desde a antiguidade, por philosophos, moralistas, litteratos e poetas, e onde por certo não ha descobertas a fazer. Resta a ideologia propriamente dita: mas n'esse terreno, que os levaria á metaphysica, nunca os espiritualistas ousaram dar um passo. Finalmente, o seu dualismo, em vez de ser, como o de Descartes, preciso e fecundo em applicações, porque radical e systematico, é vago e por conseguinte esteril. O seu Deus é um Deus de poetas, não de philosophos. E nem bem de poetas: faltou-lhes, para o fazerem tal, o vigor da imaginação rica e independente, o calor do sentir virgem, a liberdade do grande sonho poetico. Por um ladó, a religião positiva constrangia-os, obrigava-os a uma prudente reserva: pelo outro, as sciencias, pouco credulas, intimidavam-nos, gelavam-nos. Só poderam produzir um mytho de escóla e um simples Deus official.

Quer isto dizer, por conseguinte, que seja de pouco alcance e pouco peso o protesto lavrado pelos espiritualistas, em nome da consciencia, contra as tendencias fatalistas e o panlogismo da nova philosophia allemã? De modo algum. Para fallar em nome da consciencia humana lesada, não é necessario ser-se philosopho. Tal protesto, ainda na bocca do homem mais rude, deveria sempre ser escutado com respeito. A auctoridade das consciencias não se pesa na balança das escólas. Para fallar em nome do que é essencialmente humano basta ser-se homem. Mas, além d'isso, esses que erguiam a voz contra as temeridades da nova philosophia allemã eram não só intelligencias cultissimas, mas altos e nobres espiritos muitos d'elles, caracteres rectos, homens em quem a humanidade podia bem de-

legar os seus poderes e achar-se dignamente representada. Tanto bastava e era até já de sobejo. A verdade é que, no fundo d'esta questão de philosophos, estava uma questão humana, de larga e fundamental importancia humana. A metaphysica, na sua absorvente dialectica, é atreita a esquecer que os individuos não são abstracções, simples determinações logicas d'uma idéa, mas sêres reaes, autonomos, cujo principio de acção reside nas profundezas da sua propria natureza, constituindo um verdadeiro *em si*, distincto e irreductivel, e não um momento transitorio de alguma substancia só e verdadeiramente existente na sua vaga universalidade. Pelo menos, tal tem sido sempre a universal affirmação da consciencia humana, e não parece que dialectica alguma possa destruir no homem este intimo e energico sentimento. Mais do que outro qualquer systema metaphysico, o da nova philosophia allemã, arrastando e como que triturando todos os sêres na sua poderosa engrenagem, substituindo á realidade a dialectica, parecia annullar os individuos, fundidos na absoluta unidade do sêr-idéa, e supprimir a liberdade como incompativel com a necessidade logica dos desenvolvimentos d'esse sêr. Por muito profunda que fosse a concepção hegeliana da historia, da politica, da ethica — e era-o, sem duvida alguma —, por muito subtis que fossem as suas distincções — e eram-no tambem —, esta objecção surgia irresistivelmente e, ainda quando não ia até condemnar o systema em globo, apontava em todo o caso para uma lacuna gravissima, um aleijão de nascença que tornava suspeita a sanidade de todo o organismo. E, torno a dizel-o, essa objecção não era só philosophica: era *humana:* d'ahi a sua grande força. Em face d'essa necessidade superior dos desenvolvimentos do sêr-idéa, substituindo-se nos individuos ao seu principio intimo de acção, onde ficavam, o que eram o esforço intrepido dos heroes, as luctas secretas da virtude e os seus dolorosos triumphos, a abnegação sublime dos martyres, a renúncia voluntaria dos bons e dos justos, onde ficava o dever e a liberdade e toda a nobreza moral que estas duas palavras exprimem? Coisa curiosa, aqui n'esta profunda região do senso in-

timo e da verdadeira realidade humana, os espiritualistas, pouco philosophos, nada metaphysicos, pareciam representar mais genuinamente essas idéas de *força* e *immanencia*, de que o Hegelianismo é a mais vasta e poderosa systematisação, do que o mesmo Hegel e o seu systema!

Dentro de que limites exactos têm razão os espiritualistas contra a metaphysica? É o que logo verei se posso precisar. Mas abre-se aqui uma questão mais vasta. Esse protesto da consciencia abrangia não só a philosophia transcendental dos allemães e, em geral, toda a metaphysica systematica, como, por outro lado, as tendencias mecanistas e deterministas das sciencias. Era pois uma verdadeira crise do pensamento contemporaneo que se manifestava. Metaphysica e sciencia, uma pelo caminho da deducção, a outra da inducção, chegaram ambas a um resultado, que, aos olhos dos espiritualistas — representantes n'este particular, deve reconhecer-se, do sentir mais geral da maioria não philosophante mas entretanto pensante — parece pôr em risco as verdades mais caras ao sentimento moral e dever envenenar as mesmas fontes da vida espiritual dos homens. A crise póde exprimir-se por esta antithese: espiritualismo e liberdade, d'um lado, mecanismo e determinismo, do outro. Poderá resolver-se esta formidavel antithese? E, se não póde, onde fica então aquella synthese do pensamento moderno, que eu atraz não só declarei possivel mas até annunciei como altamente provavel? Talvez o problema não seja tão difficil como parece á primeira vista. Em todo o caso, antes de entrarmos no coração d'elle e de nos precipitarmos *in medias res*, convirá examinar mais de perto a situação presente e vêr com que elementos devemos contar.

Os dois factos mais consideraveis da historia da philosophia na segunda metade do seculo actual são, por um lado, o descredito da especulação metaphysica systematica e das ambiciosas construcções *a priori*, e o consequente predominio do processo inductivo e do espirito scientifico; por outro lado, a transformação ou antes visceral renovação do caduco espiritualismo, retemperado no criticismo Kantiano e n'uma psychologia

de tendencias verdadeiramente scientificas. Dois factos do maior alcance. Comecemos pelo primeiro.

O descredito em que cahiu o *a-priorismo*, representado sobretudo pela «philosophia transcendental» dos allemães, era justificadissimo. Já atraz disse o que ás suas exorbitantes pretensões oppunha tenazmente o espirito scientifico. Accrescentarei agora que, ainda no campo dos metaphysicos, elle provocava, e com razão, vivos protestos. Não está tudo, com effeito, em admittir a «identidade do sêr e do saber», esse como que dogma da moderna metaphysica. Para que, em virtude d'essa identidade, nos considerassemos auctorisados a extrahir do *saber* (a razão), deductivamente e sem recorrer a outra fonte do conhecimento, o *sêr* (o mundo objectivo), fôra ainda necessario que essa razão, que *se sabe*, se soubesse completamente e com igual segurança e nitidez em todas as suas espheras, de tal sorte que não só visse em si mesma o *sêr*, (o que se admittia), mas o visse igualmente claro em todos os seus elementos e na ordem e relações necessarias d'elles. Ora era isso o que não se admittia. A razão não tem de si mesma esse conhecimento total e infallivel. Seria sempre temerario suppol-o; mas a temeridade tomava proporções inauditas em contemporaneos e discipulos de Kant, do homem que, vindo depois de mais de 2:500 annos de sondagem philosophica do entendimento e tendo chegado mais ao fundo do que todos os seus antecessores, acabava de mostrar quanta incerteza e quanta ignorancia se envolve n'esse conhecimento que a razão tem de si propria. A verdade, tudo o attesta, é que a razão só imperfeitissimamente se conhece: com uma certa intimidade, só nos seus elementos fundamentaes, nas suas grandes faculdades e noções. E, se ella é a expressão superior do sêr, isso mesmo nos leva a crêr que, immensa como deve ter sido a sua evolução até esse ponto culminante, estará tão longe d'aquella região inferior, que é o mundo objectivo, (e ainda do subjectivo das sensações, das paixões e dos sentimentos, que para a razão é tambem *objecto*), que a noção dos estados obscuros e rudimentares d'onde partiu, mas que lhe ficam tanto para traz, se deve ter obliterado e

confundido na sua actual consciencia superior: da mesma fórma, se é licita a comparação, que um homem adulto só muito vagamente conserva a noção (quando a conserva) das idéas e sentimentos da sua primeira meninice. Evidentemente a metaphysica, arrastada no vôo da poderosa imaginação poetica allemã, extraviara-se e era necessario chamal-a cautelosamente ao bom caminho.

Mas este descredito das grandes construcções *a priori* não significava falta de confiança no poder e auctoridade da razão, nem implicava uma renúncia á especulação e á philosophia. Pelo contrario, póde bem dizer-se que um recrudescimento de espirito philosophico é uma das caracteristicas da segunda metade do nosso seculo. Sómente, a par com esse recrudescimento, dá-se uma mudança no temperamento da philosophia: de metaphysica torna-se scientifica; de transcendental, realista; de deductiva, inductiva. Querem-se idéas, mas que as idéas se adaptem o mais perfeitamente possivel aos factos, não que pairem, em largo vôo, por cima d'elles. É esta nova tendencia que se patenteia na *Philosophia Positiva* de Augusto Comte, na *Philosophia da Evolução* de Herbert Spencer, na *Logica* de Stuart Mill, no livro *Da Intelligencia* de Taine e n'outras obras consideraveis d'este tempo. Procura-se chegar á synthese pelo caminho da inducção; procura-se até construir a metaphysica partindo da experiencia só e dos factos. Todos almejam por imprimir á especulação um caracter positivo.

E se os philosophos se fazem homens de sciencia, os homens de sciencia dão-se resolutamente a philosophar. As sciencias, no decurso do seculo actual e particularmente depois de 1830, tendo completado o seu immenso quadro collectivo e senhora cada qual das idéas fundamentaes e do methodo proprio da ordem de phenomenos que estuda, adultas, apoiando-se umas nas outras e cada uma na base prodigiosa de myriades de factos accumulados e classificados, as sciencias acharam-se robustas bastante para emprehenderem no seu proprio terreno uma larga generalisação, concatenando entre si os seus principios capitaes. Ou antes, esta generalisação e systematisação

dos principios das sciencias fez-se por si e espontaneamente, saiu como que por um processo organico do mesmo desenvolvimento do espirito scientifico chegado á sua idade adulta e tomando plena consciencia de si mesmo. Brotou assim, do chão das sciencias, como seu espontaneo producto, uma philosophia da natureza bem diversa d'aquella a que os metaphysicos nos tinham acostumado. Se na outra circulava um sopro de idealismo, que tudo penetrava e vivificava, n'esta o realismo é o caracter dominante, é a sua mesma alma. Filha da sciencia, reproduz as feições da sua austera mãe. D'essas feições a mais fundamental é o mecanismo. A sciencia é levada, pela mesma natureza das faculdades que a geram, a procurar os elementos irreductiveis dos phenomenos complexos, decompondo a apparencia enganosa das coisas e resolvendo-a em factos ultimos, os unicos que podem ser apreciados com rigor, até ao ponto de entrarem em formulas mathematicas, expressão completa da perfeição scientifica. Explica pois o complexo pelo simples.

Mas esses factos ultimos, justamente porque foram despojados das *qualidades segundas* que revestem nos phenomenos, cáem completa e exclusivamente no dominio da mecanica. O residuo objectivo de toda a sensação é sempre, em ultima analyse, um movimento: os factos ultimos da sciencia são pois simples movimentos, forças elementares, nada mais. Tal é a razão da inevitavel tendencia mecanista da sciencia, tendencia que uma philosophia scientifica da natureza não podia deixar de reproduzir. Mas do mecanismo sae necessariamente o determinismo, e é essa com effeito a segunda feição caracteristica que a nova philosophia da natureza herdou da sciencia, sua mãe. O mundo da mecanica é o mundo da necessidade. Reina alli, d'uma maneira absoluta, o principio da causalidade mecanica. Não se concebe movimento que não tenha atraz de si outro movimento: nenhum se cria, assim como nenhum se destroe. Uma acção é provocada por outra e a sua intensidade é medida pela intensidade da que a provocou. Tudo alli se passa segundo leis simples e ferreas, nem ha lá logar para o acaso ou a Providencia, assim como o não ha para a espontaneidade:

uma série de factos chama outra série de factos, e os phenomenos succedem-se n'uma ordem invariavel e fatal, ordem que por isso mesmo póde ser rigorosamente conhecida, descripta e prevista. A precisão da sciencia funda-se n'esta ancora, e uma philosophia scientifica da natureza tinha de ser determinista, pela mesma razão por que tinha de ser mecanista.

Se os factos ultimos a que a sciencia chega, como ao seu fundo alicerce, são simples e uniformes, os phenomenos que d'elles resultam é que são todavia complexos e variadissimos. Mas esse mundo phenomenal, multiplo nos seus aspectos, é ao mesmo tempo regular. Os phenomenos apresentam-se em séries, e estas conservam-se entre si n'uma ordem determinada. As séries encadeiam-se e succedem-se, sahindo cada uma da anterior e apoiando-se n'ella. O mais simples precede o mais complexo, este é uma transformação d'aquelle. A fórma geral do universo é pois a d'uma evolução. As sciencias, na sua série hierarchica, desde a mathematica até á sociologia, representam abstractamente essa evolução e, como um espelho, reflectem a ordem e desenvolvimento do mundo phenomenal. Uma philosophia scientifica da natureza tinha pois de ser uma philosophia evolucionista, e é esta com effeito a terceira feição caracteristica da grande generalisação scientifica dos nossos dias. Mas ha duas maneiras de comprehender a evolução. A dos metaphysicos allemães caminhava sim do simples para o complexo, mas ajuntando, em cada momento da evolução, ao typo inferior, para o fazer passar a superior, um elemento novo, um *augmento de ser*, que lhe provinha da virtualidade infinita da *idéa* (da substancia) no seu processo de desenvolvimento. A evolução tinha pois, segundo elles, um conteúdo verdadeiro, era essencialmente substancial. Para a philosophia scientifica da natureza, porém, não ha tal virtualidade, visto não haver tal *idéa*. O seu ponto de partida não é nenhuma substancia metaphysicamente concebida e préviamente dotada de um poder de renovação incessante de si mesma nas suas manifestações, mas sim só aquelles factos ultimos da sciencia, elementos mecanicos simples, nada contendo em si além da sua mesma natureza mecanica e

por isso destituidos de toda a virtualidade. Ella tem pois, fiel mais uma vez ao espirito da sciencia, de explicar o superior pelo inferior, o que equivale, no fundo, a reduzir o superior ao inferior, e de conceber o complexo como resultando puramente d'uma accumulação de simples, o que equivale ainda a admittir que o mesmo ajuntado ao mesmo produz o diverso. A evolução, n'este ponto de vista, é propriamente um estado progressivo de complicação e nada mais. É, por conseguinte, só formal. No fundo, a evolução, segundo a philosophia scientifica da natureza, é uma apparencia e nada contém em si de substancial: o substancial e o verdadeiramente existente são só aquelles elementos mecanicos de que tudo é feito, em que tudo se resolve e cuja complicação gera a phantasmagoria do mundo phenomenal. Arrastados nas espiraes sem termo de um turbilhão incessante, esses elementos chocam-se, reagem, aggregam-se e desaggregam-se, encadeiam os seus movimentos, combinam-se mais e mais: mas, considerados em si mesmos, conservam-se sempre simples, uniformes, inalteraveis e estranhos, por assim dizer, á diversidade e riqueza de aspectos que produzem, diversidade e riqueza que só são taes no espirito de quem as contempla, em si não existentes, puro phenomeno. Reduzido assim a uma illusão subjectiva o que dava á evolução a sua substancialidade, excluido qualquer augmento de ser, qualquer superioridade verdadeira, o universo, aggregado uniforme regido por leis mathematicas, dissolve-se n'uma vasta mecanica de forças elementares.

Esta concepção do universo, resultado da elaboração scientifica de quatro seculos, apparece-nos como alguma coisa simples e grandiosa e, ao mesmo tempo, tenebrosa e desolada. É immensa e todavia falta-nos o ar. É que esta concepção não é o producto harmonico de todas as faculdades do espirito humano, mas sómente o producto especial de certas. O que lhe falta é o que falta á intelligencia scientifica. A intelligencia scientifica, sendo positiva, tem de se collocar, e sem nunca sahir d'elle, no terreno dos factos; sendo precisa, tem de ir procurar debaixo dos phenomenos complexos e cambiantes aquelles ele-

mentos irreductiveis e constantes, os unicos susceptiveis de avaliação rigorosa; sendo realista tem de aceitar esses elementos taes como se lhe apresentam, sem indagar se n'essa idéa immediata que d'elles fórma não haverá porventura alguma grande illusão, se ella não envolve algum fundo problema ontologico, que lhe escapa. D'esta sua attitude em face da realidade resulta um ponto de vista limitado, o que quer dizer incompleto. É a experiencia no seu maximo de organisação, mas é sempre a experiencia. A base do seu edificio é estreita: generalisa impressões e d'ellas tira inferencias, mas os resultados mais elaborados d'esse processo lá trazem sempre o cunho da origem, que é sensual. D'ahi, o ponto de vista por excellencia sensual, o do mecanismo. O mecanismo é o maximo grau de abstracção de que a intelligencia é capaz dentro dos limites e com os dados da sensibilidade, mas é só isso. Reduzindo tudo, por este processo, a elementos mecanicos, reduziu tudo aos elementos primitivos da sensibilidade e nada mais. Limitou por conseguinte o sêr á sua esphera primeira e inferior. Por mais que faça e quanto mais fizer é só isso o que ha de achar no fundo do seu formidavel cadinho. O universo da sciencia, feito á imagem d'essa intelligencia que opéra só sobre dados primitivos e elementares, é pois um universo inferior e elementar: foi como que amputado dos seus orgãos mais nobres. É, pela mesma razão, um universo abstracto. A verdadeira realidade, concreta, viva, espontanea, falta-lhe: faltam-lhe as idéas superiores, as que alumiam, interpretando-as, as inferiores, as fornecidas pela sensibilidade. É por isso que as grandes explicações da sciencia, no fundo, nada explicam. Um profundo mysterio continúa a envolver o universo que ella acaba de explicar: o mysterio das idéas, que é o mysterio do que na consciencia está para além da sensibilidade, região obscura onde assentam essas explicações. Assim como o movimento, a que tudo reduz, é um movimento sem causa e sem fim, e a necessidade, a que tudo submette, é destituida de razão e incomprehensivel, assim tambem a evolução, em cuja espiral faz mover-se esse mundo cego e fatal, privada de verdadeira substancia, explicando o concre-

to pelo simples e reduzindo o superior ao inferior, não tem realidade propria e é, no fundo, uma apparencia vã e uma pura illusão subjectiva.

De tudo isto resulta uma concepção das coisas extremamente precisa, mas limitada á esphera inferior do sêr e por isso abstracta e inexpressiva. D'ahi o que quer que é de glacial e morto na sua lucidez. É um universo que se move nas trevas, sem saber porque nem para onde. Não o alumia a luz das idéas, não lhe dá vida a circulação do espirito. Paira sobre elle um mudo fatalismo. A inerte serenidade, que inspira a sua contemplação, é muito semelhante ao desespero. A sua belleza puramente geometrica tem alguma coisa de sinistro. Nada nos diz ao coração, nada que responda ás mais ardentes aspirações do nosso sentimento moral. Para quê, um tal universo? e para quê, viver n'elle? Nada alimenta tanto o morbido pessimismo dos nossos dias como este gelido fatalismo soprado pela sciencia sobre o coração do homem. Esta desoladora impressão quão bem a exprimiu o poeta das *Chimeras* n'estes versos admiraveis:

Dieu n'est plus! Tout est mort! J'ai parcouru les mondes,
Et j'ai perdu mon vol dans leurs chemins lactés,
Aussi loin que la vie, en ses veines fécondes,
Répand des sables d'or et des flots argentés:

Partout le sol désert côtoyé par des ondes,
Des tourbillons confus d'océans agités...
Un souffle vague émeut les sphères vagabondes,
Mais nul esprit n'existe en ces immensités.

En cherchant l'œil de Dieu, je n'ai vu qu'une orbite
Vaste, noire et sans fond, d'où la nuit qui l'habite
Rayonne sur le monde et s'épaissit toujours;

Un arc-en-ciel étrange entoure ce puits sombre,
Seuil de l'ancien cahos dont le néant est l'ombre,
Spirale engloutissant les mondes et les jours!

N'esse abysmo, « onde se engolfam os mundos e os dias », quantos hoje, desesperando das divinas promessas da voz interior, que tudo parece contradizer, não desejam afundar-se e sumir-se, esquivando-se á cadêa fatal dos sêres e fugindo para sempre ao phantasma gigante da necessidade e ás suas ferreas leis!

Mais si rien ne répond, dans l'immense étendue,
Que le stérile écho de l'éternel désir,
Adieu, déserts où l'âme ouvre une aile éperdue!
Adieu, songe sublime, impossible à saisir!

Et toi, divine Mort, où tout rentre et s'efface,
Accueille tes enfants dans ton sein étoilé;
Affranchis-nous du temps, du nombre et de l'espace,
Et rends-nous le repos que la vie a troublé.

LECONTE DE LISLE.

É pois um erro, uma illusão monstruosa esta concepção mecanica do universo, que resulta da grande synthese scientifica dos ultimos 40 annos? De modo algum. É uma verdade fundamental, mas circumscripta, positiva dentro dos seus limites, mas incompleta na medida da estreiteza d'esses limites. Já vimos que estes são os da mesma intelligencia scientifica. E assim como os dados empyricos sobre que opéra a intelligencia scientifica são o *substratum* sobre que assentam as mais altas operações da razão, assim a sua concepção mecanica será o *substratum* do conhecimento racional do universo. Esse quadro rigido do mecanismo universal exprime a dynamica das coisas no que ella tem de exterior e abstracto, por isso mesmo de simples e fixo. É necessario, porque é elementar: e, porque é elementar, é incompleto. Mas, em si, sendo a formula definitiva da experiencia, é verdadeiro, e verdade alguma superior póde prescindir dos dados positivos por elle fornecidos. Tal como é, representa um resultado enorme: a synthese do espirito moderno

no terreno do conhecimento scientifico. Outros elementos do mesmo espirito, que aqui faltam e que, pela propria natureza das coisas, aqui deviam faltar, mas que abundam n'outra esphera, virão amplial-o, fecundal-o, alumial-o com a penetrante luz transcendental, que necessariamente lhe fallece. Mas antes de vêrmos como isso póde realisar-se, viremo-nos agora para o outro grande facto philosophico contemporaneo acima indicado, a transformação do velho espiritualismo.

Anthero de Quental.

A PHILOSOPHIA DE TOLSTOI

Summario

Advertencia.

I — Aspiração ao bem, contradicção da vida — A vida segundo a sciencia — Erro d'essa concepção — A vida consiste na submissão á razão — A sua lei de actividade é o amor — Verdadeira natureza do amor — A vida eterna — Os soffrimentos humanos são um bem — A doutrina de Tolstoi é a doutrina de Jesus — Os seus mandamentos — Obstaculos á pratica da doutrina christã — A Igreja — Erros do seu ensino — Inutilidade da sua existencia — A doutrina christã não contraria a natureza humana — A renúncia á individualidade — O que é a fé — A pratica da doutrina christã é a que nos dá maior felicidade.

II — Significação da vida — Um equilibrio — O erro de Tolstoi está na negação do equilibrio das actividades oppostas da natureza humana e compromissos consequentes — Amor e repartição — A Igreja, confusão de instituições e principios — Um compromisso entre as duas tendencias oppostas da natureza humana — Explica-se a existencia da Igreja — A civilisação contemporanea — O seu erro capital, physiologicamente considerada, é o divorcio entre a natureza e o homem.

Estive na Russia no outomno de 1888 e, levado por uma viva admiração do romancista, visitei o conde Leão Tolstoi. D'essa visita, de que em outro logar dei conta [1], resultou o presente

[1] *Cidades e paizagens.* Porto, 1889.

estudo; pois procurava um romancista e encontrei um philosopho, levemente preoccupado das coisas de arte.

Para ir a Yassuya Polyand, habitação de Tolstoi, a dezenove kilometros de Tula, precisei de ser acompanhado por um interprete, pois não conheço a lingua russa e por essas terras nenhuma outra se falla. Cheguei cedo, cerca das oito horas da manhã, depois de uma hora de carruagem n'essas planicies infindas, correndo doidamente como só na Russia se sabe correr; e em breve, na pequena sala em que se juntavam um divan esfarrapado, instrumentos de lavoura, a tripeça de sapateiro e os retratos de Schopenauer e da condessa Tolstoi, n'esse canto desordenado, frio e sem arte, em que vagueava um perfume de trabalho e de pobreza, entrava a figura athletica do conde.

Disse-lhe em francez o que me trazia alli, a admiração das suas obras, e quando proseguia pedindo que me perdoasse não ter vindo acompanhado d'alguem que me apresentasse, bruscamente, interrompendo-me, perguntou — A sua profissão? — Proprietario e jornalista. — E a d'este homem? accrescentou apontando o interprete. — É meu interprete. — O que ha de melhor, disse severa e duramente, é pedir esmola; ser interprete já é melhor do que ser proprietario, mas ser proprietario é o que conheço de peor.

Não repetirei agora os pontos capitaes da discussão que teve origem n'estas palavras que, como disse, deixei escripta em outro logar; basta-me dizer que poupando-se a fallar dos seus romances, mostrando-me com ardente enthusiasmo a aldeia russa e sempre chamando a minha attenção ás coisas da agricultura e a materias culminantes da philosophia, Tolstoi terminou pedindo-me que lêsse a sua obra *Ma Religion*, e que depois lhe dissesse o que sobre ella pensava.

Cumpro agora o que então lhe prometti, fazendo o estudo presente a que juntei o estudo de *La Vie*, um dos ultimos livros de Tolstoi, publicado em francez já depois que estive na Russia. Pareceu-me que a identidade da materia requeria o estudo simultaneo.

Como ultima advertencia, devo ainda dizer que o primeiro

paragrapho é quasi litteralmente traduzido dos dois livros que deixo citados; de fórma que, se ha erro na exposição da doutrina, é de comprehensão e de logica na ordem por que liguei os pensamentos de Tolstoi, mas não quanto a cada um considerado separadamente. O segundo paragrapho, a critica da doutrina, é que inteiramente me pertence na substancia e na fórma.

I

A vida do homem, como individualidade, aspirando apenas ao seu proprio bem entre o numero infinito das individualidades semelhantes destruindo-se e aniquilando-se entre si, é um mal e um absurdo; e a verdadeira vida não póde ser esta.

Desde os tempos mais antigos o homem disse isto e os sabios da India, da China, do Egypto, da Grecia e de Israel exprimiram-se sobre esta contradicção intrinseca da vida da maneira mais clara e intelligivel. Desde a mais alta antiguidade o espirito humano procurou descobrir para o homem um bem de tal natureza que nem a lucta dos sêres entre si, nem os soffrimentos, nem a morte podessem destruil-o. E é na evidencia cada vez mais clara d'este bem do homem, bem indiscutivel e incapaz de ser destruido pela lucta, pelos soffrimentos e pela morte, que consiste todo o adiantamento da humanidade desde que conhecemos a vida.

Por mais que o homem procure persuadir-se e os outros lhe affirmem que a vida não póde ser feliz e racional senão além do tumulo, ou que só a vida individual póde ser feliz, repugna-lhe crêl-o. Sente no fundo do seu coração a necessidade irresistivel d'uma vida feliz e racional, e considera como um absurdo a que não tem outro fim senão a existencia d'além-tumulo ou o bem impossivel de adquirir da sua individualidade.

Viver para uma vida futura? Diz o homem. Mas se esta vida, esta unica amostra da vida que eu conheço, se a minha vida presente é absurda, longe de confirmar-me a possibilidade

d'uma outra vida racional, prova-me pelo contrario, que a vida na sua essencia é absurda.

Viver para si? Mas a minha vida individual é um mal e um absurdo. Viver para a sua familia? Viver para a communidade? Para a patria, para a humanidade mesmo? Mas se a vida da minha individualidade é desgraçada e absurda, o mesmo acontece á vida de qualquer outra individualidade humana; por conseguinte a reunião d'um numero infinito de individualidades absurdas e desarrazoadas jámais póderá formar uma unica vida feliz e racional. Viver isoladamente sem saber porque, fazendo o que os outros fazem? Mas eu sei que os outros, da mesma maneira que eu, não sabem porque fazem o que fazem.

Chega um tempo em que a consciencia reflectida começa a levantar-se acima das falsas doutrinas e o homem pára no meio da vida pedindo explicações.

Só aquelle que não tem relações algumas com os que têm um genero de vida differente do seu, e aquelle cujas forças estão occupadas n'uma lucta incessante com a natureza para sustentar a sua existencia physica, só esses podem crêr que os actos insensatos que praticamos constituem e encerram todo o dever da vida.

Viver não é o apparecimento no espaço e no tempo de determinada fórma e determinados movimentos, viver não é essa aggregação e desaggregação que chamaremos existencia; viver é qualquer coisa superior e independente d'essa existencia animal.

No nosso tempo, a doutrina dos escribas que se chama a sciencia, admitte como a unica verdadeira esta representação da vida que é a mais primitiva e a mais grosseira.

Não podemos definir a vida na nossa consciencia, diz esta doutrina; perdemo-nos examinando-a em nós mesmo. Esta concepção do bem, d'este bem cuja descoberta constitue a nossa vida, para a nossa consciencia é miragem enganadora; n'esta consciencia não podemos conceber a vida. Para comprehender a vida basta considerar as suas manifestações como consideramos todo o movimento da materia. Só por estas observações e

pelas leis que d'ellas resultam, encontraremos ao mesmo tempo a lei da vida em geral e a da vida do homem em particular.

E eis que esta falsa doutrina depois de ter substituido a concepção da vida completa do homem, d'esta vida de que elle tem consciencia, pelo que d'ella vemos, quer dizer, pela existencia animal, põe-se a estudar estas manifestações visiveis, primeiro no homem como animal, depois nos animaes em geral, nas plantas, emfim na materia, sustentando constantemente com isso que é a vida que estudamos e não algumas das suas manifestações sómente. Pouco e pouco esquecem o erro primordial que consiste em tomar a parte pelo todo e convencem-se completamente de que o estudo das propriedades visiveis da materia, das plantas e dos animaes é o estudo da vida, d'esta vida que o homem só reconhece na sua consciencia.

A perfuração das montanhas, as viagens á volta do mundo, a electricidade, o microscopio, o telephone, a guerra, o parlamento, a philantropia, a lucta dos partidos, as universidades, as sociedades scientificas, os museus, não é isto a vida? Toda a actividade febril e complicada dos homens com o seu commercio, as suas guerras, as suas vias de communicação, não é o mais das vezes senão a agitação insensata da multidão que se precipita e opprime no limiar da vida.

D'aqui a alguns seculos, a historia do que chamamos a actividade scientifica do nosso famoso tempo será materia fecunda de hilaridade e de piedade para as gerações futuras. Durante muitos seculos, dirão, os sabios d'uma parte occidental do grande continente achavam-se n'um estado de demencia epidemica: imaginavam possuir uma vida eterna de beatitude e occupavam-se em diversas elucubrações tendo por fim precisar, como, porque leis esta vida se realisará para elles, sem jámais elles fazerem coisa alguma nem se preoccuparem do que haveria a fazer para melhorar a sua vida particular. E o que parecerá ainda mais afflictivo ao historiador futuro — é que ha de achar que este grupo humano tinha tido um mestre que lhe tinha ensinado regras simples e claras, precisando o que tinham a fazer para tornar a sua vida feliz, e que as palavras d'este

mestre tinham sido commentadas por uns, no sentido de que viria sobre uma nuvem organisar tudo, por outros de que as palavras d'este mestre são admiraveis mas pouco praticas porque a vida humana não é tal qual a concebemos e por conseguinte não vale a pena occupar-nos d'ella; quanto á razão humana — deve concentrar-se no estudo das leis d'esta vida — sem se preoccupar do bem de cada homem.

Este estado de erro é porém transitorio na humanidade e no individuo, porque breve, por uma irresistivel evolução, a razão lhe indica nova via e lhe revela a verdadeira vida. Quando o homem observou que as outras individualidades são da mesma natureza que elle, que os soffrimentos o ameaçam, que a sua existencia é uma morte lenta, quando a consciencia reflectida produziu a decomposição da existencia da sua individualidade, então não póde mais pôr a sua vida n'esta individualidade em decomposição, deve forçosamente pôl-a n'esta nova vida que se abre diante de si.

A verdadeira vida do homem que se manifesta na relação entre a sua consciencia reflectida e a sua consciencia animal, não apparece senão quando renuncía ao bem da individualidade animal. Ora esta renúncia só tem logar quando a consciencia reflectida desperta. Mas o que é a consciencia reflectida? O evangelho de S. João diz que o Verbo «Logos» (Logos, quer dizer razão, sabedoria, Verbo) é o principio, que tudo está n'elle e procede d'elle; por conseguinte, a razão, o que determina tudo o mais, não póde de fórma alguma ser definida.

O erro ordinario da vida consiste em tomarmos pela vida humana a submissão do nosso corpo á sua lei, submissão visivel, mas que não é produzida por nós, emquanto que esta lei do nosso corpo se effectua n'elle, d'uma maneira tão inconsciente como na arvore, no mineral, no corpo celeste. Mas a lei da nossa vida, quer dizer, a submissão do nosso corpo á razão é uma lei invisivel, que não podemos vêr porque ainda não se effectuou, mas está em via de ser effectuada por nós em nossa vida. Só no cumprimento d'esta lei, na submissão da nossa natureza animal á lei da razão, com o fim de alcançar o bem,

consiste a vida. Quando não comprehendemos que o bem e a vida consistem n'esta submissão, quando fazemos consistir o bem e a vida na individualidade animal, privamo-nos do verdadeiro bem e da verdadeira vida e substituimos-lhes a existencia da nossa actividade animal, que é independente de nós e que por conseguinte não póde ser a nossa vida.

Só n'este movimento progressivo que procura o bem pela submissão á razão consiste a vida humana. Sem esta progressão na submissão, a vida humana segue as duas direcções visiveis da duração e da extensão e não é mais do que a existencia. Quando tem logar este movimento ascendente, quer dizer, esta submissão progressiva á razão, estabelece-se uma relação entre estas duas forças d'um lado e uma terceira do outro, e produz-se, segundo a resultante das forças, um movimento maior ou menor que eleva a existencia do homem nas regiões da vida.

Todos os raciocinios do mundo seriam incapazes de occultar ao homem esta verdade evidente e indiscutivel, a saber — que a sua existencia individual é qualquer coisa que morre, que tende a morrer e que por conseguinte a vida não póde residir n'esta individualidade.

O homem não póde deixar de reconhecer que a existencia da sua individualidade, a partir do nascimento e da infancia até á velhice e á morte, não é outra coisa senão um dispender contínuo e um diminuir d'esta individualidade que fatalmente termina pelo soffrimento e pela morte. Por conseguinte, a consciencia de que a sua vida reside na individualidade, que encerra em si o desejo de crescimento e de indestructibilidade e a aspiração ao bem não póde ser mais do que uma contradicção incessante.

Qualquer que seja o verdadeiro bem do homem deve forçosamente renunciar ao bem da individualidade animal; e esta renúncia é a lei da vida humana. Se esta lei não se cumpre livremente manifestando-se pela submissão á consciencia reflectida, cumpre-se á força em cada homem pela morte carnal do seu animal, quando, vergado ao peso dos soffrimentos, não deseja mais do que uma coisa: livrar-se do sentimento doloroso da sua

individualidade que morre e passar a uma outra fórma de existencia.

Pensa-se e diz-se ordinariamente que a renúncia ao bem individual é um acto de heroismo e uma acção meritoria. A renúncia ao bem individual não é nem uma acção meritoria, nem um acto de heroismo, é uma condição necessaria da vida do homem. Ao mesmo tempo que o homem se conhece como individualidade distincta do mundo inteiro, conhece tambem as outras individualidades, o laço que as une entre si; vê a illusão do bem individual e a realidade do unico bem capaz de satisfazer a sua consciencia reflectida.

O homem não póde deixar de reconhecer que renunciar progressivamente á sua propria individualidade e deslocar o fim da sua propria actividade, empregando-a em beneficio dos estranhos, é o que constitue o progresso da humanidade e dos sêres vivos que mais se aproximam do homem. A historia prova-nos, d'uma maneira irrefutavel, que o movimento da vida em geral não consiste na recrudescencia e no augmento da lucta dos sêres, mas pelo contrario na diminuição da discordia, no enfraquecimento da lucta, e que a vida não progride senão quando o mundo, submettendo-se á razão, passa da discordia e da inimizade á concordia e á união. Admittindo isto, não podemos deixar de reconhecer que os massacres, as guerras e a escravidão cessam e devem cessar; e que até mesmo começamos a domesticar os animaes e a alimentar-nos do seu leite e da sua carne em logar de os matarmos pela caça e poupamos a destruição do reino vegetal [1]. Vêmos que os melhores dos nossos similhantes reprovam a avidez de prazeres e pregam a temperança; vêmos que os homens mais eminentes, os que a posteridade admira, dão o exemplo do sacrificio da sua vida pelo bem dos outros. Vêmos que os conselhos da razão são apoiados pela historia da humanidade e pela sua vida presente.

[1] *Associação e concorrencia nos Estudos sobre a litteratura contemporanea*, do auctor.

E não é tudo. O homem possue um sentimento que lhe mostra a mesma coisa, d'uma maneira muito mais persuasiva e convincente do que a razão e a historia, e provindo por assim dizer d'uma outra origem; o homem descobre a mesma coisa nas aspirações do seu coração que o arrastam, como para um bem immediato, a esta mesma actividade que a razão lhe indica e que no seu coração se traduz pelo amor.

Affirmar que o homem não sente as necessidades da sua consciencia reflectida, mas sómente as da sua individualidade, é affirmar que os desejos brutaes, no augmento dos quaes empregamos toda a nossa intelligencia, se apossaram de nós e occultam aos nossos olhos a verdadeira vida humana.

Um sêr racional não poderia consagrar a sua vida á satisfação dos fins da individualidade. Não póde fazel-o, porque o fim a que tende a sua individualidade animal lhe é evidentemente inaccessivel. A consciencia revela-lhe outros fins que não só estão ao seu alcance, mas que a satisfazem plenamente.

A doutrina que sempre se chamou a sciencia do bem (o Evangelho) ensinou aos homens que em logar do bem enganador que procuram pela individualidade animal, em logar d'esse esforço sempre banhado de soffrimento e de dôr e que por isso condemna a existencia como absurda, em vez d'esse bem inattingivel podem obter immediatamente, onde se encontram e não n'uma época e logar determinados, o bem real imprescriptivel que sempre está ao seu alcance.

Todos os homens sabem, desde a mais tenra idade, que além do bem da individualidade animal, existe ainda um bem superior na vida; sabem que não só este bem não depende da sociedade dos appetites individuaes, mas cresce quanto mais completa é a renúncia ao bem da individualidade animal.

Todos os homens conhecem o sentimento que resolve todas as contradicções da vida humana e dá o bem supremo ao homem: este sentimento é o amor.

A vida é a actividade da individualidade animal submettida á lei da razão. A razão é a lei á qual deve ser submettida

a individualidade animal do homem para adquirir o seu bem. O amor é a unica actividade racional do homem.

A individualidade animal tende para o bem; a razão mostra ao homem a illusão do bem individual e só lhe deixa um caminho. A actividade n'este caminho é o amor.

A individualidade animal do homem reclama o bem; a consciencia mostra-lhe o miseravel estado de todos os sêres luctando uns contra os outros; mostra-lhe que o bem é inaccessivel á sua individualidade animal, que o unico bem que poderia estar ao seu alcance seria aquelle que não provocasse nem a lucta com os outros sêres, nem a interrupção da felicidade, nem a saciedade nem a apprehensão e o horror da morte. E eis que o homem descobre na sua alma um sentimento que é como a chave que só serve n'esta fechadura, um sentimento que lhe dá o bem que a razão lhe indica como unico possivel e que não só resolve a contradicção precedente da vida, mas em certo modo encontra mesmo n'esta contradicção a maneira de manifestar-se.

As individualidades animaes esforçam-se, para chegar aos seus fins, por se servirem da individualidade do homem; e eis que o sentimento do amor leva o homem a consagrar a sua individualidade ao bem dos outros sêres.

A individualidade animal soffre: e é justamente o allivio d'esses soffrimentos que fórma o principal objecto da actividade do amor.

Aspirando ao seu bem, a individualidade animal precipita-se a cada passo para o mal supremo, a morte, cuja apprehensão perturba todo o goso individual; e eis que o sentimento do amor não só dissipa esse terror mas leva ainda o homem a sacrificar inteiramente a sua existencia carnal ao bem dos outros.

Não é pelo amor d'um pai, d'um filho, d'uma mulher, de amigos, dos homens bons, como d'ordinario se julga, que os homens renunciam á individualidade, é unicamente pela consciencia do nada da existencia individual, da impossibilidade da felicidade d'essa existencia; por conseguinte, só renuncian-

do á vida individual o homem chega a conhecer o verdadeiro amor, a poder amar verdadeiramente o seu pai, o seu filho, a sua mulher e os seus amigos.

O sacrificio dos interesses immediatos da individualidade com a mira em alcançar o fim remoto d'esta mesma individualidade, como tem logar no falso amor que não se baseia na renúncia ao proprio individuo, este sacrificio é apenas a acção de preferir estas áquellas pessoas no seu interesse individual, não é o amor. Antes de tornar-se um sentimento activo, o verdadeiro amor deve ser um estado da alma. O principio do amor, a sua raiz, não é como d'ordinario se imagina um impulso de paixão que obscurece a razão; é pelo contrario o estado d'alma mais racional e luminoso e portanto o mais sereno e alegre; é o estado proprio das creanças e dos sabios. Esse estado é natural na creança; no homem feito só apparece e cresce na proporção da renúncia ao bem da individualidade.

O amor que não se baseia na renúncia á individualidade e na consequente benevolencia para os outros não é mais do que a vida animal; e esta vida está exposta aos mesmos males e a males ainda maiores que a vida sem este pretendido amor. Este sentimento de parcialidade, que se chama amor, não sómente mantem a lucta pela existencia e o esforço pelo prazer individual, mas obscurece a vida, activa a lucta, augmenta a séde de gosos para si e para outrem e o temor da morte propria e da morte de outrem. Antes de amar é preciso deixar de odiar, isto é, de fazer mal; devemos deixar de preferir uns aos outros pelo bem da nossa individualidade. Da mesma maneira que a planta não póde perguntar e não pergunta de que lado deve crescer, se a luz é boa e se não deve esperar outra melhor, mas aproveita a unica luz que se espalha pelo mundo e cresce para ella — assim o homem que renunciou ao bem da individualidade não se inquieta a saber quanto deve restituir do que tirou aos outros homens e a que sêres amados deve restituil-o, não se inquieta a saber se ha um amor preferivel ao que o solicita; mas abandona-se e consagra a sua existencia ao amor que está ao seu alcance e que vê diante de si. Este é o

unico amor que póde satisfazer plenamente a natureza racional do homem.

Esta relação racional do homem com o mundo, que se manifesta pelo amor, eis a vida, a vida eterna.

A vida é um movimento incessante. O homem que não muda as suas relações com o mundo, que fica no mesmo grau d'amor que tinha quando entrou na vida, sente a morte. Toda a sua existencia é uma morte contínua; vê-a e teme-a não só no futuro, mas no presente, cada vez que se manifesta a decadencia da vida animal, desde a infancia até á velhice. A marcha da existencia parece um augmento temporario das forças physicas, mas na realidade os membros endurecem-se, a flexibilidade e vitalidade do corpo diminuem, do nascimento á morte; dia a dia, hora a hora, a existencia declina e nada póde varrer do pensamento a idéa da morte.

Mas não é assim para o homem que comprehende a significação da vida. Esse sabe que trouxe á vida presente, de um passado que lhe é desconhecido, a sua relação particular com o mundo, quer dizer o seu amor por uma coisa, a sua aversão por outra. Sabe que estes sentimentos formam a essencia da vida e que o amor não é uma particularidade accidental da sua vida, mas aquillo mesmo em que faz consistil-a.

Para o homem que vê a sua vida onde ella reside verdadeiramente, affligir-se ao vêl-a diminuir pelas doenças e pela velhice é como se se affligisse por vêr diminuir a sua sombra ao aproximar-se da luz. Crêr que a destruição do corpo póde fazer cessar a vida, é imaginar que a desapparição da sombra de um objecto, desde que está á luz, é signal certo da sua destruição. Uma tal conclusão só póde ser admittida por aquelle que tanto tempo olhou para a sombra que acabou por tomal-a pelo seu objecto.

Se dérmos o nome de vida ao que realmente ella é, se a verdadeira vida é o principio de tudo, o seu curso não póde ser perturbado por modificações que sobrevenham na sua manifestação visivel. O movimento da vida do homem n'este mundo, movimento começado mas não acabado, não póde parar por

causa d'um abcesso, d'um microbio ou d'um tiro de pistola. A razão mostra-nos o principio supremo que constitue a vida e mostra-nos mais que esse principio, essa relação do homem com o mundo não começou quando nascemos, mas existe e existiu sempre.

Que importa comprehender a significação da vida?! O soffrimento physico, a dôr existe e existirá sempre.

Para o homem que faz consistir a sua vida na submissão da sua individualidade á lei da razão, a dôr não sómente deixa de ser um mal, mas é uma condição indispensavel tanto da sua vida animal como da sua vida racional. Se a dôr não existisse, a individualidade animal não perceberia as transgressões da sua lei, se a consciencia não experimentasse o soffrimento, o homem jámais conheceria a verdade e ignoraria a lei do seu sêr.

Todo o mundo dos homens e dos animaes soffre e não cessa de soffrer; as feridas, as mutilações, a fome, o frio, as doenças, os accidentes de toda a especie e principalmente o parto sem o qual nenhum de nós entrou no mundo — são as condições necessarias da existencia. Mas a diminuição, o allivio dos soffrimentos que fórma a essencia da vida racional, é para ahi que tende a verdadeira actividade da vida.

Só existe um soffrimento para o homem e é o que o obriga de boa ou má vontade a viver esta vida que lhe dá o seu unico bem.

Este soffrimento é a consciencia da contradicção que existe entre o meu estado de peccado e o de todo o mundo, e não só a possibilidade mas a obrigação de realisar por mim e não por intermédio d'um outro toda a verdade na minha vida e na do mundo. E não podemos minorar este soffrimento nem participando do peccado do mundo, nem fechando os olhos sobre o proprio peccado, nem ainda menos deixando de crêr não só na possibilidade, mas na obrigação, minha e não de outrem, de realisar a verdade na minha vida e na do mundo. Participando do peccado do mundo e fechando os olhos aos nossos peccados, só augmento o soffrimento; deixando de crêr na possibilidade e na obrigação de realisar a verdade na minha vida e na do

mundo, privo-me da força de viver. Este soffrimento só é suavisado pela consciencia e pela actividade da verdadeira vida que supprimem a desproporção, existindo entre a vida individual e o fim entrevisto pelo homem. De bom ou mau grado o homem vem a reconhecer que a sua vida não se limita á sua individualidade do nascimento á morte; vem a reconhecer o seu verdadeiro fim e procura realisal-o. Á falta de consciencia, o soffrimento que resulta do erro sobre a significação da vida conduz o homem pela unica estrada da vida, onde não ha obstaculos nem mal, mas um bem sempre crescente, que nada póde perturbar, que não teve principio e não póde ter fim.

Esta doutrina é a doutrina de Jesus, que os seus apostolos ensinaram e de que deduziram as regras moraes da existencia humana.

Cada homem, diz Jesus, possue além da consciencia da sua vida material, individual, e do seu nascimento carnal de um pai e de uma mãi, a consciencia do seu nascimento de cima (S. João, III, 5, 6, 7), a consciencia do que n'elle é livre, do que existe por si; é o que nasce de cima, do infinito, que chamamos Deus (S. João, III, 14-17); ora é isto mesmo, o que nasceu de Deus, este filho de Deus no homem, que devemos possuir e fazer crescer dentro de nós, para possuirmos a vida verdadeira. O filho do homem é filho *homogeneo* de Deus.

Todo aquelle que dentro de si elevar este filho de Deus acima de tudo e identificar a sua vida com elle, esse não alienará a verdadeira vida. Os homens alienam a vida porque não crêem na vida que está dentro d'elles e de que falla S. João no seu Evangelho, quando diz: «N'ella estava a vida, e a vida é a luz dos homens.»

Jesus oppõe á vida pessoal não a vida d'além tumulo, mas a vida commum que se funde com a vida presente. Segundo a doutrina hebraica, não podiamos salvar da morte a vida pessoal senão cumprindo a vontade de Deus, formulada na lei de Moisés. Só com esta condição a vida dos judeus deixava de morrer e passava de geração em geração no povo eleito de Deus. E n'este ponto a doutrina de Jesus differia da doutrina

hebraica, em que a primeira dava á humanidade o que a segunda reservava a um povo.

Na parabola dos trabalhadores da vinha (S. Matheus, XXI, 33-34), Jesus põe evidentes as coisas que levam o homem a tomar a sua vida pessoal pela verdadeira vida.

Uns homens que se estabeleceram no jardim cultivado de um proprietario imaginam que são seus inteiros senhores. E esta illusão foi para elles a fonte de uma série de acções insensatas e crueis de que lhes resultou o exilio, a exclusão da vida. É assim que cada um de nós imagina que a vida é a sua propriedade pessoal, que tem direito a ella e póde gosal-a como melhor lhe parecer, sem reconhecer obrigação alguma para quem quer que seja. E a consequencia inevitavel d'esta illusão é igualmente para cada um de nós uma série de actos insensatos e crueis, seguidos de catastrophes e da exclusão da vida. E assim como os trabalhadores da vinha matam os enviados e os filhos do proprietario, imaginando que quanto mais forem crueis, melhor garantia terão, assim nós imaginamos que á força de crueldade encontraremos melhores garantias.

A sentença inevitavel que fere os trabalhadores da vinha por se terem apoderado dos fructos do jardim, o exilio, é exactamente a mesma para os homens que imaginam que a vida pessoal é a verdadeira vida. A morte expulsa-os da vida, são substituidos pór outros; consequencia do erro que lhes fez desconhecer a significação da vida. Como os trabalhadores da vinha esquecem ou não querem recordar que receberam um jardim cercado de um muro e com um poço, que alguem trabalhou para elles e conta com elles para trabalharem por sua vez; assim aquelles que querem viver para si esquecem ou não querem lembrar tudo o que por elles foi feito durante a sua vida; esquecem que têm por conseguinte a obrigação de trabalharem por sua vez e que todos os bens da vida de que gosam são fructos que devem partilhar com outros.

Esta nova maneira de considerar a vida é a pedra angular da doutrina de Jesus; os homens devem comprehender e sentir que são devedores insolventes d'alguem como os trabalhadores

da vinha devem comprehender que são devedores insolventes do proprietario; esta divida insoluvel é contrahida pelas gerações de homens passados, presentes e futuros com aquelle que é o principio de tudo. Devem comprehender que cada hora da sua existencia é uma amortisação da divida e que todo o homem que por uma vida egoista repelle esta obrigação desliga-se do principio da vida e por conseguinte perde a vida. Cada um deve lembrar-se de que, esforçando-se por conservar a *sua* vida, perde *a* vida, o que Jesus repete muitas vezes.

A verdadeira vida é a que accrescenta alguma coisa ao bem accumulado pelas gerações passadas, que augmenta esta herança no presente e que a lega ás gerações futuras.

A pratica da doutrina de Jesus estabelece na terra o reino de Deus; e o reino de Deus na terra é a paz de todos os homens entre si. É assim que todos os prophetas hebreus concebiam o reino de Deus. A paz entre os homens é o maior bem na terra que esteja ao alcance de todos.

Assim o concebia e concebe invariavelmente o coração humano. Todas as prophecias promettem a paz aos homens.

Toda a doutrina de Jesus tem um unico fim: *dar o reino de Deus aos homens — a paz.*

No sermão da montanha, fallando a Nicodemus, instruindo os Discipulos, em todo o ensino, Jesus só falla d'isto, do que divide os homens, do que os embaraça de ter a paz — de entrar no reino de Deus. Todas as parabolas não são mais do que uma descripção do reino de Deus, e da unica maneira de lá penetrarmos que é amar os nossos irmãos e estar em paz com elles. S. João Baptista, precursor de Jesus Christo, diz que o reino de Deus se aproxima e que Jesus Christo o dará ao mundo.

Jesus diz que trouxe a paz á terra: S. João, XIV, 27 «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vol-a dou como a dá o mundo. Que o vosso coração se não perturbe, que não seja presa do temor.»

E eis que os seus cinco mandamentos dão, com effeito, a paz ao mundo. Todos elles têm este unico fim: a paz entre os

homens. Basta que os homens tenham fé na doutrina de Jesus, que a pratiquem para que a paz reine na terra, não esta paz que é a obra dos homens, parcial, precaria, á mercê do acaso, mas a paz geral, inviolavel, eterna.

O primeiro mandamento diz: «Que estejas em paz com todo o mundo, que não consideres ninguem como vil ou insensato; S. Matheus, v, 22. Se a paz fôr violada trabalha para restabelecel-a. O culto de Deus está todo na extincção da inimizade entre os homens, 23, 24. Reconciliai-vos á menor discussão, para não perder a paz interior que é a verdadeira vida.» N'este mandamento está tudo comprehendido; mas Jesus prevê as tentações mundanas que perturbam a paz entre os homens, e dá o segundo mandamento contra a tentação das relações sexuaes que perturbam a paz: Que não consideres a belleza do corpo como um instrumento de volupia; que te livres d'essa tentação; 28, 30, que cada homem tenha uma mulher, cada mulher um homem, e que jámais se separem sob qualquer pretexto, 32. A segunda tentação é o juramento que arrasta os homens ao peccado — sabe que é um mal e nunca te ligues por promessa alguma (34-37). A terceira tentação é a vingança que se intitula justiça humana; renuncía á vingança, não a exerças sob pretexto de teres sido molestado, supporta as offensas e não pagues o mal com o mal (38-42). A quarta tentação é a differença de nacionalidades, a hostilidade entre os povos e os estados — sabe que todos os homens são irmãos e filhos do mesmo pai; não rompas a paz com quem quer que seja em nome da nacionalidade.

Porque acontece porém que os homens não fazem o que Jesus lhes disse e que lhes daria a maior somma de felicidade possivel? De todos os lados me respondem: A doutrina de Jesus é admiravel e é verdade que, praticando-a, veriamos estabelecer-se na terra o reino de Deus, mas isso é difficil e por conseguinte impraticavel.

Desde que os homens entendem que uma coisa vale mais do que a outra, por mais difficil que seja fazem-na. Que póde pois significar: A doutrina de Jesus é admiravel, e a vida, segundo

a sua lei, vale mais do que a vida que temos, mas é impossivel realisal-a, porque é difficil.

Se a palavra « difficil » deve ser comprehendida no sentido de que é difficil renunciar á satisfação passageira dos nossos appetites para adquirir um *bem* maior, porque não dizemos que é difficil lavrar para ter pão, plantar uma macieira para ter maçãs? Cada sêr dotado da mais rudimentar razão sabe que é preciso supportar difficuldades para alcançar algum bem superior ao que anteriormente gosavamos. E de repente acontece dizermos: a doutrina de Jesus é admiravel, mas praticamente impossivel, porque é difficil. Dir-se-hia que nunca ouvimos que ás vezes vale mais supportar difficuldades e privações do que nada soffrer e satisfazer sempre os nossos appetites.

Deve haver n'isto qualquer concepção chimerica. Só uma concepção chimerica que toma o que não existe pela realidade e toma a realidade por qualquer coisa que não existe póde levar os homens a esta singular negação da possibilidade de praticar o que, confessam, lhes dá o verdadeiro bem.

A concepção chimerica que reduziu os homens a esta condição chama-se a religião christã dogmatica, a que é ensinada desde a infancia a todos os que professam o christianismo da Igreja conforme os differentes catechismos orthodoxos, catholicos e protestantes.

Eis o resumo d'essa doutrina: Um Deus pessoal que existe e existiu eternamente, lembrou-se de crear o mundo de espiritos. Deus creou esses espiritos para o bem, mas um d'elles espontaneamente tornou-se mau. Passou muito tempo e Deus creou outro mundo immaterial; creou tambem o homem, igualmente para seu bem. Deus creou o homem feliz, immortal e sem peccado. A felicidade do homem consistia em gozar a vida sem trabalho; a sua immortalidade consistia em que este genero de vida devia durar eternamente, a sua innocencia em que elle não tinha a noção do mal.

Este homem foi seduzido no paraizo pelo espirito mau e d'ahi nos vem a queda d'essa vida feliz e as doenças, os soffrimentos, a morte, a lucta physica e moral. O estado do homem

que trabalha, que soffre, que escolhe o bem e repelle o mal, que morre, este estado que é a realidade e fóra do qual nada podemos conceber, não é segundo a doutrina d'esta religião o estado normal do homem, mas um estado que não lhe é natural, um estado temporario, posto que dure desde toda a eternidade, antes e depois de Christo nas mesmas condições. Christo fôra mandado á terra para reintegrar os homens no estado de immortalidade, de innocencia e de ociosidade anterior ao peccado de Adão e pela sua morte e pelos seus soffrimentos resgatou o peccado.

A doutrina é breve sobre a parte pratica da redempção em virtude da qual, segundo Jesus, a terra teria recomeçado para os crentes a ser fertil sem trabalho, as doenças teriam cessado e os filhos teriam começado a nascer das mães sem dôres, porque é difficil assegurar aos homens extenuados pelo trabalho e assaltados de soffrimentos, por maiores que sejam as suas crenças, que o trabalho é leve e o soffrimento inoffensivo. Mas a parte da doutrina que proclama a abrogação da morte e do peccado é affirmada com redobrada força. Affirma-se que os homens continuam a viver e, como os mortos não fallam, toma-se como prova positiva a ausencia de negação; e affirma-se com mais solemnidade ainda que desde a vinda de Jesus á terra o homem que tem fé n'Elle está isento de peccado, quer dizer, que desde então o homem não tem necessidade da razão para escolher o que é melhor para elle, basta-lhe crêr.

Esta doutrina parece innocente, mas os desvios da verdade jámais são inoffensivos e são tanto mais graves quanto importante a materia a que se referem: e aqui a materia do erro é o homem na sua vida inteira.

O que n'esta doutrina se chama a verdadeira vida é a vida pessoal, feliz, ociosa, uma vida que ninguem conheceu porque não existe. E a vida, como vimos, não é isso.

Não são só estas as culpas da Igreja catholica na perversão da doutrina christã. Outras e muito graves vamos vêr.

A doutrina de Jesus, como toda a doutrina religiosa, contém duas partes: 1.ª uma parte moral, ethica, onde se ensina

como os homens devem viver cada um separadamente e todos juntos; 2.ª uma parte metaphysica em que se explica porque é preciso que os homens vivam assim e não d'outra fórma. Uma é a consequencia e ao mesmo tempo a razão da outra. O homem deve viver assim porque este é o seu destino, ou então: o destino do homem é este, por conseguinte deve viver assim.

Estas duas partes de toda a doutrina existem em todas as religiões do mundo, na religião dos brahmanes, de Confucius, de Buddha, de Moisés, como na religião de Christo. Mas aconteceu á doutrina de Jesus como a todas as outras, judaismo, buddhismo, brahmismo; os homens desviam-se da doutrina que regula a sua vida e apparece sempre alguem que se encarrega de justificar estes desvios. Esta gente que, segundo a expressão de Jesus, se senta na cadeira de Moisés, explica a parte metaphysica de tal modo que as prescripções ethicas da doutrina deixam de ser consideradas como obrigatorias e são substituidas pelo culto externo, pelo ceremonial.

(Continúa).

Jayme de Magalhães Lima.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

VII

OS TRATOS DA GUINÉ

Esmagado pela catastrophe de Tanger, perseguido pelas sombras do rei que matára e do moço irmão que morria torturado nas masmorras do mouro de Fez, vergando ao peso da animadversão do reino inteiro, D. Henrique, só dentro em si, no calor da fé em que ardia, encontrava força para reagir contra a enormidade da sua desgraça. Outro homem, por tal fórma victima da fatalidade, bateria contrecto nos peitos, e, como disse mais tarde Magalhães, esconder-se-hia para morrer « com sette varas de pano e umas contas de bugalhos » na serra de Ossa, que era já no seculo XV uma thebaida. Elle, não. Tinha o genio que, por successão collateral, renasceu em Carlos-o-Temerario, seu sobrinho, e mais afortunado do que este, esmagou a adversidade hostil. Tinha a energia animal preponderante, e oração, penitencia, contemplação e piedade, tudo isso transformava em trabalho ardente.

Não se escondêra em Sagres para gemer, passivo, a inele-

[1] Continuado da pag. 133, do numero de janeiro.

meneia da sorte: fugira para lá, porque a desforra do mundo inimigo havia de tiral-a persistindo no seu plano. Contra elle não valiam, nem o sizo da gente sabia e prudente, nem as queixas da gente sentimental, nem os escarneos da gente vulgar [1]. A sua idéa tinha duas faces como Jano: uma, a conquista de Marrocos, estava por agora prejudicada; mas não assim a outra, a descoberta maritima da costa d'Africa para o sul. Dando pois tempo ao tempo, fechou-se ainda mais em si, fechou-se de todo em Sagres, e formando o balanço do que havia feito, deitou-se a urdir as traças de novas aventuras. A sua villa ia pedra a pedra levantando-se do chão [2], os seus projectos tomavam gradualmente corpo. Sentia renascer-lhe uma vida nova e desfazerem-se pouco a pouco as sombras da sua alma, como os nevoeiros da manhã quando sobem e se dissipam ao aquecer dos raios do sol.

O passado era este: depois de doze annos de viagens successivas, em 1433, partíra de Lagos Gil Eannes, escudeiro do infante, e voltára das Canarias sem ter dobrado o cabo Bojador; mas no anno seguinte, reprehendendo-o D. Henrique por hesitar diante de « umas lendas boas para crianças », Gil Eannes foi de novo, passou o cabo, saltou em terra que achou deserta, e trouxe em signal d'ella « estas hervas, as quaes nós em este regno chamamos rosas de sancta Marya. » Largou de novo Gil Eannes na sua barca mais Affonso Baldaya n'um varinel, e, além do cabo, foram até á angra dos Ruivos. Em terra encontraram rasto de homens e camellos [3]. Em 1436 voltou Baldaya e desceu até á angra dos Cavallos onde desembarcou, ba-

[1] «Logo nos primeiros annos, vendo as grandes armações que o infante fazia com tamanhas despezas, deixavam o cuidado de suas proprias fazendas e occupavam-se em departir, o que pouco conheciam; e quanto a cousa tardava mais de vir a fim, tanto suas representações eram maiores. E o que peor era, que além dos vulgares do povo os outros maiores fallavam em ello casi por maneira de escarneo, tendo que eram despezas e trabalhos de que não podia vir proveito algum.» Azurara, *Conq. de Guiné*, XVIII.

[2] Depois de Tanger «o infante communalmente sempre estava no reino do Algarve por razão da sua villa, que então mandava fazer e as prezas que aquelles traziam descarregavam em Lagos.» Id. *ibid.*

[3] *Ibid.*, VIII e IX.

tendo n'um encontro os indigenas e regressando ao Algarve com redes de casca, dos gentios, por trophéos [1].

Eis-ahi o que se conseguira até á data funesta de Tanger. Comprehende-se, pois, que houvesse descrenças e murmurios. Os resultados não compensavam. Esporeado pela desgraça, obrigado a protrahir a idéa da conquista de Marrocos, o infante applicou todos os seus cuidados ás navegações. Alguns dizem ser d'esta época a vinda de Jayme de Mayorca para a escóla ou academia de Sagres. E Cadamosto põe logo em 1439 ou 40 a viagem de Diniz Fernandes, escudeiro do infante D. João, que teria descido na costa até á foz do Quedec ou Ouedec, Sanagá ou Senegal [2]. No anno seguinte partiram Antão Gonçalves e Nuno Tristão que, tendo ido até ao porto do Cavalleiro, voltaram com os primeiros captivos [3].

Esta viagem trazia um resultado positivo da exploração da costa africana. Sabia-se claramente já que nem o mundo acabava n'um mar tenebroso, nem as terras eram deshabitadas. Havia gente, portanto havia riquezas, sobre esses territorios vagos para que no direito do tempo se não encontrava dono, a não ser o papa, chefe de toda a christandade, suzerano de todos os principes, representante de Deus na terra, que de Deus era. Ao papa [4] mandou, pois, o infante D. Henrique uma

[1] Azurara, *Conq. de Guiné,* x; Barros, *Decada* I, 1, 5.

[2] *Naveg.,* rel. I, na *Coll. de Not.* da Academia, II. V. Goes, *Chron. do Pr. D. João,* e Barros, *Dec.* I, 1, 3.

[3] Azurara, *Conq. de Guiné,* XIV.

[4] Barros, *Dec.* I, 1, 4, diz Martinho V, erradamente. Martinho V governou a Igreja de 1417 a 1431. Em 1440, ou 1441, o papa era Eugenio IV (1431-49). V. em Sousa, *H. G., Provas,* I, 442, a bulla de Eugenio IV, 1445, confirmando as doações de D. Duarte e D. Affonso V ao infante D. Henrique e á ordem de Christo, da jurisdicção espiritual das conquistas. No mesmo tomo I, 444-5, v. tambem as doações do espiritual das ilhas e do ultramar, em 1449 e 1454, por D. Affonso V a D. Henrique, grão-mestre de Christo; bem como a pag. 446 a bulla de Nicolau V (1449-55) confirmando a doação de 1454, e a de Callisto III (1455-8) ratificando a precedente. É de 8 de janeiro de 1450 a bulla de Nicolau V concedendo a D. Affonso V a soberania em todos os territorios descobertos por D. Henrique, e de 1454 outra bulla do mesmo papa ratificando as descobertas á corôa portugueza.

embaixada, como Mestre da ordem de Christo, encarregando da missão o cavalleiro da mesma ordem Fernão Lopes de Azevedo. Pedia o infante ao papa que as terras descobertas fossem doadas á corôa portugueza, e que os rendimentos ecclesiasticos d'ellas se repartissem com a ordem de Christo [1]. As descobertas eram, com effeito, uma fórma nova de conquista, e as conquistas e descobertas, intimamente ligadas nas emprezas d'Africa, a continuação das Cruzadas nas quaes o papado exercêra uma especie de hegemonia sobre os principes christãos, para fóra dos dominios dos estados herdeiros do velho Imperio romano. Já para Ceuta, já para Tanger, o papa tinha emittido bullas de Cruzada, e portanto as pretensões do infante, embora novas, por se referirem a um caso tambem novo, filiavam-se naturalmente na tradição. Annuindo Eugenio IV ás propostas de D. Henrique, e confirmadas ao depois as primeiras bullas pelas de Nicolau V (1449-55) e Sixto V (1471-84), impetradas por Affonso V e João II, chegou-se á famosa sentença de Alexandre VI, em 1493, que dividiu entre Castella e Portugal todo o mundo desconhecido por um meridiano traçado 370 leguas a O. de Cabo-Verde: sentença, todavia, não reconhecida nem pela França, nem pela Hollanda, nem pela Inglaterra, os paizes que nos disputavam á Hespanha e a nós o imperio maritimo.

Antão Gonçalves tornou a Africa, visitando esse golfo que lhe pareceu um rio e a que chamou do Ouro, porque de lá trouxe ouro em pó, mais escravos, e ovos de emma «que vieram um dia á mesa do infante tres iguarias d'elles tão frescos e tão bons como se foram de algumas outras aves domesticas» [2]. Já os maldizentes não escarneciam nem desdenhavam das emprezas de D. Henrique. «Constrangidos pela necessidade, confessavam sua mingua, havendo-se por nescios pelo que antes não conheceram, pois manifestamente diziam que o infante não podia ser senão que era outro Alexandre, e d'ahi a cobiça começava-lhes a crescer, vendo as casas dos outros cheias

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XV; Barros, *Dec.* I, 1, 7.

[2] Azurara, *ibid.*, XVI.

de servos e servas e suas fazendas acrescentadas » [1]. Deve reconhecer-se que é este o momento em que a vida nacional muda de rumo. O ouro e os negros arrebatam-na. Denuncia-se a febre da cobiça; e todos os motivos antigos de acção collectiva ficam obliterados, ou pelo menos subalternisados, por este outro motivo — norte que o infante D. Henrique, dobrado sobre os seus mappas, esquecido das torturas de Tanger, aponta fatidicamente ao povo portuguez, indica propheticamente ás nações modernas: o norte da conquista nova, utilitaria e chrematistica da Terra, convertida em concessão a explorar pelos homens [2].

*
* *

Desde a tomada de Ceuta, havia já mais de um quarto de seculo que Lagos se tornára o centro de uma navegação activa para a costa fronteira. Os algarvios serviram sempre com seus corpos e navios na guerra dos mouros [3]; e em parte alguma do reino soavam mais alto os trabalhos do infante. Agora que se viam os resultados positivos da navegação e do resgate do rio do Ouro, cumpria dar um novo impulso ás expedições e ampliar-lhes os recursos para assegurar o exito. A novas emprezas tinham de corresponder instituições novas. Emquanto o empenho era conquistar terras á moda antiga, as formulas das velhas doações, ainda usadas nas ilhas atlanticas, serviam para conso-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XVIII. — Barros, *Dec.* I, 1, 8, diz assim: « Porque das guerras passadas entre este reino e o de Castella e assim das idas de Ceuta e Tanger e outras despezas e lançamentos de fintas, estava a gente tão necessitada, que com grande trabalho se podia manter. »

[2] Gaspar Fructuoso, nas suas *Saudades da terra*, diz do tumulo do infante D. Henrique, na Batalha, o seguinte:

« Tem por divisa este Infante D. Henrique huma sepultura dourada e humas bolças e lettras douradas, tudo já gastado; e dizem ter isto assi por ser elle o per cuja industria se descobrio a mina da qual veio e vem a Portugal muito ouro. » (Pag. 9 da ed. Azevedo). A descoberta da Mina foi posterior á morte do infante, mas não assim o *resgate* do ouro que já se fazia na costa de Arguim.

[3] Azurara, *Conq. de Guiné*, XLIX.

lidar os feitos da cavallaria e da fé; porém agora não se procurava assentar o dominio em terra, mas sim desfloral-a apenas, saqueando as costas, fazendo escravos, *resgatando* nos productos do sertão: sobretudo em ouro! Espontaneamente se repetia a historia; e as barcas e varineis de Lagos iam como tinham ido, em remotas idades, as gaulos do carthaginez pelas costas atlanticas da Hespanha caçar escravos, e até ao mar do norte, ás Cassiteridas, buscar estanho. E se d'estas excursões maritimas veio a extensão do imperio á cidade em que os Barcas reinavam, como depois reinou D. Manoel em Portugal, primeiro negociante n'uma republica de mercadores: tambem nos veio a nós, das excursões ao longo d'Africa, o dominio sobre essa parte enygmatica do mundo, *Africa portentosa* segundo a tinham denominado os romanos. Espontaneamente, formava-se tambem, para uma acção determinada por motivos novos, a fórma nova das companhias.

Imitadas, sem duvida alguma, das companhas dos pescadores, as sociedades de navegação e commercio, que tiveram na companhia de Lagos o seu primeiro typo, provaram ser instituições tão adequadas á exploração precaria e arriscada das regiões ignotas, que todas as nações coloniaes fizeram como nós, ampliando e desenvolvendo o typo, a ponto de o transformarem em molecula politica de uma nação, qual foi a Hollanda, federação de companhias ultramarinas, ou em alicerce da riqueza publica, fundamento de um imperio, como succedeu na Inglaterra com a companhia das Indias orientaes.

Taes consequencias estavam implicitas na primeira companhia fundada em Lagos pelo infante, para o resgate do rio do Ouro. Conferida a soberania á corôa portugueza pelo papa, o rei doára a D. Henrique o quinto de todas as producções trazidas ao reino pelos exploradores das regiões novas, onde ninguem podia ir com navio armado sem especial permissão do infante concessionario [1]. O mar era o seu dominio, exclusivo como um couto, *mare clausum*. Os iniciadores da companhia de Lagos para a

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XVIII.

Africa foram Lançarote, almoxarife do rei e antigo escudeiro do infante; Gil Eannes, o velho marinheiro que dobrára o cabo Bojador; Estevam Affonso, homem nobre que depois veio a morrer nas Canarias; Rodrigo Alvares, João Bernaldes e João Dias, armador de navios. Cada um dos seis commandava a sua caravella bem armada em guerra. Pela primeira vez partia uma esquadra: até ahi tinham ido apenas barcos de pesca [1].

Pela primeira vez, tambem, nos tempos modernos, os exploradores de Lagos praticaram em regra a caça de escravos. Descendo a costa até ao cabo Branco, o theatro das suas façanhas foi aquella depressão da terra, limitada ao sul pelo cabo do Resgate e pela bahia de S. João. Ao norte, junto de Arguim, fica a ilha de Naar, ao sul a ilha de Tider ou Tidra: em ambos estes pontos cahiram sobre as populações miseraveis. Saltando em terra e vendo que os mouros fugiam com as mulheres e os filhos, «chamando por Santiago, San Jorge e Portugal davam sobre elles, matando e prendendo quanto podiam.» Viam-se as pobres mães desamparar os filhos e os maridos as mulheres, trabalhando cada qual de se salvar. Uns afogavam-se no mar, outros, com uma simplicidade de rezes, escondiam-se nas suas cabanas, outros mettiam os filhos debaixo dos limos e algas. «E emfim Nosso Senhor Deus, que a todo o bem dá remuneração, quiz que pelo trabalho que tinham tomado por seu serviço aquelle dia cobrassem victoria de seus inimigos e galardão e paga de seus trabalhos e despezas, captivando d'elles, entre homens, mulheres e moços, cento sessenta e cinco, afóra os que morreram e mataram [2].» Isto foi na ilha de Naar: na de Tider repetiu-se o feito, vindo para Lagos ao todo duzentos e trinta e cinco captivos, dos quaes o quinto pertencia ao infante D. Henrique [3].

O desembarque dos carregamentos de escravos em Lagos é um quadro effectivamente novo, que nos transporta em imaginação aos tempos remotos. A escravidão historica, filha prin-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XIX.

[2] *Ibid.*

[3] *Ibid.*, XX, XXI.

cipalmente da guerra, porque as suas outras origens tinham cahido condemnadas pela philosophia na Antiguidade e pela caridade christã nos tempos modernos, não tinha já na população portugueza do seculo XV mais do que um papel subalternissimo. Reconhecido porém ainda na lei esse facto que reduz o homem á condição miseravel de coisa, a exploração da Africa ia darlhe rapidamente um papel decisivo, não só para a população do reino, como para a economia das suas colonias. Ás companhias de navegação junta-se, pois, o trafico dos escravos, na série dos phenomenos sociaes novos que espontaneamente sahem da iniciativa energica d'esse homem, em cujo cerebro renascia o genio mercantil de Hannon e o genio militar de Annibal.

Na praia de Lagos, o infante a cavallo presidia ao desembarque e á partilha. O campo em volta escurecia com a gente apinhada para assistir ao estranho espectaculo; e o ar cortado pelos gemidos dos miseraveis corria, levando a noticia do grande facto que se consummava. Os captivos desciam dos bateis sobre a praia, onde ficavam como manadas de gado. « Entre elles havia alguns de razoada brancura, formosos e apostos; outros menos brancos, querendo similhar pardos; outros tão negros como ethiopes e tão desaffeiçoados, assim na cara como nos corpos, que quasi parecia aos homens que os guardavam que viam as imagens do hemispherio mais baixo [1]. » Eram azenegues: não se chegára ainda á região dos jolofos e mandingas do Senegal; explorára-se a zona extrema das raças brancas da Africa do norte, em que ellas começam a apparecer cruzadas, sem todavia produzirem ainda o typo negroide da Senegambia, transição para a nigricia plenamente caracterisada na Guiné.

« Uns tinham as caras baixas e os rostos lavados em lagrimas, olhando uns contra os outros; outros estavam gemendo mui dolorosamente, esguardando a altura dos céos, firmando os olhos em elles, bradando altamente como se pedissem soccorro ao padre da natureza; outros feriam seu rosto com suas pal-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XXV.

*

mas lançando-se tendidos em meio do chão; outros faziam suas lamentações em maneira de canto [1].» Arregimentados na praia, o infante a cavallo passava-lhes revista: aquelle dia desforrava-o de Tanger! Se fôra vencido pelos homens, vencia a natureza: porque esse rebanho de bipedes com aspecto humano, não lhe fazia bem o effeito de gente. Além da côr, não conheciam Deus. Tinham na alma a mesma escuridão da pelle. Tambem as ovelhas baliam e os bois mugiam, com vozes de enternecer as pedras... Mas, como tinha o coração de bronze, o infante seguia adiante, mandando proceder á repartição do gado humano. «Começaram de os apartar uns dos outros afim de porem seus quinhões em igualeza, onde convinha de necessidade de se apartarem os filhos dos padres, as mulheres dos maridos e uns irmãos dos outros. A amigos nem a parentes não se guardava nenhuma lei: somente cada um caía onde a sorte o levava [2].» A crueldade dos dados esmagava os infelizes, cujo murmurio de lamentações se tornava de repente n'uma explosão de chôro desesperado, ao verem que «o padre ficava em Lagos, a madre traziam para Lisboa, e os filhos para outra parte [3].»

Dos quarenta e seis captivos que á sorte couberam ao infante, pelo seu quinto, «muy breve fez d'elles sua partilha» pois na satisfação da vontade punha a mira da riqueza; e o chronista accrescenta piedosamente: «Ora vede que galardão deve ser o do infante ante a presença do Senhor Deus, por trazer assim á verdadeira salvação, não somente estes, mas outros muitos que ao diante n'esta historia podeis achar!» [4] Com effeito, no espirito do tempo, ainda o motivo proselytico da tradição, predominava sobre o motivo nascente da cobiça que veio a tornar-se exclusivo, como era de sua natureza, no trafico dos escravos e na escravidão colonial; e a consciencia religiosa, achando na salvação eterna a sancção da deshumanidade, instinctivamente condemnada, influia para moderar a crueza. O

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XXV.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*, XXVI.
[4] *Ibid.*, XXVI.

chronista affirma que, baptisados todos, nunca a nenhum d'elles se puzeram ferros. Mas depois chegou-se a marcal-os a fogo, como bestas.

Sobre a praia, o infante armou cavalleiro a Lançarote.

*
* *

Esta caça de especie nova, incomparavelmente mais productiva, desvairou o juizo á gente algarvia. Gonçalo de Cintra partiu logo (1445), mas, dando o nome á sua angra, morreu assassinado pelos azenegues da ilha de Arguim: a maré vasava, o batel ficou em sêcco, os barbaros trucidaram-no [1]. No mesmo anno vão a salvamento ao rio do Ouro, Antão Gonsalves, Gomes Pires e Diogo Affonso; depois Nuno Tristão, e afinal Diniz Dias, que prosegue ávante, até Cabo Verde, em cheio na terra dos jolofos [2]. Como se vê, o movimento accelerava-se, desde 1439 ou 40, data da primeira viagem de Antão Gonsalves. Com este periodo em que a exploração africana tomava calor, realisando as previsões do infante, coincidia a crise da regencia pela morte de D. Duarte, conforme contaremos depois; e comprehende-se como por incuria D. Henrique deixou que a lucta entre D. Pedro e o conde de Barcellos chegasse ao ponto de ter de liquidar-se em Alfarrobeira, n'uma tragedia. A cobiça e a ambição do conde de Barcellos, o genio ordenado e justo do infante D. Pedro, haviam de parecer-lhe coisas mesquinhas para a sua allucinação, como lhe parecia decerto mesquinho o reino perante a vastidão do mundo que via abrir-se-lhe. De Portugal só queria barcos, mareantes e dinheiro para expedições; e tudo isso obter-se-hia melhor de um rei creança e assomado, regido por fidalgos ávidos, cuja avidez tinha a certeza de saciar, do que d'um regente discreto e sabio. Comprehende-se pois, tambem, como deixou que o victimassem.

Lançarote, cavalleiro, engrandecido com o exito da viagem

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XXVII.

[2] *Ibid.*, XXIX, XXX, XXXI.

de 1445, desde logo planeou outra empreza maior. Casára com a filha de Soeiro da Costa, alcaide de Lagos, homem nobre, creado de moço na camara d'el-rei D. Duarte, que estivera na batalha de Monvedro (1412) com el-rei D. Fernando de Aragão (pai da rainha D. Leonor) contra os de Valença, depois no cêrco de Balaguer (1413) onde ficou prisioneiro o conde de Urgel (pai da infanta D. Izabel, mulher de D. Pedro); que antes fôra com Ladisláo de Napoles na entrada de Roma (1404) para suffocar a insurreição contra Innocencio VII; e com o conde de Provença, Luiz II (1409-12) alliado ao Malatesta e ao legado de Bolonha, Balthazar Cossa; que combatera em Azincourt (1415), em Valmont, achando-se com o conde de Foix na batalha de Monseguro, na tomada de Soissons (1410-11) no cêrco de Arraz (1414) e finalmente com D. João I em Ceuta. Era o personagem mais importante do Algarve, carregado de annos e de batalhas, arvore da gente guerreira antiga, na qual pelo casamento da filha se enxertava a nobreza nova da navegação e do commercio, iniciada por Lançarote, o inquieto aventureiro.

Em 1447, D. Henrique tivera de deixar o Algarve para ir de fugida a Coimbra acudir ao chamamento de D. Pedro, que banido da côrte, entrevia já o fim desgraçado que lhe preparavam. Lançarote ficou organisando a companhia e a expedição. No syndicato entrava toda a gente do Algarve: Soeiro da Costa, Alvaro de Freitas, commendador de Aljezur, da ordem de Santiago; Gomes Pires, patrão d'el-rei; Rodrigueannes de Travassos, creado do infante D. Pedro, escudeiro mui ardido, e outros mais. O requerimento da concessão a D. Henrique fôra feito por Lançarote, almoxarife de Lagos, juntamente com os juizes, alcaides e officiaes da vereação da villa [1]. Lagos, segundo se vê, precedia o que depois fizeram os senados de Londres e Amsterdam, quando se constituiam em emprezas armadoras de exploração colonial.

A frota de Lagos, sahida a dez de agosto, era a maior que até então se armára: iam quatorze caravellas; e a estas se ha-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XLIX, LI.

viam de juntar na ilha de Tider, em Arguim, mais doze equipadas em Lisboa e na Madeira. Diniz Dias e Nuno Tristão, o que em 1443 fôra pela primeira vez ao cabo Branco e á ilha de Arguim, centro do resgate do Senegal e do Gambia [1], levavam uma caravella; Alvaro Gonçalves de Athayde, ayo d'el-rei e que depois foi conde de Athouguia, levava outra; outra, João Gonçalves Zarco, o descobridor da Madeira; e assim por diante até vinte e seis, fóra a fusta de Pallenco. O infante dera a Lançarote a bandeira da Cruzada, a cuja sombra todos os que morressem «eram absoltos de culpa e pena, segundo o outorgamento do Santo Padre [2]». A piedade christã conspurcava-se de tal modo, a ponto de copiar o islamismo grosseiro.

Arguim apresentava na costa, defendido pelo cabo Branco o remanso de extensas bahias, a estação adequada ao estabelecimento de uma feitoria como as que os genovezes e venezianos, continuando tempos antigos, tinham fundado pelos confins remotos do Mediterraneo oriental, na terra dos turcos. O dominio portuguez na Africa descoberta deitava ferro, tornando-se amphibio, desde que o infante mandava, em 1448, construir um forte em Arguim [3]; e aos caracteres anteriores da empreza, o commercio maritimo por companhias e o trafico dos escravos, juntava-se mais um traço novo — a feitoria littoral, guardada por uma fortaleza. Passo a passo, o systema se ia completando.

O traço que immediatamente apparece como remate dos precedentes e complemento da instituição das companhias de navegação é o do monopolio do commercio maritimo colonial. Assente em Arguim a primeira feitoria, o infante contrata logo o *resgate* n'esse ponto, pelo praso de dez annos. Ninguem, salvo os contratadores, poderia entrar no golfo de Arguim para traficar com os indigenas; e os contratadores, ao abrigo da fortaleza, teriam a sua feitoria e feitores, com as mercado-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XVII.

[2] *Ibid.* LV.

[3] Cadamosto, *Naveg.*, X.

rias do trato sertanejo: como pannos, tecidos, prata, alquizeis (tunicas), tapetes e sobretudo trigo, para a compra de negros e ouro [1]. O primeiro contrato de Arguim foi dado necessariamente a Lançarote, organisador da companhia de Lagos, representante d'essa cavallaria nova do commercio ultramarino que ia transformar por completo o organismo e com elle o temperamento da sociedade portugueza.

Em 1469, já depois da morte do infante, e tendo regressado á corôa a doação ou concessão que ella lhe fizera das rendas da Guiné, D. Affonso v deu o contrato d'esse commercio por cinco annos a Fernão Gomes, com a obrigação de descobrir quinhentas legoas de costa para o sul, a contar da serra Leoa. A renda era de duzentos mil reis em cada anno. Todo o marfim seria comprado ao preço de mil e quinhentos reaes o quintal, por el-rei que tinha contratada a venda d'elle com lucro a Martim Annes Boaviagem. Cada anno podia resgatar um gato d'algalia [2]. O contrato de 1469 excluia a terra firme fronteira ás ilhas do Cabo-Verde por ser do infante D. Fernando (a quem D. Henrique deixára em testamento esse legado) e o resgate da feitoria de Arguim por ser do principe D. João, filho do rei. Mas Fernão Gomes conseguiu haver da

[1] «As cousas seguintes não foram tratadas com tanto trabalho e fortaleza como as passadas, cá depois d'este anno ávante sempre se os feitos d'aquellas partes tratavam mais por tratos e avenças de mercadoria que por fortaleza nem trabalho d'armas.» Azurara, *Conq. de Guiné*, LXV.

[2] O almiscar do gato d'algalia (*viverra*), a que os arabes chamam *zabad*, e na India *zibeth*, d'onde os francezes fizeram *civette*, era um dos perfumes mais estimados. O animal tem abaixo do cocix uma cavidade maior ou menor contendo uma materia gordurosa, similhante ao almiscar, a principio branca, mas que escurece com o tempo. Pietro Della Valle, nas suas viagens, conta como viu, no Mar Vermelho, fazer-se a cria do gato d'algalia, ordenhando-o regularmente como para a extracção do leite:

«Quei che chiamano Gatti dal zibetto; animali fieri, della grandezza quasi di un bracco da quaglie, ma piú grossolani e di forma in vero simili a gatti; de' quali vidi un giorno molti en casa de um venetiano, che li tenea nelle gabie; e vidi cavarne in mia presenza il zibetto, che non é altro, che il sudore, che dopo havergli alquanto affaticati, raccolgono loro con un cucchiaio fra le gambe sotto al coscie. E per poter ció fare, che non mordano, tengono ciascuno animale den-

casa do principe o direito do resgate mediante o preço de cem mil reaes cada anno [1].

Felicissimo, Fernão Gomes descobriu o *resgate* do ouro «onde ora chamamos a Mina» reconhecendo a costa até ao cabo de Santa Catharina [2]. Estava torneada a grande protuberancia que a Africa faz no Atlantico; e encerrada a primeira época das navegações, ficava-nos patente o grande golfo da Guiné com as suas ilhas e a costa para o sul até ao extremo do continente. Estavam consolidados os titulos da nobreza nova que appareceu triumphante em Fernão Gomes. Militára com Affonso v em Alcacer e em Tanger, fôra armado cavalleiro, e teve nobreza com novas armas: «um escudo timbrado com o campo de prata e tres cabeças de negros cada um com tres anneis de ouro nas orelhas e no nariz e um collar de ouro ao collo». O appellido ficou sendo Mina [3]. Havia ainda a confiança espontanea: glorificava-se o acto, sem remorsos, nem equivocos inherentes. A nobreza nova não era uma parodia. Esses traficantes de escravos julgavam-se ainda tão dignos de

tro una gabbia forte di legno, ma tanto angusta e stretta, che l' animale non vi si puó voltare, e quando voglione il zibetto, dopo haverlo fatto sudare, agitandolo qualche poco dentro alla stessa gabbia con una brachetta, aprono un poco la gabbia per de dietro, quanto ne possono tirar fuori le gambe posteriori, senza che l' animale si possa voltare ad offender chi lo tira: e tratto el zibetto nel modo che ho detto di sopra, le rimettono poi dentro, tenendo sempre l' animale bem serrato». Della Valle, *Viaggi,* I, 375.

[1] Barros, *Dec.* I, 2, 2. A renda do monopolio do commercio africano na segunda metade do seculo XV attinge uma somma consideravel. Trezentos mil reaes, a 114 reis, valor intrinseco d'essa moeda no tempo de Affonso V (Aragão, *Descripção geral,* etc., II, 240-1) representam 34:200$000 reis da nossa moeda, que segundo Leber (*Essai sur l'appr. de la fortune privée,* etc., 103) é seis vezes mais fraca do que a da época a que nos referimos. A receita colonial equivaleria pois a duzentos contos de reis. Do mesmo modo, o preço do quintal de marfim orçaria por um conto de reis. No começo do seculo XVII Cabo-Verde e a Mina, que veio substituir o velho trafego de Arguim, rendiam para o thesouro o equivalente de 300 ou 350 contos de reis. V. *Portugal nos mares,* do auctor, 126.

[2] Barros, *ibid.*

[3] *Ibid.*

ennobrecimento, como os seus antepassados, que tinham conquistado Portugal lanceando mouros.

Todavia a inveja, accesa em todo o reino com a riqueza subita dos contratadores de Africa, expandia-se em queixas contra os afortunados caçadores de negros. Nas côrtes de 1473, em Coimbra, um anno antes de expirar o contrato de Fernão Gomes, os povos reclamam, sem ser attendidos, que os tratos da Guiné se arrematem em praça, *a lanços*, para que os beneficios possam servir a todos; que findo o contrato do melaço da ilha da Madeira, seja livre a compra e venda do assucar da mesma ilha [1]; e que se não levem para fóra do reino escra-

[1] O contrato do assucar da Madeira tem uma accidentada historia, facil de extrahir dos diplomas publicados nas notas á ed. das *Saudades da Terra*, do snr. Azevedo.

Começa pelo contrato de dezembro de 1452, feito em Albufeira entre o infante D. Henrique e Diogo de Teive, seu escudeiro, para a construcção de um *emgenho daugua* que désse *despacho a todos hos canaueaecs*, mediante o pogamento da terça parte do producto do infante, *sem lhe eu dar ninhña coisa* (pag. 665). Ao mesmo tempo o foral primitivo da ilha mandava pagar *metade*, de todas as canas que não fossem reduzidas a assucar. De tudo isto veio a generalisação das prensas ou *alçapremas* em que, mediante o imposto de arroba e meia por mez, os lavradores faziam o assucar em casa. E da generalisação seguiu-se o infante D. Fernando (herdeiro da ilha por morte de D. Henrique) mandar cobrar em 1461 o terço nas *alçapremas* como no *emgenho daugua*.

Os cultivadores resistiram, deixando de fabricar assucar. É o que se vê da carta do infante a pag. 666-7, de 21 de janeiro de 1462, em que elle transige e cede. Já porém o assucar da Madeira era batido na concorrencia pelo das Canarias. Nova carta do infante (14 de julho de 1469, a pag. 668-9) propõe a instituição de um monopolio *bindo todo o acuquar assy o meu como bosso a huña maão* para ser vendido a *estes mercadores da cidade de lixboa que sam para ello bem abastantes* e decididos a *tomarem todo. ho acuquar que se em essa ylha fezer*.

A resposta dos madeirenses (pag. 669-70) foi contraria aos desejos do infante, e a idéa não foi por diante. O assucar baixára, de cinco cruzados a arroba, ao maximo de 800 e minimo de 650 reis, que eram os preços de 1469.

No fim do seculo (1489 ou 90) o imposto achava-se reduzido ao *quarto* e organisada a fiscalisação da cultura e fabrico; e pelo mesmo tempo prohibia-se a refinação dos melaços que haviam de ser transferidos para Lisboa. Em 1493, a Madeira produzia 80:000 arrobas de assucar, isto é, quarenta vezes a producção de 1455 (pag. 670-2).

vos da Guiné sem licença [1]. Portugal estava francamente transformado n'uma Carthago, e no seu tumulo o infante D. Henrique devia nadar em satisfação, se os cadaveres podessem sentir.

*
* *

No declinar da sua vida, o infante gozou a velhice feliz. Foi com o sobrinho a Alcacer, conforme diremos já; viu a desforra de Tanger, embora os vinte annos decorridos tivessem mudado completamente a face das coisas, desligando de todo o que a principio parecia inseparavel: a conquista de Marrocas e as descobertas africanas. Tinha-se andado muito, depois da installação da feitoria de Arguim e da instituição das primeimeiras companhias maritimas. Aventureiros vinham de fóra offerecer ao infante os seus serviços, que não eram desdenhados. Nacionaes ou estranhos, serviam todos a D. Henrique para levar por diante a empreza da sua vida.

Tinha já sessenta annos, sentia-se extinguir, quando em agosto (8) de 1454 veio parar ao cabo de S. Vicente uma galé de Marco Zeno, de Veneza, trazendo a bordo Alvisi Cadamosto, ou Luiz da casa de Mosto, gentil-homem tambem veneziano. D. Henrique enviou-lhe o seu secretario Antonio Gonçalves e o consul de Veneza, Patricio de Conti, com amostras dos productos de Africa, convidando-o a partir para lá. Cadamosto indagou as condições. Eram que, sendo a caravella armada á custa do explorador, na volta pagaria ao infante o quarto de toda a carga; e se o infante a armasse, metade seria sua. O veneziano aceitou, e D. Henrique mandou-lhe armar uma caravella de noventa toneis dando-lhe por capitão a Vicente Dias. Largaram a 22 de março de 1455, e tres dias depois chegavam a Porto Santo [2]. N'essa primeira navegação os genovezes fo-

[1] Santarem, *Mem. para a hist. das Côrtes*, II, 2, 39.

[2] *Naveg. de Cadamosto*, na *Coll. de not.* da Academia, II; Major, *Vida do Inf.* 304-6 da trad. port., põe tambem a partida em 1455; Goes, *Chron. do Pr. D. João*, VIII, dá o anno de 1445.

ram até ao Senegal e a Gambia, descobrindo na segunda o archipelago de Cabo-Verde. No Senegal já Lançarote tinha entrado oito annos antes, com a expedição da sua segunda companhia, julgando que entrava nas aguas do Nilo dos negros, o Niger, supposto braço destacado do verdadeiro Nilo que os geographos do tempo acreditavam ligar no seu regime a hydrographia de toda a Africa. Do Senegal descera Lançarote pela costa até ao Cabo-Verde, emquanto João Gonçalves Zarco desgarrado ia parar á Gorea [1]. Finalmente dez ou doze annos depois da primeira viagem de Cadamosto, e nove depois da morte do infante, Pero de Cintra e Soeiro da Costa, participes do syndicato de Lançarote, e ultimos contratadores do commercio e descoberta, antes de Fernão Gomes, tinham levado o reconhecimento da costa até á serra Leoa. D'esse ponto começavam as quinhentas legoas do novo contrato. Foi porém o mesmo Soeiro da Costa que, depois ainda, galgando o cabo das Palmas, torneou o grande cotovello da Africa, indo dar o seu nome ao rio que fica junto ao cabo das Tres-pontas, e iniciar a descoberta da Mina, origem da riqueza e fidalguia nova de Fernão Gomes [2].

Taes foram os momentos successivos da expansão portugueza em Africa, já como progresso geographico [3], já como

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, LVI, LVIII, LXXV.

[2] Barros, *Dec.* I, 2, 2.

[3] Eis-aqui, não um indice de todas as viagens d'este periodo, mas um schema da marcha progressiva dos exploradores:

I. *Região deshabitada:*

26°6′	Cabo Bojador	1434, Gil Eannes.
24°50′	Angra dos Ruivos.....	1435, Id. e Baldaya.
24°30′	Angra dos Cavallos.....	1436, Baldaya.
23°45′	Rio do Ouro	1436, Antão Gonsalves.
23°	Porto do Cavalleiro.....	1440, Id. e Nuno Tristão.

II. *Região dos mouros azenegues:*

20°48′	Cabo Branco	Bahia de Arguim	1442, Nuno Tristão.
	Ilha de Arguim		1445, Lançarote, com a primeira companhia de Lagos.
	Ilha de Tider		
19°24′	Cabo do Resgate		

desenvolvimento parallelo de instituições novas, adequadas á fórma tambem nova de exploração chrematistica. E emquanto na Africa succedia isto, surgia do mar o archipelago dos Açores, depois de descoberto e povoado o da Madeira. Em 1435 mandára D. Henrique a Gonçalo Velho á descoberta: essa viagem só desencantou as Formigas; mas no anno seguinte, voltando, o navegante achava Santa Maria [1]. De Santa Maria via-se outra ilha, cuja povoação o regente D. Pedro tomava a seu cargo, pondo-lhe o nome de S. Miguel «pela singular devoção que elle sempre houvera n'aquelle santo [2].» Pelo mesmo

III. *Região dos negroides, jolofos e mandingas:*

16°10′ Foz do Senegal.....	1447, Lançarote, com a segunda companhia.
14°48′ Cabo-Verde.....	1454, Diniz Dias.
Archipelago de Cabo-Verde...	1456, Cadamosto (2.ª viagem).
13°30′ Foz do Gambia.....	1455, Id. (1.ª viagem).
12°30′ Foz do Casamansa.....	1455, Id.
11°50′ Foz do rio Grande.....	1461, Pedro de Cintra.
8°30′ Serra Leoa.....	1465, Id. e Soeiro da Costa.

IV. *Região dos negros:*

4° S Cabo das Palmas, Rio de Soeiro da Costa, Cabo das Tres-pontas.....	1469, Soeiro da Costa.
S. Jorge da Mina.....	1469, Fernão Gomes.

[1] V. o *Arch. dos Açores* (riquissima publicação em que o snr. E. do Canto collige tudo quanto respeita á primeira historia do archipelago) I, 444, onde cita Gaspar Fructuoso, no seu inedito das *Saudades da Terra.*

[2] Azurara, *Conq. de Guiné,* LXXXIII. — Em 1507, S. Miguel andava arrendada por 5:000 arrobas de assucar. — Arch. nac. *Liv. das ilhas,* 126 v. Carta de quit. transcr. no *Arch. dos Açores,* I, 51. — O mesmo periodico reproduz varios docc. relativos ao regimen da soberania e propriedades n'essas ilhas: Carta regia de 2 de julho de 1439 para a povoação dos Açores (I, 3). Id. de 5 de abril de 1443 isentando os colonos do dizimo e portagem (5). Id. de 20 de abril de 1447 estabelecendo a mesma isenção para S. Miguel, doada ao infante D. Pedro (6). Id. de 10 de março de 1449 para o infante D. Henrique povoar as sete ilhas dos Açores (7). Id. de 20 de janeiro de 1453 doando o Corvo ao duque de Bragança (9). Doação de 2 de setembro de 1460 pelo infante D. Henrique a seu filho ado-

tempo, em 46, o infante voltava a insistir no plano das Canarias que o regente lhe deu «outorgando-lhe o quinto de tudo o que de lá viesse [1]»; as circumstancias não permittiram, comtudo, que este segundo projecto fosse mais bem succedido que o anterior. As Canarias tambem nos não vieram com a doação do regente!

*
* *

Pobre regente, porém, cujo governo (1439-46), coincidindo com o periodo em que a fundação das companhias de Lagos para o *resgate* de Arguim, trazia absorvido o infante D. Henrique, se achou abandonado por elle á furia intrigante dos seus inimigos! Entre salvar outro irmão, elle que já sacrificára dois! collaborando na empreza dura de resgatar o reino das garras da fidalguia ávida, e evitando o desenlace tragico de mais tarde, com o punhal e o cutello, ás mãos do Principe-perfeito: entre esta empreza, e a de extrahir do mar um mundo, o infante D. Henrique não podia com effeito hesitar, dominado como trazia desde todo o sempre o espirito pela allucinação dos descobrimentos.

Exactamente quando a sua abstencção condemnavel tinha levado as coisas, conforme veremos, ao ponto critico, destrinçado pela morte na catastrophe de Alfarrobeira (1449), andavam Soeiro da Costa e o seu genro Lançarote, com a frota de vinte e seis caravellas, caçando negros em Arguim, resgatando ouro pelas praias da Guiné! E assim que o regente morreu, assim que o duque de Bragança se sentou no throno, reinando com o pseudonymo de Affonso v, assim que o infante viu surgir uma era nova, depois da velhice de D. João I, da timidez de D. Duarte e da prudencia de D. Pedro: outra vez largou o

ptivo, o infante D. Fernando, das ilhas de Jesus Christo e Graciosa (11). Carta regia de 3 de dezembro de 1460, transferindo para o infante D. Fernando, duque de Vizeu, a doação dos archipelagos da Madeira e Açores, vaga por morte de D. Henrique.

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, LXXXIV.

seu vôo de Sagres, como um condôr, para vir reclamar a conquista de Marrocos. Ninguem se lhe oppunha agora: nem o rei, uma creança adoidada; nem a côrte, matilha de lebreus açulada no regabofe. Pelo contrario: guerras, aventuras, saques, era o que lhes estava pedindo a gula accesa pelo banquete.

Soou então pelo mundo, até estes remotos confins do Occidente, a noticia aterradora da queda de Constantinopla ás mãos de Mahomet II (1453); e os gritos da Italia em que o papa se via ameaçado, com todo o mundo christão, de morrer afogado na onda dos turcos, incitavam á Cruzada os animos ingenuamente piedosos [1]. Era uma resurreição de tempos antigos.

D. Henrique, tremendo por Ceuta que lhe custára a mais negra amargura da sua vida, apesar dos sessenta annos feitos, branco mas tão rijo no corpo como foi sempre na alma, queria ir para Africa defender o baluarte ameaçado do imperio portuguez. Não lh'o consentiu o sobrinho [2]; mas talvez, decerto, veio d'aqui a decisão de terminar a empreza encetada com tamanha fortuna em 1415, e tão lastimosamente proseguida em 1439.

Aos nove annos depois de Tanger, cinco passados sobre a queda de Byzancio, D. Henrique levava o sobrinho a Alcacer-ceguer (1458). Perante a assustadora catastrophe do Oriente, quando o turco, devorada a Grecia, ameaçava a Hungria, o papa convocára todos os principes christãos, e em 1457 mandou-nos por embaixador o bispo de Silves com a bulla da Cruzada. Accendeu-se o animo do rei que entrou na colligação offerecendo ir com doze mil homens e mandando cunhar a nova moeda do *cruzado* [3]; mas a liga dos principes christãos não proseguiu, e os planos voltaram-se decididamente contra a Africa. A mocidade do rei, a sua valentia e ardimento, educado como fôra na longa crise da regencia, e a geração nova que o cercava e applaudia, fizeram o milagre de improvisar a expedição e cahir de repente sobre os mouros. No outomno de 1458, a tres

1 Pina, *Chron. de Affonso V*, CXXXVIII.

2 Azurara, *Conq. de Guiné*, V.

3 Aragão, *Descripção geral*, etc., I, 230, onde cita Pina.

de outubro, de manhãsinha, surgiu em frente de Sagres a armada em que o rei sahira de Lisboa tres dias antes; e D. Henrique, hirto sobre sessenta e cinco annos de um pensamento fixo, embarcou, tomando a direcção da empreza e conquistando Alcacer [1], prologo das conquistas successivas de Tanger e Arzilla (1471) que deram o cognome ao Africano.

Na vespera de morrer, o infante D. Henrique via realisarem-se ambas as faces do plano que lhe enchera a vida. Devia acabar feliz, e com a consciencia tranquilla pelos males que causára. Extrahira a ferros o continente africano do ventre do mar, e era certo que os passos andados seriam proseguidos: havia de chegar-se ás Indias! Por outro lado, reparára-se o desastre de Tanger, e tambem era seguro que Marrocos seria em breve um Portugal d'além-mar.

Enganou-se porém n'esta idéa, que decerto lhe adoçou a morte. Nem a descoberta da India e o imperio nos mares do Oriente se prendiam com a posse da Africa de noroeste, como a nebulosa geographia do tempo imaginava, relacionando as duas emprezas; nem Portugal, podendo como pôde, realisar a primeira com o genio audaz dos seus capitães, tinha forças, nem recursos para levar a cabo a segunda. A lucidez das vistas do infante D. Pedro foi confirmada pela historia, nossa e alheia. Uma coisa era avassallar os mares, plantando feitorias ao longo de costas habitadas por populações mais ou menos caducas, e isso foi o que um punhado de portuguezes fez no Oriente; outra coisa era estabelecer firme o imperio sobre uma região povoada por gentes espessas e vigorosas, accesas n'uma fé tão proselytica e viva como a nossa, e além d'isso confiadas na victoria final do Islam que a tomada de Constantinopla e a expansão dos turcos em toda a Europa oriental, pareciam assegurar. Para supprimir os mouros, substituindo-nos a elles, faltava-nos gente n'um reino pequeno e sempre mal povoado. Dominar ou exterminar essas populações, era impossivel. Ficavamos nas praças de Marrocos, como a bordo das nossas naus;

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, CXXXVIII. 16 de outubro.

porém as naus iam, vinham, livremente pelos mares, multiplicando a força, distribuindo o castigo; ao passo que as praças da Africa eram pontões immoveis, ancorados, constantemente batidos pelas vagas da mourama tempestuosa.

A situação cruel em que primeiro esteve Ceuta sósinha, foi a que depois tiveram, além de Ceuta, Alcacer, Tanger, Arzilla, Azamor, até que por fim a politica sabia de D. João III resolveu abandonal-as, seguindo os conselhos relembrados do infante D. Pedro. A experiencia cruel ratificára-os. Dissera elle que nem o poder de todos os reis da Hespanha seria de mais para a conquista da Africa musulmana; e via-se com effeito que, se nós tinhamos de a abandonar, o poder reunido da Hespanha já unificada faria ainda menos do que nós, pois as duas investidas do cardeal Jimenes (1509-10) contra Oran ficaram inuteis, e mallogrado o cêrco de Carlos V a Argel (1541). Só nos nossos tempos, depois de tres seculos de progressivo decahir do mundo musulmano, a França com todo o seu poder conseguiu á custa de rios de sangue e despezas incontaveis firmar em Argel um imperio, que todavia se debate ainda indecisamente com a força embora já passiva da densidade da população arabisada. Marrocos mantem-se, e se é certo que succederá ahi o mesmo que succedeu em Argel, não é menos verdade que para tanto se necessita de meios incomparavelmente superiores áquelles de que nós podiamos dispôr nos seculos aureos da nossa historia...

Bom foi, porém, que D. Henrique morresse (1460, em Sagres [1]) com a crença de que Marrocos ia ser nosso, com a consolação de vêr tirada a desforra de Tanger. D'esse modo a sua existencia fecha um cyclo, tem uma unidade e uma apotheose, e serve para mostrar como, por illusorias que as coisas sejam em si, nem sempre o é o esforço dos heroes. Consola, quando vemos alguem sahir vencedor do combate da vida, ou pelo menos julgar que o sae, porque assim temos a prova de que a felicidade não é uma expressão inteiramente vã. Se é subjecti-

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, CXLIV.

va, porque está exclusivamente em nós, subjectivo é tambem tudo, pois o mundo só consiste realmente n'aquillo que imaginamos conter. Acima do grande nevoeiro de supposições em que nos agitamos, paira apenas, como um sol, a verdade absoluta da razão, e como nebulose, o instincto do bem que ora nos apparece feito justiça, ora transformado em belleza, ora dôcemente expresso como caridade e amor.

Victimas d'amor e caridade acabaram D. Fernando e D. Duarte; e vamos vêr acabar D. Pedro victima da razão, a ponto de a perder. D. Henrique morre victorioso, e victorioso veremos tambem finar-se o bastardo de Barcellos. Assim variamente assistimos ao cahir dos ramos da arvore de Aviz, tombando para a terra que tudo confunde, menos a memoria, alma alada inextinguivel!

A memoria de D. Henrique não é feita de humanidade, mas de genio. Teve o instincto creador e socialmente genesiaco, esse homem a quem os votos impediram a geração. Iniciando uma fórma ignota de expansão territorial, repellido pela fórma classica da conquista, Alexandre de uma especie nova, deu a Portugal, com as descobertas, a extensão dos mais vastos imperios, abrindo-nos um logar eminente no épico pantheon da historia. Como tudo era mister crear para dar consistencia e realidade social á sua invenção, transformou as instituições, indo ao arsenal do velho direito buscar as formulas em que podia introduzir um outro espirito. Attribuindo ao papado uma soberania mystica sobre o mundo, foi pedir-lhe titulos de propriedade politica para os territorios descobertos, utilisando nas aventuras novas a bulla da Cruzada, escripta para as aventuras religiosas e cavalheirescas de outros tempos. Sanccionadas por tal fórma as acquisições, com um direito parallelo ao direito classico da conquista, fez da sua ordem de Christo, instituida para a Cruzada, um instrumento de commercio, applicando-lhe os redditos ao armamento de navios. Transformou a Cruzada n'um negocio, tornando a ordem de Christo commanditaria das companhias de navegação. As velhas instituições militares e monasticas, as velhas idéas guerreiras e religiosas, viram-se

transformadas na sua essencia, sem se alterarem no seu aspecto [1]. O freire achou-se um piloto, o cavalleiro um mercador, e Portugal foi como a Carthago de outras idades: nas mãos dos Inquisidores, o Deus de Ourique parece Moloch, ardendo em chammas consumidoras de carne humana. Uma nação rural, guerreira e piedosa, transformou-se n'uma grande companhia de commercio accesa em fanatismo cruel.

Indubitavelmente o nivel moral baixou, porque o movel da ganancia, embora poetisado pelo espirito de aventura e obscuramente arrebatado pela religião, dá menos nobreza aos homens do que os motivos guerreiros ou proselyticos, feitos de ingenuidade corajosa e de abnegação pura. Sem refolhos, o chronista confessa que « as cousas seguintes não foram tratadas com tanto trabalho e fortaleza, porque os feitos se tratavam mais por tratos e avenças de mercadoria, que por fortaleza nem trabalho d'armas. » Mas desde que os povos modernos entravam com a Renascença no naturalismo novo, força era que o commercio, e em geral os motivos chrematisticos, se substituissem aos antigos motivos transcendentes. O que caracterisa, não só o nosso infante

[1] As doações recebidas dos papas, quanto ao espiritual das descobertas, transferia-as o infante á ordem de Christo. V. a de 7 de junho de 1454 em que Affonso v lhe transfere a jurisdicção espiritual de Gazulla, Guiné, Nubia e Ethiopia; e o decreto de 26 de dezembro de 1458, datado pelo infante da sua villa, determinando que a ordem de Christo receba o tributo de vintena, em vez do dizimo, de todas as mercadorias da Guiné, ou fossem escravos, ouro ou qualquer outra coisa, e o mais pertença a quem houver senhorio, como o infante então o havia por concessão real. V. tambem em 1460 (18 de setembro) a transferencia para a mesma ordem do espiritual da Madeira. Sousa, *H. G.*, *Provas*, I, 454. É de 1485, depois da morte do infante, a sentença de Estevam Gomes, vigario geral, servindo de arcebispo de Lisboa, confirmando as doações á ordem de Christo, conforme as bullas de Sixto IV, ratificação das de Nicolau V e Calixto III, atraz citadas. V. Sousa, *Ibid.*, 455.

Pelo que respeita ao temporal, D. Henrique, em 1451, perfilhou o sobrinho D. Fernando, cumprindo assim a promessa feita á cunhada, deixando-o seu herdeiro (V. a Carta em Sousa, *Ibid.*, 562) e como, na doação de 1460, o infante transferia tambem o temporal da Madeira para a corôa, D. Affonso V, em Carta do mesmo anno, dôa esse senhorio ao mesmo D. Fernando, filho adoptivo do infante. V. a Carta, em Sousa, *Ibid.*, 562.

*

como homem, mas Portugal como povo, é a alliança hybrida e estreme, do maximo vigor da fé com o espirito mais tenaz do lucro. É isto o que dá aos portuguezes da nossa grande época um ar quasi punico de apostolos de uma religião tão sanguinaria e devastadora com as velhas religiões phenicias, embora mystica e piedosa como a faziam um Xavier ou um Anchietta. Foi isto o que não concorreu pouco para a ruina do nosso imperio oriental, desde que nos achámos em competencia com povos unicamente inspirados pelos motivos chrematisticos.

Esse caracter punico, adquirido pelo movimento das descobertas, accentuou as invenções do genio do infante, invenções que a todos serviram, porém, ao depois para a exploração das colonias, e sobre as quaes se póde dizer que assentou a edificação da riqueza europêa nos nossos tempos: as companhias de navegação e commercio; o trafico dos negros escravisados; o systema phenicio e grego das feitorias littoraes; e os estancos ou monopolios regios, fórma de imposto ou co-participação dos estados metropolitanos na exploração das regiões ultramarinas. Mas se todos estes typos chrematisticos, conscienteou inconscientemente, eram reproduzidos da historia, porque já em volta do Mediterraneo e na Hespanha, em remotos seculos, houvera trafico de escravos, fazendas e minas trabalhadas por elles, companhias de navegação e commercio, e feitorias protegidas por fortalezas, embora taes fórmas primordiaes da exploração de terras novas se tivessem obliterado com a civilisação na Europa: não é menos verdade que em mais de um ponto, mas particularmente nas ilhas desertas do Atlantico, se propunha á imaginação creadora do infante um problema inteiramente novo.

Esse problema era o da povoação. E a iniciativa que tivemos n'esta fórma de exploração, serviu tambem de typo a todos os povos que depois de nós entraram na lavra de colonias. Assim como repetiram o typo das nossas feitorias, e o das nossas fazendas de escravos: assim tambem procederam nas colonias de povoação, creadas, ou por pensamento politico, ou por exiguidade de territorio na metropole.

Tambem n'esta especie o infante foi ao arsenal das insti-

tuições tradicionaes, e, transplantando para as ilhas atlanticas o regimen quasi feudal das doações, repetindo o que na metropole tinham feito para a povoar os reis da primeira dynastia, levou para lá sementes ou colonias de gente do reino. Procedeu como Roma fazia, transportando as leis e os penates, estendendo o seu fôro proprio aonde quer que se installava; e do exito d'esse processo dão um testemunho vivo, embora modesto, as nossas ilhas, precursoras das vastissimas colonias saxonias da America e da Australia. Os Açores e a Madeira eram pedaços de Portugal fundeados no Oceano, e não havia ahi as complicações inherentes á existencia prévia de populações indigenas: não houve por isso nenhum dos traços *punicos* do avassallamento das regiões mais ou menos habitadas.

Assim, do cerebro poderoso do infante D. Henrique, duro para as affeições, desapiedado e esquivo, sahiu todo o systema colonial moderno, de pé e armado, qual Minerva da cabeça de Jupiter. E se para Portugal o titulo de nobreza no concurso épico das nações são os seus dois seculos de expansão maritima, e são-no, é incontestavel que o infante D. Henrique foi o nosso Hercules. Encarnou o genio latente de um povo inteiro, tornou-se o interprete do destino de uma nação filha da vontade civica, e á força de heroismo tenaz conseguiu vencer. Para vencer, porém, teve de despedaçar, não talvez o coração proprio, porque a sua natureza genial era rebelde ao sentimento, mas a felicidade, a paz e até a propria vida de tres irmãos que acabaram, mais ou menos por culpa d'elle, um desfeito em dôr, outro immolado no captiveiro, outro varado por uma setta no tumulto da guerra civil. O genio é descaroavel: se no mundo a acção e a bondade podessem andar juntas, o mundo seria um paraizo.

Oliveira Martins.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

CAPITULO VI

PENETRAMOS NO REINO DOS KAKUANAS

Toda essa tarde trilhamos a larga, magnifica estrada que seguia infindavelmente para o lado de noroeste. Alguns dos negros marchavam adiante (uns cem passos) como vedetas. Outros seguiam levando as nossas bagagens. Nós iamos no meio, entre Infandós e Scragga.

Pouco a pouco, Infandós e eu descahimos n'uma palestra familiar e amigavel. O velho era esperto e loquaz.

— Quem fez esta estrada, Infandós?

— Foi feita ha muito tempo, meu senhor. Ninguem sabe quando; nem mesmo uma mulher que tudo sabe, Gagula, que tem vivido através de gerações... Já ninguem póde fazer estradas assim... Mas o rei não consente que se desmanche, nem que lhe cresça a herva por cima.

— E ha quanto tempo vivem aqui os kakuanas, Infandós?

— A nossa gente, meu senhor, veio para aqui de grandes

[1] Continuado da pag. 78, do numero de janeiro.

terras que estão para além (indicava o Norte) ha mais de dez mil milhares de luas. Para baixo não puderam seguir, segundo diziam nossos avós, que o disseram a nossos paes, e segundo conta Gagula, a mulher que tudo sabe. Não puderam por causa das altas montanhas que estão em redor, e do deserto onde tudo morre. De modo que, como a terra era fertil, aqui assentaram; e tantos e tão fortes se tornaram que agora, quando Tuala, nosso rei, chama os seus regimentos, o chão treme todo com o seu peso, e até onde a vista alcança só se vêem plumas de guerreiros e lanças.

— Mas se a terra está murada de montanhas, e se não tendes visinhos, para que são tantos soldados?

— A terra está aberta para além (e indicava o Norte). E ás vezes descem de lá multidões, que não sabemos quem são, e que nós destruimos. Já correu a terça parte d'uma vida de homem desde a ultima guerra. Depois houve outra guerra, mas foi entre nós, irmão contra irmão.

— Como foi isso, Infandós?

Infandós começou então uma d'essas historias de pretendentes e de guerras dynasticas, que abundam em todos os continentes. O pae d'elle, Kapa, que era o rei dos kakuanas, tivera por primeiros filhos, da primeira mulher (elle, Infandós, era filho d'uma concubina) dois gemeos. Ora a lei dos kakuanas manda que de dois gemeos reaes o mais fraco seja sempre destruido. Mas a mãe, por piedade e amor, escondeu o gemeo mais fraco, que se chamava Tuala, e, ajudada por Gagula, educou-o em segredo n'uma caverna. Quando Kapa morreu, o gemeo mais velho, que se chamava Imotú, foi portanto rei; e logo depois teve da sua mulher favorita um filho por nome Ignosi. Ora por esse tempo passára a guerra com os povos do Norte: os campos não tinham sido semeados; veio uma fome; e havia grande miseria e dôr entre o povo, que, como uma fera esfaimada, rosnava, procurando com os olhos sangrentos alguma coisa em redor para despedaçar. Foi então que Gagula, a mulher que tudo sabe e que não morre, rompeu a dizer que os males todos provinham de que Imotú reinava sem ser rei. Imotú a esse

tempo estava doente na sua cubata, com uma ferida. Começou a correr um clamor entre o povo. Por fim, Gagula um dia reune os soldados, vai buscar Tuala, o gemeo mais novo que ella e a mãe tinham escondido nas cavernas, apresenta-o ao povo, descobre-lhe a cinta, e mostra a marca real com que entre os kakuanas os reis são marcados ao nascer — uma tatuagem representando uma cobra, que se enrosca em torno do ventre real, e vem reunir, sobre o umbigo real, a cabeça e o rabo. E ao mesmo tempo, Gagula gritava: « Eis o vosso verdadeiro rei, que eu salvei e que escondi, para elle vos vir salvar agora! » O povo, tonto de fome, ignorando a verdade, espantado com a evidencia da marca real, largou a bradar: « Este é o rei! Este é o rei! » Alguns sabiam bem que não — e que n'este só havia impostura. Mas n'esse momento, ouvindo os alaridos, o rei Imotú sae doente e tropego da sua cubata, com a mulher e com o filho que tinha tres annos, a saber porque vinham tantos brados e porque pediam elles « o rei! » Immediatamente Tuala, o irmão, corre para elle e crava-lhe uma faca no coração! E o povo, que as acções decididas e bruscas sempre fascinam, gritou logo: « Tuala é rei! Tuala provou que é rei! » Diante d'isto a pobre mulher de Imotú agarrou o filho, o seu Ignosi, e fugiu. Ainda appareceu, passados dias, n'uma aringa, pedindo de comer. Depois viram-na seguir para os lados dos montes e nunca mais voltou.

— De modo, observei eu interessado por esta pagina de historia negra, que Tuala não é o verdadeiro rei.

O velho respondeu com prudencia:

— Tuala, o grande, é rei. Mas se Ignosi vivesse ainda, só esse tinha o legitimo direito de reinar sobre os kakuanas. A cobra sagrada foi-lhe marcada em torno da cinta. O rei é elle. Sómente decerto ha muito que Ignosi morreu...

Casualmente n'esse instante, voltando-me para fallar aos camaradas que marchavam atraz — esbarrei com Umbopa, que quasi me pisava os calcanhares, absorto n'aquella historia de Imotú e de Ignosi, com uma curiosidade, um interesse que lhe punham nos olhos um brilhar desusado, lhe davam a expressão

de quem de repente lembra coisas vagas, remotas, semi-esquecidas, perturbadoras. N'essa occasião permaneci indifferente. Mas, depois, através da jornada, muitas vezes pensei n'aquella anciosa, esgazeada curiosidade do Zulú.

No entanto já trilharamos algumas fortes milhas d'estrada. As montanhas de Saba ficavam para traz envoltas nos seus mysticos véos de nevoa. E o paiz cada vez se offerecia mais formoso e mais rico.

Ao começo da tarde avistamos emfim uma grande povoação, — que, segundo Infandós nos declarou, pertencia ao seu commando militar e continha uma vasta guarnição. O velho guerreiro mandára mensageiros adiante, correndo, n'um passo de gazella, a annunciar a nossa vinda. E quando nos aproximamos da aldêa, descobrimos com effeito, sahindo das portas e marchando ao nosso encontro, densas companhias de soldados.

O barão tocou-me no braço, com um receio que « as coisas se apresentassem desagradavelmente ». Infandós decerto comprehendeu, pelo tom, pelo franzir de sobrancelhas do barão, o sobresalto que o tomára (e a mim), porque acudiu anciosamente, com redobrada reverencia:

— Que os meus senhores não suspeitem de mim! Aquelle é um dos regimentos que eu commando! Mandei-o sahir e desfilar, para prestar as honras aos que vêm do mundo das estrellas...

Esbocei um gesto e um sorriso de soberana indifferença. Realmente estava bem inquieto!

A povoação ficava á direita da estrada, separada d'ella por um declive de terreno areado e bem pisado, onde o regimento se formára em parada. Havia alli talvez uns tres mil homens. E quando nos acercamos, podemos vêr com admiração e assombro, de que esplendida, de que formidavel raça eram estes guerreiros kakuanas! Nenhum media menos de seis pés d'altura; e todos eram veteranos de quarenta annos, ageis,

experientes, prodigiosamente robustos, endurecidos por exercicios perpetuos. Sobre a cabeça todos traziam a corôa d'altas e pesadas plumas negras, sempre tremendo ao vento. Em volta da cinta pendia-lhes um saião feito de rabos de boi, muito juntos uns aos outros e brancos; e no braço esquerdo sustentavam escudos redondos de ferro, recobertos de couro pintado de branco. Por armas tinham uma azagaia semelhante á dos Zulús — e tres facas (uma no cinto, duas em presilhas no escudo), facas enormes que elles chamam *tollas* e que arremessam a distancias de cincoenta jardas e mais, com uma certeza terrivel.

As companhias conservavam-se mais immoveis que estatuas de bronze. Mas, á medida que iamos passando em frente d'ellas, cada official (que se distinguia por uma capa de pelle de leopardo) dava um signal: e os homens, brandindo a azagaia no ar, soltavam a saudação real, a grande voz: «krum! krum! krum!»

Assim penetramos na povoação ao rumor de acclamações. A aldêa devia ter uma milha de circumferencia; e era defendida por um largo fosso e por uma alta estacada feita de troncos d'arvores. Na porta central, do lado da estrada, havia uma ponte levadiça.

Parecia uma aldêa admiravelmente bem ordenada. Ao centro, entre arvores, corria uma ampla, extensa rua, cortada em angulos rectos por outras mais estreitas, formando séries de quarteirões, cada um dos quaes alojava uma companhia. As cubatas, redondas, feitas d'uma grossa verga entrelaçada, findavam á maneira da dos Zulús por tectos de colmo em fórma de zimborio agudo: mas, differentes n'isto das dos Zulús, tinham uma porta, larga e facil, e eram cercadas por uma varanda, cujo chão de cal dura rebrilhava ao sol. Os dois lados da grande rua apinhavam-se de mulheres, que tinham corrido de todas as cubatas para nos admirar. Era uma bella raça de mulheres — altas, airosas, esplendidamente feitas, com o cabello mais ondeado que encarapinhado, as feições por vezes aquilinas, e os beiços sempre finos. Mas o que mais nos impressio-

nou foi o seu ar grave e serio. Nem pasmo selvagem, nem risos, nem injurias, ao vêrem-nos desfilar, tão estranhos e differentes de todos os homens que até ahi tinham encontrado. Nem mesmo a singular figura de John lhes arrancou uma exclamação: apenas os largos olhos negros se lhes arregalavam para as pernas niveas do pobre amigo, que, roído de vergonha, praguejava baixo.

Quando chegámos ao centro da aldêa, Infandós parou em frente d'uma espaçosa e rica cubata, cercada de dependencias menores, entre arvoredo. E com palavras grandiosas, á maneira dos Zulús, offereceu-nos a hospitalidade:

— Aqui habitareis, meus senhores. E não tereis de apertar o ventre com fome! Em breve vos traremos mel, leite, uma ou duas vaccas, alguns carneiros. Não é muito, oh espiritos! Mas é dado por corações, que se regosijam de vos vêr.

— Bem, bem, Infandós, murmurei eu. O que precisamos sobretudo é descançar, fatigados da nossa descida através dos espaços e dos reinos do ar...

A cubata era muito confortavel, com herva aromatica espalhada no chão, grandes pelles servindo de leitos, e vistosos cantaros para a agua. D'ahi a pouco, entre cantos e risos, appareceu á porta um bando de raparigas trazendo leite, mel em covilhetes, fructas em cestos: — e atraz dois rapazes seguiam, arrastando um vitello pelos cornos. Um dos rapazes, tirando a faca do cinto, matou o vitello de um golpe: e logo o outro, agil e destramente, o esfolou e retalhou.

Ajudado por uma das raparigas (que era extremamente bonita), Umbopa passou a coser a carne n'uma panella de barro, sobre uma alegre fogueira accesa á porta da cubata: e nós mandamos convidar Infandós e Scragga para partilhar do nosso repasto. Quando entraram, notei que, para comer, se não encruzavam no chão á maneira dos Zulús — mas se sentavam em pequenos bancos, que abundavam na cubata encostados ás paredes. O jantar foi longo e affavel. O velho guerreiro todo elle exhibia doçura e respeito. Mas o rapaz Scragga parecia olhar para nós, e para cada um dos nossos gestos, com

singular desconfiança. Talvez, ao vêr que nós comiamos, bebiamos, e tinhamos as necessidades de qualquer kakuana, começava a suspeitar da nossa origem divina. Não me agradou este sentimento, tão real e logico. Que nos poderia assegurar as vidas, perdidos entre aquellas turbas negras, senão o terror supersticioso?

Depois de jantar accendemos os cachimbos — o que encheu os nossos amigos d'espanto. Na terra dos kakuanas, como na dos Zulús, a planta do tabaco cresce em abundancia — mas elles só a sabem usar torrada e sêcca, pulverisada. Só conhecem o rapé.

No entanto conversamos a respeito da nossa jornada. Infandós já tudo organisára para que ella continuasse na madrugada seguinte, mandando adiante emissarios a prevenir Tuala da nossa chegada ao seu reino. Tuala estava então na sua grande cidade de Lú, preparando-se para a revista de tropas, a dança das flôres e « caça aos feiticeiros », que constituem a maior solemnidade religiosa e militar dos kakuanas, na primeira semana de junho. E segundo affirmava Infandós, nós deviamos (a não ser que nos detivessem os rios transbordados) entrar as portas de Lú ao fim de dois dias de marcha.

Depois, como começavam a luzir as estrellas e a aldêa ia cahindo em silencio, os nossos amigos deixaram a cubata. E tres de nós atiraram-se logo para cima dos leitos de pelles, emquanto outro, com as carabinas carregadas, velava, no seu turno de sentinella, para prevenir as traições.

Mas essa primeira noite na terra dos kakuanas foi muito calma e segura.

(Continúa).

CARTAS DE FRADIQUE MENDES [1]

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

VII

Se a vida de Fradique foi assim governada por um tão constante e claro proposito de abstenção e silencio — eu, publicando as suas Cartas, parecço lançar estouvada e traiçoeiramente o meu amigo, depois da sua morte, n'esse «ruido e Publicidade» a que elle sempre se recusou por suprema e rigida probidade de espirito. E assim seria — se eu não possuisse a evidencia de que Fradique incondicionalmente approvaria uma publicação da sua Correspondencia, organisada com discernimento, com gosto e com saber. Em 1888, n'uma carta em que lhe contava uma romantica jornada na Bretanha, alludia eu a um livro que me acompanhára e me encantára, a *Correspondencia de Xavier Doudan* — um d'esses espiritos recolhidos que vivem para se aperfeiçoar na verdade e não para se glorificar no mundo, e que, como Fradique, só deixou vestigios da sua intensa actividade pensante na sua Correspondencia colligida com reverencia e carinho pelos confidentes da sua intelligencia.

Fradique, na carta que me volveu, toda occupada dos Py-

[1] Continuado da pag. 29, do numero de janeiro.

renéos onde gastára o verão, accrescentava n'um *post-scriptum:* — « A correspondencia de Doudan é realmente muito le-
« givel; ainda que através d'ella apenas se sente um espirito
« naturalmente limitado, que desde novo se entranhou no dou-
« trinarismo da escóla de Genebra, e que depois, cahido em so-
« lidão e doença, só pelos livros conheceu a vida, os homens e
« o mundo. Li em todo o caso essas cartas — como leio todas
« as collecções de Correspondencias, que, não sendo fria e di-
« dacticamente preparadas para o publico (como as de Plinio),
« constituem estudo excellente de psychologia e de historia. Eis-
« ahi uma maneira de perpetuar as idéas d'um homem que
« eu affoutamente approvo — publicar-lhe a correspondencia!
« Ha desde logo esta immensa vantagem: — que o valor das
« idéas (e portanto a escolha das que devem ficar) não é de-
« cidido por aquelle que as concebeu, mas por um grupo de
« amigos, de criticos, tanto mais livres e mais exigentes no seu
« julgamento quanto estão julgando um morto que só desejam
« mostrar ao mundo pelos seus lados superiores e luminosos.
« Além d'isso uma Correspondencia revela melhor que uma obra
« a individualidade, o homem; e isto é inestimavel para aquel-
« les que na terra valeram mais pelo caracter do que pelo ta-
« lento. Accresce ainda que se uma obra nem sempre augmenta
« o peculio do saber humano, uma Correspondencia, reprodu-
« zindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os
« gostos, o pensar contemporaneo e ambiente, enriquece sempre
« o thesouro da documentação historica. Temos depois que as
« cartas d'um homem, sendo o producto quente e vibrante da sua
« vida, contêm mais ensino que a sua philosophia — que é apenas
« a creação impessoal do seu espirito. Uma Philosophia que se
« desenrola dá uma conjectura mais que se vai juntar ao immen-
« so montão das conjecturas: uma Vida que se confessa faz a
« constatação d'uma realidade humana, que, posta ao lado das
« outras constatações, alarga o nosso conhecimento do Homem,
« unico objectivo *accessivel* ao esforço intellectual. E finalmente
« como *cartas são palestras escriptas* (assim affirma não sei
« que classico), ellas dispensam o revestimento sacramental da

« *tal prosa como não ha*... Mas este ponto precisava ser mais « desembrulhado — e eu sinto parar á porta o cavallo em que « vou trepar ao pico de Bigorre. »

Foi a lembrança d'esta opinião de Fradique, tão clara e fundamentada, que me decidiu, apenas em mim se foi calmando a saudade d'aquelle camarada adoravel, a reunir as suas cartas para que os homens alguma coisa podessem aprender e amar n'aquella intelligencia que eu tão estreitamente amára e seguira. A essa carinhosa tarefa devotei reverentemente um anno — porque a correspondencia de Fradique, que, desde os quietos habitos a que se acolhera depois de 1880 aquelle « andador de continentes », se tornára a mais preferida das suas occupações espirituaes, apresenta a vastidão e a copiosidade da correspondencia de Cicero, de Voltaire, de Proudhon, d'outros caudalosos remexedores de idéas.

Sente-se logo o prazer com que compunha estas cartas na fórma do papel — esplendidas folhas de Whatman, eburneas bastante para que a penna corresse n'ellas com o desembaraço « com que a voz corta o ar »; vastas bastante para que n'ellas coubesse o desenrolamento da mais complexa idéa; fortes bastante, na sua consistencia de pergaminho, para que não prevalecesse contra ellas o carcomer do tempo. « Calculei já, ajudado « pelo Smith (affirma elle a Carlos Mayer), que cada uma das mi- « nhas cartas, n'este papel, com enveloppe e estampilha, me custa « 250 reis. Ora suppondo vaidosamente que cada quinhentas « cartas minhas contêm uma idéa — resulta que cada idéa me « fica por *cento e vinte e cinco mil reis*. Este méro calculo « bastará para que o Estado, e a economica Classe-Média que « o dirige, empeçam com ardor a educação — provando, como « inilludivelmente prova, que fumar é mais barato que pen- « sar... Contrabalanço *pensar* e *fumar*, porque são, ó Carlos, « duas operações identicas que consistem em atirar pequenas « nuvens ao vento. »

Estas dispendiosas folhas têm todas a um canto as iniciaes de Fradique — F. M. — minusculas e simples, em esmalte escarlate. A letra que as enche, singularmente desigual, offerece

a maior similitude com a conversação de Fradique: ora cerrada, fina, funda, parecendo morder o papel como um buril para contornar bem rigorosamente a idéa; ora hesitante, demorada, com riscos, separações, como n'aquelle esforço tão seu de tentear, espiar, cercar, apanhar a real realidade das coisas: ora mais fluida, rapida, lançada com facilidade e largueza, lembrando esses momentos de abundancia e de veia que Fontan de Càrmanges denominava *le dégel de Fradique*, e em que o gesto estreito e sobrio se lhe desmanchava, n'um esvoaçar de flammula ao vento.

Fradique nunca datava as suas cartas: e, se ellas vinham de moradas familiares aos seus amigos, notava méramente o nome do mez. Existem assim cartas innumeraveis com esta resumida indicação — *Paris, Julho: Lisboa, Fevereiro...* Frequentemente tambem, restituia aos mezes as alcunhas naturalistas do kalendario republicano — *Paris, Floreal; Londres, Nivoze.* Quando se dirigia a mulheres, substituia ainda o nome do mez pelo da flôr que melhor o symbolisa; e possuo assim cartas com esta bucolica data — *Florença, primeiras violetas* (o que indica fins de fevereiro); *Londres, chegada dos Chrysanthemos* (o que aponta para começos de setembro). Uma carta de Lisboa offerece mesmo esta data atrocissima — *Lisboa, primeiros fluxos da verborreia parlamentar!* (Isto denuncía um janeiro triste, com lama, tipoias no largo de S. Bento, e bachareis em cima bolsando, por entre injurias, fézes de velhos compendios).

Não é portanto possivel dispôr a Correspondencia de Fradique por uma ordem chronologica: nem de resto essa ordem importa desde que a sua Correspondencia não apparece n'aquella integridade que a tornaria uma historia contínua e intima da sua vida e da sua intelligencia. Os seus amigos melhores julgaram com effeito que, para apresentar uma imagem moral de Fradique, bem concreta, sólida e comprehensivel — convinha operar, nos maços de cartas que accumulei, uma escolha exigente e sagaz.

A correspondencia de Fradique, como finamente diz Alceste, — *c'est son génie qui mousse.* N'ella vemos apenas a

espuma ligeira, irradiante, ephemera, que fervia e transbordava, emquanto em baixo jazia o vinho rico e substancial, que não foi distribuido, nem aproveitou ás almas sedentas. E vão seria certamente procurar n'estas cartas de Fradique a summa do seu pensar tão alto e tão livre, do seu saber tão fundo e tão certo.

N'uma correspondencia pois que não constitue, como a de Voltaire ou de Proudhon, o corrente e constante commentario que acompanha e illumina a obra, cumpria sobretudo destacar as paginas que com mais visivel saliencia revelassem a *personalidade* — o conjunto de idéas, actos, gostos, modos, em que tangivelmente se sente e se palpa o homem. Por isso, entre as cartas de Fradique, escolhemos de preferencia aquellas que mostram traços de caracter, estados de alma, relances da existencia activa: as que deixam entrever algum instructivo episodio da sua vida de coração; as que, revolvendo noções geraes sobre a litteratura, a arte, a sociedade e os costumes, proprias a prender todo o espirito culto, caracterisam o feitio do seu pensamento; e ainda, pelo interesse especial que as realça, as que se referem a coisas de Portugal, como as suas « impressões de Lisboa », tão pittorescamente transcriptas para regalo de madame de Jouarre.

E assim publicadas, sem data, esparsamente, vão estas cartas dando a impressão d'uma vida de homem, que se desenrola nas suas manifestações simultaneas e sempre superiores — de pensamento, de paixão, de sociabilidade, de acção.

Além do meu impaciente desejo que os contemporaneos venham a reverenciar e a amar este espirito, que eu tanto amei e reverenciei, — obedeço, publicando as cartas de Fradique, a um intuito de levantado e puro patriotismo.

Uma nação só vive porque pensa. *Cogitat ergo est.* A Força e a Riqueza não bastam para provar que uma nação vive d'uma vida que mereça ser glorificada na Historia, — como rijos musculos n'um corpo e ouro farto n'uma bolsa não bastam

para que um homem honre em si a Humanidade. Um reino d'Africa, com guerreiros incontaveis nas suas aringas, e incontaveis diamantes nas suas collinas, — será sempre uma terra bravia e morta, que, para lucro da Civilisação, os Civilisados pisam e retalham tão desassombradamente como se sangra e se corta a rez bruta para nutrir o animal pensante. E por outro lado se o Egypto ou Tunis formassem resplandecentes centros de Sciencias, de Litteraturas, de Artes, e através de uma serena legião de homens geniaes incessantemente educassem o mundo — nenhuma nação, mesmo n'esta idade de ferro e de força, ousaria occupar como um campo maninho e sem dono esses sólos augustos d'onde se elevasse, para tornar as almas melhores, o enxame sublime das Idéas e das Fórmas. Nenhuma tanto ousaria. É necessario ser turco, e surgir das *steppes* bravas, para metralhar o Parthenon. É necessario ser Huno, e descer dos gelos rudes, para arrazar o Capitolio. E Turcos e Hunos já passaram.

Só na verdade o Pensamento e a sua creação suprema, a Sciencia, a Litteratura, as Artes, dão grandeza aos Povos, attrahem para elles universal reverencia e carinho, e formando dentro d'elles o thesouro de idéas, de verdades e de bellezas que o mundo precisa, os tornam perante o mundo sacrosantos. Que differença ha, realmente, entre Paris e Chicago? São duas palpitantes, productivas cidades — onde palacios, escólas, instituições, parques, riquezas, se equivalem soberbamente. Porque fórma pois Paris um fóco crepitante de Civilisação que irresistivelmente fascina a humanidade — e porque tem Chicago apenas sobre a terra o valor de um rude e formidavel celleiro onde se busca a farinha e o grão? Porque Paris, além dos palacios, das instituições e das riquezas de que Chicago tambem se gloría justamente, possue a mais um grupo especial de homens — Renan, Pasteur, Taine, Coppée, Bonnat, Falguieres, Gounod, Massenet — que pela incessante producção do seu cerebro convertem a banal cidade que habitam n'um centro de soberano ensino. Se as *Origens do Christianismo*, o *Fausto*, as telas de Bonnat, os marmores de Falguieres, nos viessem d'além

dos mares, da nova e monumental Chicago, — para Chicago, e não para Paris, se voltariam, como as plantas para o sol, os espiritos, as almas e os corações da Terra.

Se uma nação portanto, só tem grandeza porque tem pensamento, todo aquelle que venha revelar na nossa patria um novo homem de original pensar, concorre patrioticamente para lhe augmentar a unica grandeza que a tornará respeitada, a unica belleza que a tornará amada; — e é como quem aos seus templos juntasse mais um sacrario ou sobre as suas muralhas erguesse mais um castello.

Michelet escrevia um dia, n'uma carta, tratando de Anthero de Quental: — « Se em Portugal restam quatro ou cinco homens « como o auctor das *Odes Modernas*, Portugal continúa a ser « um grande paiz vivo... » O mestre vidente da *Historia de França* com isto significava — que emquanto viver pelo lado da Intelligencia, mesmo que jaza morta pelo lado da Acção, a nossa patria não é inteiramente um cadaver que sem escrupulo se pise e se retalhe. Ora no Pensamento ha manifestações diversas: — e se nem todas irradiam o mesmo esplendor, todas provam a mesma vitalidade. Um livro de versos póde sublimemente mostrar que a alma de uma nação vive ainda pelo Genio Poetico: um conjunto de leis salvadoras, emanando de um espirito positivo, póde solidamente comprovar que um povo vive ainda pelo Genio Politico: — mas a revelação de um espirito como o de Fradique, assegura que um paiz vive tambem, pelos lados menos grandiosos, mas valiosos ainda, da graça, da vivaz invenção, da transcendente ironia, da phantasia, do humorismo e do gosto...

Nos tempos incertos e amargos que vão, Portuguezes d'estes não podem ficar para sempre esquecidos, longe, sob a mudez de um marmore. Por isso eu o revelo aos meus concidadãos — como uma consolação e uma esperança.

---

*

AS CARTAS

(I.ª Série)

I

AO VISCONDE DE A.-T.

Londres, maio.

Meu caro patricio. — Só hontem á noite, já tarde, ao recolher do campo, encontrei o bilhete com que consideravelmente me honrou, perguntando á minha experiencia — «qual é o melhor alfaiate de Londres.» Depende isso inteiramente do fim para que V. deseja esse Artista. Se pretende simplesmente um alfaiate que lhe cubra a nudez com economia e conforto, então recommendo-lhe aquelle que se achar estabelecido mais perto do seu Hotel. São tantos passos que forra — e, como diz o *Ecclesiastes*, cada passo encurta a distancia da sepultura.

Se porém V., caro patricio, deseja um alfaiate que lhe dê consideração e valor no seu mundo; que V. possa citar com orgulho, á porta da Havaneza, rodando lentamente para mostrar o talho firme e fino da cinta; que o habilite a mencionar os Lords que lá encontrou, escolhendo d'alto, com a ponta da bengala, cheviotes para blusas de caça; e que lhe sirva mais tarde na sua velhice, á hora gêba do rheumatismo, como recordação consoladora de elegancias moças — então, com ardente instancia lhe recommendo o Cook (o Thomaz Cook) que é da mais extremada moda, absolutamente ruinoso, e falha tudo.

Para subsequentes conselhos de «fornecedores», em Londres ou outros pontos do Universo, permanece sempre ao seu gostoso serviço o seu grato admirador — Fradique Mendes.

II

A MADAME DE JOUARRE

(*Trad.*) [1]

Paris, dezembro.

Minha querida madrinha. — Hontem em casa de Madame de Tressan, quando passei, levando para a ceia Libuska, estava sentada, conversando comsigo, por debaixo do atroz retrato da Marechala de Mouy, uma mulher loura, de testa alta e clara, que me seduziu logo, talvez por lhe presentir, apesar de tão indolentemente enterrado n'um divan, uma rara graça no andar, graça altiva e ligeira de Deusa e de ave. Bem differente da nossa sapiente Libuska, que se move com o esplendido peso de uma estatua! E do interesse por esse outro passo, possivelmente alado e *dianico* (de Diana), provém estas garatujas.

Quem era? Supponho que nos chegou do fundo da provincia, d'algum velho castello do Anjou com herva nos fossos, porque me não lembro de ter encontrado em Paris aquelles cabellos fabulosamente louros como o sol de Londres em dezembro, e aquelles hombros descahidos, dolentes, *angelicos*, imitados de uma madona de Montegna, e inteiramente desusados desde o reinado de Carlos x, do *Lyrio no Valle*, e dos corações incomprehendidos. Não admirei com igual fervor o vestido preto, onde reinavam coisas escandalosamente amarellas. Mas os braços eram perfeitos; o sorriso vinha a custo, cançado, como de muito longe, do fundo d'alma, trazendo ainda a sombra das nevoas secretas que atravessára; e nas pestanas, quando as baixava, parecia pender um romance triste. Deu-me assim a impressão, ao começo, de ser uma elegiaca do tempo de Chateaubriand. Nos olhos porém surprehendi-lhe depois uma faisca de

[1] Muitas das cartas de Fradique Mendes, aqui publicadas, são naturalmente escriptas em francez. Todas essas vão acompanhadas da indicação abreviada *trad.* (traduzida).

vivacidade sensivel — que a datava do seculo XVIII. Dirá a minha querida madrinha: — « como pude eu abranger tanto, ao passar, com Libuska ao lado fiscalisando? » É que voltei. Voltei, e da humbreira da porta, readmirei os hombros dolentes de virgem do seculo XIII; a massa de cabellos que o molho de velas por traz, entre as orchideas, nimbava d'ouro; e sobretudo o subtil encanto dos olhos — dos olhos finos e languidos... Olhos *finos e languidos*. É a primeira expressão em que hoje apanho decentemente a realidade.

Porque é que não me adiantei, e não pedi uma « apresentação? » Nem sei. Talvez o requinte em *retardar*, que fazia com que La-Fontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo. Sabe o que dava tanta seducção ao palacio das Fadas nos dias do bom rei Arthur? Não sabe. Resultados de não lêr Tennyson... Pois era a immensidade d'annos que levava a chegar lá através de jardins encantados, onde cada recanto de bosque offerecia a emoção inesperada d'um *flirt*, d'uma batalha, ou d'um banquete... (Com que morbida propensão acordei hoje para o estylo asiatico!) O facto é que, depois da contemplação junto á humbreira, voltei a cear ao pé da minha radiante tyranna. Mas por entre o banal sandwich de *foie-gras*, e um copo de Tokay em nada parecido com aquelle Tokay que Voltaire, já velho, se recordava de ter bebido em casa de Madame d'Etioles (os vinhos dos Tressans descendem em linha varonil dos venenos da Brinvilliers), vi, constantemente *vi*, os *olhos finos e languidos*. Não ha senão o homem, entre os animaes, para misturar a languidez d'um olhar fino a fatias de *foie-gras*. Um cão, de boa raça, não o faria. Mas seriamos nós desejados pelo « ephemero feminino » se não fosse esta nativa e providencial brutalidade? Só a porção de Materia que ha no homem faz com que as mulheres se resignem á incorrigivel porção d'Ideal que n'elle ha tambem — para eterna perturbação do mundo. O que mais prejudicou Petrarcha aos olhos de Laura — foram os *Sonetos*. E quando Romeu, já com um pé na escada de sêda, se demorava, exhalando o seu extasi em invocações á Noite e á

Lua — Julietta batia os dedos impacientes no rebordo do balcão, e pensava: «Ai, que palrador que és, filho da Montaigus!» Este detalhe não vem em Shakspeare, — mas é comprovado por toda a Renascença. Não me amaldiçôe por esta sinceridade de meridional sceptico, e mande-me dizer que nome tem, na sua parochia, a loura castellã do Anjou. A proposito de castellos: cartas de Portugal annunciam-me que o kiosque por mim mandado erguer, em Cintra, na minha quintarolla, e que lhe destinava como «seu pensadoiro e retiro nas horas de sésta» — abateu. Tres mil e oitocentos francos achatados em entulho. Tudo tende á ruina n'um paiz de ruinas. O architecto que o construiu é deputado, e escreve no *Jornal da Tarde* estudos ardentes sobre a musica de Wagner. O meu procurador em Cintra aconselha agora, para reedificar o kiosque, um estimavel rapaz, de boa familia, que entende de construcções e que é empregado na Procuradoria Geral da Corôa. Não sei se com estes elementos alegres nós refariamos o imperio do Oriente. Servo sempre humilde e devoto — FRADIQUE.

III

A OLIVEIRA MARTINS

Paris, maio.

Querido amigo. — Ahi remetto emfim a photographia da mumia de Ramèzes II (que o francez banal, continuador do grego banal, teima em chamar Sezostris), recentemente descoberta nos sarcophagos reaes de Medonet-Abou, pelo professor Maspero. Não acha V. picarescamente suggestivo este facto — *Ramèzes photographado?* Mas ahi está justificada a mumificação dos cadaveres, feita pelos bons Egypcios com tanta fadiga e tanta despeza, para que os homens gozassem na sua fórma terrena, segundo diz o Escriba, «as vantagens da Eternidade!» Ramèzes, como elle acreditava e lhe affirma-

vam os metaphysicos de Thebas, resurge effectivamente «com todos os seus ossos e a pelle que era sua» n'este anno de 1886. Ora 1886, para um Pharaoh da decima-nona dynastia, mil e quatrocentos annos anterior a Christo, representa muito decentemente a *Eternidade* e a *Vida-Futura.* E eis-nos agora podendo contemplar as «proprias feições» do maior dos Ramezidas, tão realmente como Hokem seu Eunuco-Mór, ou Pentaour seu Chronista-Mór, ou aquelles que outr'ora em dias de triumphos corriam a juncar-lhe o caminho de flôres, trazendo «os seus chinós de festa e a cutis envernisada com oleos de Segabai». Ahi o tem V. agora diante de si, em photographia, com as palpebras baixas e sorrindo. E que me diz a essa face real? Que humilhantes reflexões não provoca ella sobre a irremediavel degeneração do homem! Onde ha ahi hoje um, entre os que governam povos, que tenha essa soberana fronte de calmo e incommensuravel orgulho; esse superior sorriso de omnipotente benevolencia, d'uma ineffavel benevolencia que cobre o mundo; esse ar de imperturbada e indomavel força; todo esse esplendor visivel que a treva de um hypogeo, durante tres mil annos, não conseguiu apagar? Eis-ahi verdadeiramente um *Amo de homens!* Compare esse semblante augusto com o carão sôrno, obliquo e bigodoso d'um Napoleão III; com o focinho de *bull-dog* acorrentado d'um Bismarck; ou com o perfil do czar russo, um perfil de negociante de trigos, de Odessa! Que chateza, que fealdade taccanha d'estes rostos de poderosos!

D'onde provém isto? De que a alma modela a face como o sopro do antigo oleiro modelava o vaso fino: — e hoje, nas nossas civilisações, não ha logar para que uma alma se affirme e se produza na absoluta expansão da sua força. Outr'ora um simples homem, um feixe de musculos sobre um feixe d'ossos, podia erguer-se e operar como um elemento da Natureza. Bastava ter o illimitado querer — para d'elle tirar o illimitado poder. Eis-ahi em Ramèzes um sêr que tudo quer e tudo póde, e a quem Phtah, o Deus sagaz, diz com espanto: «a tua vontade dá a vida e a tua vontade dá a morte!» Elle impelle a seu bel-

prazer as raças para norte, para sul ou para leste; elle altera e arraza, como muros n'um campo, as fronteiras dos reinos; as cidades novas surgem das suas pegadas; para elle nascem todos os fructos da terra, e para elle se ergue toda a esperança dos homens; o logar para onde volve os seus olhos é bemdito e prospéra, e o logar que não recebe essa luz benefica jaz como «o torrão que o Nilo não beijou»; os deuses dependem d'elle, e Amnon estremece inquieto quando, diante dos pylones do seu templo, Ramèzes faz estalar as tres cordas entrançadas do seu latego de guerra! Eis um *homem* — e que seguramente póde affirmar no seu canto triumphal: — «Tudo vergou sob a «minha força: eu vou e venho com as passadas largas d'um «leão; o rei dos deuses está á minha direita e tambem á mi«nha esquerda; quando eu fallo o céo escuta; as coisas da «terra estendem-se a meus pés, para eu as colher com mão li«vre; e para sempre estou erguido sobre o throno do mundo!»

«O mundo», está claro, era aquella região, pela maior parte arenosa, que vai da cordilheira Libyca á Mesopotamia: e nunca houve mais petulante emphase do que nas Panegyrias dos Escribas. Mas o homem é, ou suppõe ser, inigualavelmente grande. E esta consciencia da grandeza, do incircumscripto poder vem necessariamente resplandecer na physionomia e dar essa altiva magestade, repassada de risonha serenidade, que Ramèzes conserva mesmo além da vida, resequido, mumificado, recheado de betume da Judêa.

Veja V. por outro lado as condições que cercam hoje um poderoso do typo Bismarck. Um desgraçado d'esses não está acima de nada e depende de tudo. Cada impulso da sua vontade esbarra com a resistencia d'um obstaculo. A sua acção no mundo é um perpetuo bater de craneo contra espessuras de portas bem defendidas. Toda a sorte de convenções, de tradições, de direitos, de preceitos, de interesses, de principios, se lhe levanta a cada instante diante dos passos como marcos sagrados. Um artigo de jornal fal-o estacar, hesitante. A rabulice d'um legista obriga-o a encolher precipitadamente a garra que já ia estendendo. Dez burguezes nedios e dez professores gue-

delhudos, votando dentro d'uma sala, estatelam por terra o alto andaime dos seus planos. Alguns florins dentro d'um sacco tornam-se o tormento das suas noites. E-lhe tão impossivel dispôr d'um cidadão como d'um astro. Nunca póde avançar d'uma arrancada, erecto e seguro: tem de ser ondeante e rastejante. A vigilancia ambiente impõe-lhe a necessidade vil de fallar baixo e aos cantos. Em vez de recolher as coisas da terra, com mão livre — surripia-as ás migalhas, depois de longas intrigas. As irresistiveis correntes de idéas, de sentimentos, de interesses, trabalham por baixo d'elle, em torno d'elle: e parecendo dirigil-as, pelo muito que braceja e ronca d'alto, é na realidade por ellas arrastado. Assim um omnipotente do typo Bismarck vai por vezes em apparencia no cimo das grandes coisas: — mas como a boia solta vai no cimo da torrente.

Miseravel omnipotencia! E o sentimento d'esta miseria não póde deixar de influenciar a physionomia dos nossos poderosos dando-lhe esse feitio contrafeito, crispado, torturado, azedado e sobretudo *amolgado* que se nota na cara de Napoleão, do czar, de Bismarck, de todos os que reunem a maior somma de poder contemporaneo — o feitio *amolgado* d'uma coisa que rola aos encontrões, batendo contra muralhas.

Em conclusão: — a mumia de Ramèzes II (unica face authentica do homem antigo que conhecemos) prova que, tendo-se tornado impossivel uma vida humana vivida na sua maxima liberdade e na sua maxima força, sem outros limites que os do proprio querer — resultou perder-se para sempre, no typo physico do homem, a summa e perfeita expressão da grandeza. Já não ha uma face sublime: ha carantonhas mesquinhas onde a bilis cava rugas por entre os recortes do pêllo. As unicas physionomias nobres são as das feras, genuinos Ramèzes no seu deserto, que nada perderam da sua força, nem da sua liberdade. O homem moderno, esse, mesmo nas alturas sociaes, é um pobre Adão achatado entre as duas paginas d'um codigo.

Se V. acha tudo isto excessivo e phantasista, attribua-o a que jantei hontem, e conversei inevitavelmente, com o seu correligionario P., conselheiro d'estado, e *muchas cosas más. Más*

em hespanhol; e *más* tambem em portuguez no sentido de pessimas. Esta carta é a reacção violenta da conversa conselheiral e conselheirifera. Ah, meu amigo, desditoso amigo, que faz V. depois de receber o fluxo labial d'um conselheiro? Eu tomo um banho por dentro — um banho lustral, immenso banho de phantasia, onde despejo como perfume idoneo um frasco de Shelley ou de Musset. Amigo certo *et nunc et semper* — FRADIQUE MENDES.

Eça de Queiroz.

Errata. No ultimo capitulo das CARTAS DE FRADIQUE MENDES, publicado no numero de Janeiro, o nome da depositaria dos manuscriptos de Fradique appareceu, erradamente escripto, como *Madame de Lobrinski*. Erro duplo. A terminação *ski* é ella propria a particula *de*, que, tendo em polaco dous generos, toma, ligada a um nome de mulher, a fórma feminina de *ska*. Portanto a mulher de Paulo Lobrinski é — *Madame Lobrinska*.

O BRAZIL

FASTOS DA DICTADURA

A attenção publica na Europa não abandonou de todo os negocios do Brazil onde a revolução, sempre pacifica, mas contínua, revelada a 15 de novembro, se vai desenvolvendo em toda a naturalidade das suas consequencias. Não custa muito aos historiadores o assignalar as datas do inicio das revoluções; é mais incerta, porém, a época do seu termo natural. Carlyle encerra a Revolução Franceza no dia 15 vindimiario quando a metralha, á voz de Bonaparte, varreu das portas das Tulherias e esmagou nos degraus de Saint-Roch a anarchia popular. No Brazil não houve sangue nem haverá decerto metralha; a anarchia não é popular, a revolta não sahiu da população. Os revolucionarios foram os soldados, os anarchistas foram os generaes e coroneis. E por isso, os cartuchos podem continuar azinhavrados nas espingardas, a polvora humedecida nos armazens, entre montões de balas de artilheria cobertas de bolor. O calor que arruina as armas abate os temperamentos. Não serão os cidadãos que se deixaram privar de um governo livre que, por verem a liberdade supprimida, hão de sahir á rua para reclamar justiça ou reivindicar direitos. Os tempos não comportam másculas virtudes nem espartanismos perigosos, na

republica do snr. Deodoro, republica que não é tambem atheniense nem pela cultura nem pela agitação; e, Pisistrato das Alagoas, o snr. Deodoro não colleccionará versos de Homero nem mesmo os maus sonetos e as quadrinhas chôchas com que os bachareis pretendentes e os alferes (tão fracos na disciplina metrica como na militar) lhe exaltam os sublimados meritos. No sumptuoso palacio, onde, á custa do thesouro, elle se installou; quando percorre as ruas levando atraz de si a numerosa escolta galopando em cavallos comprados no Rio da Prata (escolta que os republicanos tanto exprobravam ao Imperador), o Marechal ha de pensar que no officio de fundador de republica e de salvador da patria, a dez contos por mez, não deixa de haver encantos. Elle tem pelo menos e com certeza a segurança de espirito que é o dom dos satisfeitos, e a contente afouteza de quem, por suas mãos, obteve o poder, o fausto, a fortuna. O bravo Marechal que, ha tres mezes, derramou pela liberdade o sangue do barão de Ladario, acredita decerto na immortalidade da sua tyrannia!

Hoje, no Rio de Janeiro, em conversas particulares, apparecem, a todo momento, individuos reclamando para si todas as glorias do glorioso 15 de novembro. Pela imprensa, já começaram as reivindicações, e já os officiaes discutem entre si prioridades de heroismo incruento n'essa memoravel data. Na discussão, os interessados desassombradamente assignam pseudonymos por baixo dos seus artigos; trocam-se galhardamente epithetos impertinentes e, com bizarra fraternidade, fazem-se pouco honrosas insinuações.

Os jornaes chegados nas primeiras semanas depois da pacifica epopeia, vinham todos negros de retratos, mais ou menos desenhados, formando uma série interminavel de heroes, cujas feições tinham sido votadas á immortalidade de um dia, no centro da primeira pagina, com a promptidão que o enthusiasmo requer, a nitidez que a stereotypia barata permitte, e a rapidez que as condições da venda avulsa impõem. E, no texto, o jornalista, enthusiasmado, explicava a gravura á nação: «Este é aquelle major que viverá para sempre na historia e

«que tinha resolvido dar a sua vida pela republica, que, feliz-«mente, não lh'a pediu! — Este é aquelle tenente que tão heroi-«camente não morreu no dia 15 de novembro, mas que, não «morrendo, se cobriu de gloria! — Este é aquelle tenente-coro-«nel que, com jamais igualada bravura, declarou que recusava «bater-se contra os regimentos revoltados! etc., etc., etc.».

E a mocidade das escólas, que tão pouco estuda, aprende assim quão pouco custa e quanto rende o ser heroe revolucionario.

O enthusiasmo de certos jornalistas não cessou nem com a instituição das commissões militares destinadas a reprimir o delicto da expressão de qualquer pensamento contrario aos interesses do governo. O decreto applicando aos escriptores publicos os artigos 15 e 16 do Regulamento do Conde de Lippe é todavia um monumento da mais desgraçada brutalidade, e a prova do terror que o governo tem da verdade. São decerto duras as penas de forca e de trabalhos de fortificação consignadas n'esses artigos; não serão porém mais crueis do que as condemnações da historia contra os governantes militares do Brazil, militares que o conde de Lippe, agora resuscitado, arcabuzaria logo por indisciplina e traição.

Todos os homens de espirito limpo, de alma decente, em todos os paizes onde chegar a noticia da reacção barbara effectuada hoje nos costumes politicos do Brazil, hão de stygmatisar o procedimento dos membros do governo provisorio. Será porém injusto quem só condemnar os militares; menos dignos e mais audazes, nas valentias sem perigo, são os bachareis ministros, antigos advogados e jornalistas encanecidos na pratica inveterada do artigo em favor de todas as liberdades e do arrazoado em defeza dos direitos do homem em geral (e dos raros clientes em particular).

Os militares, como grande parte da população do Rio de Janeiro e das cidades do Brazil, soffrem de um nervosismo especial, talvez proprio dos paizes quentes, onde a ociosidade é commum; onde a raça é de impressões faceis; onde a palavra, sob a fórma de discurso, é um prazer, quer na funcção activa

de orador quer na funcção passiva de ouvinte, e é, em todo o caso, a mais barata das distracções. Este nervosismo não toma a fórma tragica de sangrentas insurreições, nem é causa de explosões de sentimentos fortes. A corrente nervosa diffunde-se em expressões de alta admiração, de carinho, de affecto, de gratidão, de apreço, por todas as fórmas. O nervosismo intenso dos anemicos do Rio de Janeiro apresenta fórmas quasi hystericas nas suas manifestações collectivas. O abolicionismo serviu durante muito tempo de derivativo para esta molestia social. Aquelle povo doente chorou nas ruas quando o Imperador partiu enfermo para a Europa, e 100:000 pessoas, em delirio, saudaram-no á sua volta.

Ha no Brazil individuos e associações que vivem vigilantes, á espreita de que em qualquer parte do mundo surja um acontecimento, fausto ou desgraçado, que sirva de pretexto ao furor exhibicionista, de motivo para vir á praça publica, para correr aos jornaes, manifestar, externar, seja o que fôr, odio, affecto, patriotismo, indignação ou simples cumprimentos. E quando esta mania da praça publica, esta *àgoramania* apparece larvada de caridade ruidosa, abrem-se subscripções, organisam-se kermesses, formam-se bandos precatorios que percorrem as ruas a pedir esmola. Esta fórma delirante é, comtudo, a menos duradoura; a subscripção fecha-se por si mesma, sem a pompa com que se abriu; e muitas vezes a precaria collecta do bando precatorio tem mysteriosos destinos. Ao ser proclamada a Republica foi aberta uma subscripção nacional para o pagamento da divida interna da nação. O ministro da fazenda presidiu a uma sessão de patriotas em que o projecto se lançou, os jornaes occuparam-se do assumpto com fervor, e o assumpto cahiu no mais completo esquecimento, rendendo a subscripção, em todo o paiz, seiscentas e tantas libras! Quando o nervosismo na sua fórma manifestante não é contrariado pelo desembolso de dinheiro (que logo acalma os espiritos), o enthusiasmo não conhece limites. Um viajante francez, chegando ao Rio de Janeiro poucos dias depois da revolução, ao desembarcar, achou suspenso o serviço da alfandega, e as salas d'aquella

repartição atapetadas de flôres, com grinaldas de folhagem pelos muros. Era o dia de annos do guarda-mór. E os empregados faziam-lhe uma manifestação: discurso! resposta commovida! abraços ardentes! offerecimento de album! etc., etc. — Dous mezes antes da revolução chegou ao Rio de Janeiro um encouraçado chileno. Existem laços de sympathia entre o Brazil e o Chile porque os governos dos dois paizes se consideram alliados provaveis em caso de guerra contra a Republica Argentina. Havia pouco tempo, os officiaes de um navio brazileiro tinham sido muito festejados no Chile. Não foi preciso mais. Durante dois mezes, todo o Rio de Janeiro, desde o Imperador até ao mais obscuro sujeito, não fez outra coisa senão obsequiar os chilenos. Recepções, bailes, almoços, jantares, ceias, *garden-parties*, lunchs, presentes, visitas, discursos, poesias, artigos, *marches aux flambeaux*, corridas, regatas, pyrotechnicas, tudo! Foi um delirio sem nome, e sem fim!

Esta superexcitação da sensibilidade, molestia propria dos tempos agitados e das sociedades em crise, enfermidade que a sciencia reconhece, e que na Idade-Média tomava as fórmas estranhas de verdadeiras epidemias mentaes, como a dos flagellantes, dos adamitas e outras, é, nas suas fórmas attenuadas d'este seculo, uma epidemia reinante em certa parte da população brazileira. Nenhuma classe deixa de pagar-lhe tributo mais ou menos largo.

A profissão das armas que é no Brazil quasi que uma profissão sedentaria, porque no regimen dos quarteis não ha os rigores viris da disciplina nem o habito fortificante dos exercicios energicos, como nos exercitos europeus, é uma profissão que não escapa a estas morbidas e especiaes condições physiologicas.

O soldado brazileiro que, na guerra do Paraguay, mostrou uma bravura tão constante, uma abnegação tão commovente nos maiores soffrimentos, tem ainda hoje as mesmas qualidades. Infelizmente, não é boa a direcção dada a essas qualidades. O official novo é d'um typo bem differente do antigo. Já não existe mais o velho militar, descendente directo da milicia

portugueza das campanhas peninsulares, raça de officiaes aguerridos nas luctas do Sul do Brazil, que salvou a unidade do paiz suffocando as revoltas, sustentou a honra brazileira, e defendeu a civilisação, destruindo as tyrannias militares de Rosas e de Lopez. Não eram talvez muito instruidos, esses bravos; mas eram claros exemplos de fidelidade á honra dos seus juramentos. As suas idéas simples, feitas mais de sentimento e de habitos de dedicação do que de complicados raciocinios, não lhes permittiam subtilezas e distincções quando se tratava do dever militar. O official novo, no Brazil, ouviu nas escólas maior numero de professores. Esses professores (pelo menos muitos d'elles) ou são bachareis discursadores, ou são militares de livro francez, philosophantes do positivismo, d'esses que para a exposição d'essa escóla tiveram a habilidade de crear no Brazil uma rhetorica especial. Da natureza d'esse ensino dá uma idéa a seguinte anecdota contada pelo barão de Hübner, antigo ministro dos negocios estrangeiros do Imperio Austro-Hungaro. M. de Hübner foi assistir a uma aula na Escóla Militar do Rio de Janeiro, e o professor, para lhe fazer honra, resolveu fallar em francez apesar do barão comprehender perfeitamente o portuguez. O que disse diante d'aquelle estrangeiro illustre o professor da Escóla Militar do Imperio? Durante mais de uma hora fallou o verboso homem, fazendo o elogio do Nihilismo! O barão retirou-se, inteiramente edificado sobre a instrucção dada aos militares brazileiros.

O governo monarchico commetteu um erro immenso deixando ao ensino militar o seu caracter exclusivamente theorico. O snr. D. Pedro II, tão occupado das sciencias, não fez senão abacharelar o official do exercito que agora naturalmente revela um tão pronunciado furor politicante, discursante e manifestante. O resultado seria outro, se o governo olhasse para as escólas do exercito, se mantivesse na Europa constantes missões militares, se promovesse o bem-estar, a boa educação, o conforto, a confraternidade bem entendida, o mutuo respeito, creando para o official uma atmosphera de distincção, reformando e organisando com decencia e ordem os quarteis, dando

uniformes mais elegantes aos jovens officiaes, augmentando-lhes o soldo, creando clubs com a installação que exige o decoro da officialidade d'um paiz civilisado.

Ao sahir da escóla o joven official não encontrava nada d'isto, nem recebia do governo nada que concorresse a completar-lhe a educação. E a maior boa vontade, as melhores disposições do official esterilisavam-se ou tomavam direcção inconveniente. D'ahi a razão de muitas aptidões se desviarem da carreira das armas, d'ahi o falseamento do espirito militar. Muitos dos officiaes brazileiros são apenas bacharcis de espada; elles prezam mais do que tudo as graduações do seu curso mathematico, e o titulo de bacharel ou de doutor é por elles mesmos anteposto á designação das suas patentes. O official allemão, francez ou inglez, que antes do almoço tem andado vinte ou trinta milhas a cavallo, feito uma hora de sala d'armas, atirado ao alvo, tomado uma ducha, que pisa rijamente o sólo respirando com largos pulmões o ar frio das manhãs, e que passa ainda depois o dia em exercicios, — esse official europeu difficilmente comprehenderá a nenhuma educação physica e profissional do official brazileiro. Para elle será sempre incomprehensivel o capitão dr. Fulano, o segundo-tenente bacharel Sicrano e o tenente-coronel dr. Beltrano.

Não é, pois, extraordinario que, no dia 15 de janeiro, alguns officiaes brazileiros tenham praticado mais um acto de ruidoso bacharelismo. Foram elles, encorporados, á frente de gente do povo e de soldados, fazer uma manifestação ao snr. Deodoro, salvador da patria e dispensador de altos postos militares, de pensões e de commissões. O ministerio rodeava o chefe definitivo do Governo Provisorio. Houve muitos discursos; e um dos oradores propôz que o snr. Deodoro fosse proclamado generalissimo das tropas de mar e terra; outro propôz para brigadeiro o tenente-coronel dr. ministro da guerra; e um terceiro, para não ficar atraz, lembrou o posto de vice-almirante para o chefe de divisão ministro da marinha. E, scena de opereta, que seria simplesmente comica, se não revelasse um desgraçado estado de coisas, os agraciados, cada um por sua vez,

appareceram ás janellas do palacio Deodoro, e agradeceram commovidissimos, aceitando! O dr. ministro da guerra declarou que não podia resistir ao desejo do povo, do exercito e da marinha: e o governo provisorio alli reunido fez lavrar immediatamente os decretos, abstendo-se apenas e generosamente cada um dos favorecidos, de assignar os decretos da sua propria exaltação. Até que ponto poderá conduzir o paiz um governo que só sabe ceder *á opinião* em casos d'estes?

Esta farça tumultuaria e pretoriana deve entristecer muito os brazileiros que prezam os seus fóros de povo civilisado. O titulo de generalissimo, como observou o *Times*, é o titulo preferido dos tyrannieulos militares da America Central que o snr. Deodoro, tardiamente e em ponto grande, pretende imitar. Generalissimo não é um posto; os officiaes manifestantes que expuzeram levianamente a sua patria á galhofa da Europa, mostraram ignorar que o titulo de generalissimo é assumido, e sómente em campanha, pelo general que commanda forças alliadas e que, das potencias unidas em guerra, recebe esse titulo. Foram generalissimos Wallenstein, Montecuculli, o principe Eugenio de Saboia, o principe de Schwartzenberg. Na Europa, hoje, só ha um generalissimo, que é o grão-vizir da Turquia. N'este seculo, grandes generaes, chefes de poderosos exercitos não tomaram o pomposo titulo assumido e ganho pelo snr. Deodoro, na rua Larga de S. Joaquim. Não foi generalissimo Wellington, não o foi o velho von Moltke, nem o foram Mc Clellan, nem Grant, homens que estiveram á frente de milhões de soldados. Foram porém generalissimos os Rosas; os Lopez; os Barrios de Guatemala; os Daza, os Melgarejo da Bolivia; os Gusman Blanco de Venezuela; e, no Mexico, Sant'Anna, que tinha o tratamento de Alteza e que fez enterrar com supremas honras militares a perna que perdeu no assalto de Vera Cruz; e, ultimo de todos, é finalmente generalissimo o snr. Deodoro que tudo ganhou e no dia 15 de novembro nada perdeu, a não ser a cabeça quando, á uma hora da tarde, desthronou o soberano a quem dava vivas ao meio-dia!

Comprehende-se Bonaparte glorioso acclamado *Le petit*

Caporal pelas suas tropas victoriosas, depois de Lodi e de Arcole; mas, quaes os novos feitos dos snrs. Deodoro e Benjamim Constant? Aquelle, commandou uma revolta de que tirou honras e proveitos, e onde não correu perigo algum a sua existencia; o tenente-coronel dr. (hoje brigadeiro) Benjamim Constant, emquanto os seus collegas se batiam no Paraguay, accumulava empregos no Rio de Janeiro, ensinava o positivismo, e dirigia o Instituto dos Meninos Cegos.

Quando o Brazil ficar sériamente organisado, estas promoções tumultuarias, que importam gravissimas preterições, serão mantidas? Em França, depois da ultima guerra, as promoções feitas no campo de batalha, embora com a justificação do enthusiasmo pela bravura, foram sujeitas a uma commissão revisora.

É de esperar que a representação nacional sujeite tambem á revisão o tratado que o Governo Provisorio celebrou com a Republica Argentina, para pôr um termo ao antigo litigio diplomatico entre o Brazil e aquelle paiz, a respeito do territorio de Missiones. O *Tempo* occupou-se com grande profundeza de vista d'esta magna questão. A 29 de janeiro dizia elle:

« O governo provisorio, escrevem-nos, teme uma sublevação do Estado do Rio Grande do Sul, sublevação que não poderia reprimir com as reduzidas e indisciplinadas forças militares, indispensaveis para a sustentação da dictadura.

« Para conseguir a pacificação do Rio Grande em caso de revolta o governo provisorio lembrou-se de solicitar o auxilio e a intervenção armada da Republica Argentina, ou contra o Rio Grande isoladamente, ou contra esse Estado unido á Republica do Uruguay.

« Em troca d'este auxilio armado, o governo provisorio propõe-se ceder desde já á Republica Argentina metade do territorio contestado de *Missiones* e no caso do Brazil vir a necessitar da intervenção argentina, consentir na annexação do Uru-

guay, desinteressando-se tambem o Brazil do Paraguay que os argentinos poderão igualmente annexar, realisando assim a sua ambição de unificarem n'uma republica todas as dependencias do antigo vice-reinado de Buenos-Ayres.

« Por aqui se vê como a queda do Imperio inverteu a situação respectiva das nações americanas do sul. Em 1870, o Brazil, exercendo a hegemonia, libertava o Paraguay, n'uma campanha em que tinha por alliados os argentinos; agora, vinte annos depois, é elle o protegido que pede aos argentinos para lhe fazerem a policia interna, abandonando as pequenas republicas do Prata á ambição do povo que em breves annos será absoluto senhor da America meridional. »

No dia seguinte, um correspondente do *Tempo* resumia a questão nos termos seguintes:

« Os tratados antigos entre Portugal e Hespanha (1750-1777) e o tratado argentino-brazileiro de 1857 estabeleceram como fronteira do Brazil na região o curso do Iguassú desde a sua embocadura no Paraná até á confluencia do Santo Antonio; segue d'ahi a fronteira até ás nascentes do mesmo Santo Antonio, ganha as nascentes do Pepiri-Guassú, segue este rio até ao Uruguay que separa os dois Estados, desde esse ponto até á foz do Quarahim.

« Os argentinos, porém, dão os nomes de Santo Antonio e de Pepiri-Guassú a dois rios situados mais a E. e chamados pelos brazileiros Chopim e Chapecó. D'essa differença de designações nasceu a divergencia internacional que é para o Brazil da maxima importancia para o presente e mais ainda para o futuro.

« A fronteira aceita pelo Brazil é já muito desvantajosa, a reclamada pelos argentinos será desastrosissima para os interesses brazileiros. Uma larga porção de territorio argentino entraria assim pelo Brazil a dentro e encravada ao SO. do paiz, cortaria quasi completamente a communicação entre dois ricos e grandes Estados, os do Paraná e do Rio Grande do Sul. Este

territorio, em mãos da Republica Argentina, cuja grande força de expansão é conhecida, ligada á sua rêde de caminhos de ferro, offerecendo, pela salubridade do clima, pela fertilidade do sólo, um riquissimo campo á immigração europêa, será uma ameaça constante á melhor parte do Brazil. Chegados a uma distancia relativamente pequena do mar, os argentinos aspirarão a apoderar-se do bello porto de Santa Catharina que lhes dará sahida pelo Atlantico.

« O litigio diplomatico achava-se proximo da sua solução quando rebentou a revolução de 15 de novembro. A exploração da commissão mixta terminára em 1888; a 25 de maio ultimo o Brazil propoz á Republica Argentina a resolução da difficuldade por meio de arbitramento e a 7 de setembro foi celebrado no Rio de Janeiro o tratado estipulando que, se no fim de 90 dias, a contar d'essa data, a questão não estivesse resolvida entre as partes contratantes, seria sujeita á decisão do presidente dos Estados-Unidos.

« Hoje, a situação peorou muito para o Brazil, se são exactas as nossas informações. O governo provisorio não vai a Buenos-Ayres defender sómente os direitos do Brazil. As grandes manifestações feitas em Buenos-Ayres ao ministro de uma nação amiga, ministro que é quasi um compatriota dos manifestantes, não devem cegar o governo da Republica Brazileira. E, se esse governo solicíta o auxilio dos argentinos para a possivel emergencia de uma revolta no Rio Grande do Sul, esteja o Brazil certo de que terá de pagar caro esse auxilio. Terá o Brazil de ceder o territorio de Missões; terá de consentir talvez na conquista de Montevideu e na annexação do Paraguay á Republica Argentina.

« Se tão fatal accôrdo se realisar, o Brazil terá abdicado para sempre a hegemonia por elle até agora exercida na America do Sul [1]. »

[1] O correspondente do *Tempo* accrescenta:

« Por outro lado, o snr. Quintino Bocayuva, actual ministro brazileiro dos negocios estrangeiros, como redactor do *Paiz*, advogou durante largos annos uma

Tudo isto é muito grave. A rivalidade entre o Brazil e a Republica Argentina tem uma razão de ser historica que ha de perdurar mau grado todas as palavrosas manifestações de apreço e de amizade, outros tantos phenomenos do hysterismo que reveste a fórma da monomania da fraternidade americana que o Governo Provisorio tanto exalta e na qual finge acreditar.

Se são sinceras as expansões fraternaes dos governos das duas republicas, porque dobrou o Governo Provisorio do Brazil o exercito do paiz? porque ainda ultimamente abriu um grande credito para compra de navios de guerra? Se não ha o perigo de uma aggressão externa, não tem uma explicação honrosa este novo encargo imposto ás finanças que o snr. Ruy Barbosa pinta em tão grandes aperturas. Parece, porém, que os estadistas da republica brazileira estão convencidos da eterna fraternidade americana. Elles estão esquecidos de que, se essa fraternidade estivesse na natureza das coisas, se a identidade de fórma de governo fosse causa de perpetua paz entre os paizes, a historia da America não registraria as aggressões dos Estados-Unidos contra o Mexico, nem as sangrentas luctas em todo o continente entre as republicas, sempre irmãs, mas muitas vezes inimigas.

A contradicção flagrante de um governo que dobra o seu exercito ao mesmo tempo que pratíca actos de espectaculosa fraternisação com os seus visinhos, tem uma explicação bem triste para o Brazil. O governo militar não se arma contra o estrangeiro; o que elle pretende é fortificar-se contra o proprio povo brazileiro mantido em rigorosa sujeição. O governo militar precisa de mais soldados porque necessita dar mais postos a officiaes; precisa de mais navios para ter commandos a distri-

politica, a que era naturalmente levado pelas suas sympathias republicanas e pessoaes pelos argentinos, sympathias tanto mais naturaes quanto o snr. Bocayuva é de descendencia argentina.

« Agora que o snr. Quintino Bocayuva, com todo o prestigio do poder, faz-se transportar a bordo de um poderoso couraçado, em custosa pompa official, a Buenos-Ayres, para ultimar a negociação de Missões, é natural e logico que elle faça tudo que lhe fôr possivel em prol das suas velhas idéas de liberalidades, concessões e outras facilidades favoraveis aos argentinos. »

buir. Um exercito movido do patriotismo, marcha ao sacrificio, affronta o inimigo, sem pensar na recompensa; um exercito que derruba instituições e que cria um governo, exige tudo da sua creatura. Era d'esse typo o exercito peruano; exercito de *pronunciamientos*, de plumas e galões, que vivia a salvar todos os dias a patria, de acclamar generalissimos, a encher-se de marechaes e generaes e que, finalmente fugiu, dispersou-se, sumiu-se diante dos voluntarios chilenos. O exercito brazileiro não será, porém, um novo exercito do Perú; elle ha de renovar as tradições gloriosas do seu passado. Tendo sido o exercito de um paiz livre e ganho victorias sobre os inimigos da sua patria, o exercito do Brazil ha de indignar-se contra os que lhe querem fazer tudo esquecer. O snr. Benjamim Constant, que mandou entregar ao Paraguay os trophéos ganhos pelos soldados brazileiros, trophéos que aquelle dr. brigadeiro não ajudou a conquistar, o snr. Quintino Bocayuva, o partidario da hegemonia argentina, não podem representar a alma da nação reflectida no seu exercito. Esses dois homens esquecem o passado do Brazil e não têm a intuição do seu futuro.

Entre o Brazil e a Republica Argentina ha conflictos de interesses e de influencia. Nem bellas palavras nem cortezias internacionaes podem destruir este facto.

A Republica Argentina tem uma grande força de expansão. Ella recebe perto de 300:000 immigrantes todos os annos; os seus caminhos de ferro estendem-se aos confins do paiz. O Brazil acompanhava com passo firme este progresso. Acontece porém agora que o Brazil retrocede e inicia o militarismo, de que a Republica Argentina está hoje liberta. A este facto corresponde uma phase fatal e estacionaria no desenvolvimento do paiz. O militarismo é arbitrario, é despotico, é agitado, e destruidor da confiança e da liberdade, quando o exercito não possue disciplina. O militarismo é ruinoso e, quando não tem por fim defender a patria contra o estrangeiro, mas só visa á conservação de uma tyrannia proveitosa, é o mais desmoralisador dos regimens. E o Brazil está agora debaixo d'este regimen que os Argentinos já conseguiram aniquilar. Os Argenti-

nos têm a liberdade politica que a sua civilisação comporta; e recebem o immenso auxilio das forças estrangeiras que lhes augmentam a riqueza presente, dilatando o horisonte a todas as aspirações futuras da sua nacionalidade. A primeira d'essas aspirações é, pela reconstituição do vice-reinado platino, a formação de uma nação poderosissima. O Brazil militarisado não recebe immigrantes; as discussões politicas terão de absorver a attenção da Constituinte se esta jámais se reunir; e todas as aspirações nacionaes se resumirão no desejo de reconquistar a liberdade politica hoje confiscada pelá dictadura.

N'estas condições a concorrencia pacifica com a Republica Argentina estabelece-se, ficando em grande inferioridade o Brazil.

Temos já um indicio d'essa situação no phenomeno que o chronista financeiro do *Times* assignalou. O ouro que está voltando do Brazil para Londres, toma logo o caminho de Buenos-Ayres, e por isso o cambio, ha mezes altamente favoravel no Rio de Janeiro, vai sensivelmente baixando, e o desastroso cambio argentino vai-se erguendo pouco a pouco.

Disse uma grande verdade o presidente Rocca quando, n'uma mensagem, affirmou que a entrada de 200:000 immigrantes na Republica Argentina, equivalia ao ganho de uma batalha. Elle não disse contra quem seria essa victoria; mas todos que conhecem a America do Sul sabem que essa victoria é ganha contra o Brazil, cujo futuro politico está problematico, cujo credito está abalado só porque as suas finanças se acham sujeitas aos azares do arbitrio de um soldado.

Viamos outr'ora no Brazil uma gloria da nossa raça e, hoje, assistimos á diminuição do seu prestigio. Os fundos brazileiros, sempre ao abrigo das especulações, emprego seguro das economias europêas, patrimonio das familias, oscillam hoje em Londres e em Paris, como quaesquer fundos turcos, hespanhoes ou mexicanos.

E cada vez que o snr. Ruy Barbosa telegrapha á Europa, a baixa é certa nos fundos brazileiros. A velha imagem da espada de Brenno fazendo baixar a concha da balança, póde ser

substituida pela do telegramma do snr. Ruy Barbosa. O algaravio financeiro que elle escreveu no seu funesto relatorio veio tirar as ultimas illusões aos que esperavam ainda na competencia do ministro das finanças do snr. Deodoro. O juizo dos jornaes do Brazil foi que as finanças, segundo os algarismos do snr. Barbosa, estavam florescentes a 15 de novembro. O que os jornaes do Brazil não ousaram dizer com receio ao conde de Lippe, mas o que disseram todos os escriptores financeiros da Europa, foi que a linguagem do snr. Ruy Barbosa é a menos patriotica e a mais impropria que jámais se leu n'um documento official. E, por infelicidade, este desazo não se limita á linguagem; elle passa ao dominio dos actos e os financeiros europeus que têm interesses no Brazil, tremem ao lêr o terrivel nome do ministro das finanças por baixo dos telegrammas com que esse ministro tem o costume de sobresaltar, periodicamente, os capitaes. Quando da Europa vão reclamações, o snr. Ruy Barbosa responde que a sua medida financeira está sendo muito applaudida em Buenos-Ayres e nos Estados-Unidos. Este applauso não enthusiasma o capitalista. Os Argentinos e os Americanos, esses podem, na verdade, applaudir o snr. Ruy Barbosa; não é o dinheiro d'elles que no Brazil está arriscado ás phantasias do jacobinismo. E, como critica da politica financeira, basta a coincidencia já assignalada, da baixa dos fundos como commentario logico á verbosidade do snr. Ruy Barbosa.

O que a Republica, porém, não póde impedir, nem por um decreto, é um facto de ordem astronomica, isto é, a fatalidade de vir um dia depois do outro. O Brazil vai-se lentamente (o tempo parece mais longo ao afflicto!) aproximando do dia 15 de setembro, data para a qual o governo provisorio annunciou a eleição da Constituinte.

Houve gente no Brazil que se manifestou favoravel á continuação indefinida da dictadura. A resolução de convocar a

Constituinte não foi adoptada unanimemente em conselho de ministros. Afinal, veio a tardia convocação para época longinqua. Hoje, algumas semanas depois d'esta convocação, ha indicios que põem em duvida a sinceridade que porventura dictou aquelle decreto chamando a nação a organisar-se por meio de seus representantes. Já chegam telegrammas do Brazil dizendo que o *povo* tencionava ir offerecer a dictadura por cinco annos ao generalissimo chefe do governo. O generalissimo recusará, diz um telegramma. Para quem conhece a historia dos differentes militarismos sul-americanos, esta abnegação é coisa bem pouco tranquillisadora. Como as dictaduras militares se estabelecem, ainda ha pouco o Brazil mostrou ao mundo; e os contemporaneos viram n'aquelle paiz uma coisa que a civilisação do tempo do Imperio parecia ter tornado impossivel. Como estas dictaduras se mantêm e se esforçam por durar, a historia das republicas latino-americanas nol-o ensina. Começando por fallar em nome da liberdade ella derruba o governo existente e substitue-se a elle. Feito isto, a dictadura muda de linguagem, de rumo e de modo de acção. É preciso, diz ella, consolidar a nova ordem de coisas, é indispensavel esmagar toda a idéa de reacção, toda a possivel tentativa de uma contra-revolução. Eis-ahi achada uma prompta e facil *razão de Estado* para justificar todos os actos de força, todas as manifestações de violencia.

A dictadura militar no Brazil está já n'esta segunda phase. Agora, os seus partidarios já annunciam que o *povo* offerece aos dictadores o mando absoluto por cinco annos. A dictadura faz-se rogada; mas, quem poderá affirmar que, de um momento para outro, ella não virá a aceitar o que até agora apparenta querer recusar? Os militares que aceitam altos postos, que lhes são conferidos da rua, podem muito bem aceitar, e no intimo estimar, a prolongação da dictadura que a rua lhes vier offerecer!

E quem sabe se essa resolução não encontrará no governo a unanimidade que lhe tem já faltado em tanta occasião? Já dous membros do governo tiveram de abandonar os seus loga-

res; e um d'elles, que o telegrapho nos disse ter divergido do snr. Deodoro, embarcou para a Europa no mesmo dia em que divergiu. Esta retirada muito se parece com o exilio!... Dois governadores de Estado foram já exonerados; um d'elles, o visconde de Pelotas, a mais alta personalidade do exercito brazileiro, não quiz auctorisar com a sua presença no governo a arranjada acclamação do generalissimo Deodoro; outro, o governador do Maranhão tem tido a coragem de contar ao publico como a republica se estabeleceu n'aquelle Estado. Vejamos como esse funccionario, homem escolhido pela confiança da Republica, conta as coisas republicanas do Maranhão que deveriam ser de novo pintadas n'um sermão de Antonio Vieira. O governador Pedro Tavares chegou ao Maranhão para substituir o governo de um tenente-coronel que se apossára d'aquelle Estado no dia 15 de novembro, e que formára uma especie de junta á sua feição. Diz o governador:

«A população sabia que o meu governo ia ser melhor, mesmo porque nada peior era possivel esperar.

«A junta inaugurára a republica com o fusilamento em massa de cidadãos, cujos protestos contra a nova ordem politica eu soube depois que se podiam perfeitamente abafar sem o derramamento de sangue.

«Os excessos de toda a ordem seguiram-se logo ao crime. Os cidadãos, principalmente os de côr, de que a junta suspeitava, eram presos e logo arrastados ao xadrez, onde se lhes cortavam os cabellos e onde eram barbaramente espancados. Muitos receberam duzias de bolos nos pés. Mulheres publicas, com que alguns soldados tinham contas a ajustar, soffreram de igual modo esses affrontosos e incomportaveis castigos.

«O terror enchia todos os corações e tolhia todas as consciencias; e para que nada transpirasse, e nenhuma voz honesta e patriotica se fizesse ouvir, foi trancado o telegrapho.

«Começando por decretar grandes vencimentos para os proprios membros, a junta esgotou o Thesouro do Estado e abriu creditos numerosos na thesouraria geral.

« Os antigos districtos eleitoraes do Estado foram distribuidos entre esses néo-republicanos. A politicagem baixa e indigna que se desenvolveu não se descreve nem se imagina.

« Creou-se uma secção nova na secretaria do governo, outra no Thesouro, outra de collaboradores na alfandega; não se fallando na multiplicidade de empregos e commissões inventadas.

« O pessoal com que foram providos esses logares, constitue, salvas poucas excepções, a gente que se incompatibilisára com a lei, com a moral e com a sociedade no Estado do Maranhão [1]. »

Esta revoltante amostra do que começa a ser nas suas applicações o systema da tyrannia militar diz mais do que todos os argumentos. As demissões do visconde de Pelotas e do snr. Pedro Tavares indicam que não ha para continuar a revolução a harmonia que se disse ter havido para a fazer. O esquecimento do direito, a força como lei e o capricho feito systema, levam sempre os governos ao absurdo das contradicções e preparam aos Estados a ruina.

Um exemplo d'essa politica foi o acto de mais que magestatica soberania, exercida pelo snr. Deodoro, designando como seu successor no governo o snr. Ruy Barbosa e transmittindo-lhe o poder como se este fosse sua propriedade particular. O Imperador do Brazil estava preso pela Constituição e faltava-lhe o poder de eleger o seu successor. Os reis do mundo civilisado, inclusivè o Czar, não têm este direito; a Igreja Catholica não quiz conferil-o ao Papa; e, para não nos referirmos ás adopções dos Cesares romanos que necessitavam aliás da Lei Regia resultante do consentimento do senado e da plebe, não encontramos na historia moderna esse direito de designação de successor exercido pelo chefe do Estado, senão no pobre Paraguay, onde o primeiro Lopez designou o seu filho para lhe succeder na dicta-

[1] Protesto do governador do Maranhão snr. Pedro Tavares, publicado na *Gazeta de Noticias* de 30 de janeiro.

dura. Infeliz Paraguay, bem vingado estás tu n'este momento vendo que o Brazil, teu orgulhoso vencedor de outr'ora, é hoje o imitador do que tu fostes ha trinta annos! Os brazileiros que tanto desprezavam os costumes semi-barbaros da politica paraguaya, têm hoje em casa o que tanta compaixão lhes inspirava na casa dos seus inimigos. Nem mesmo faltam os aduladores da dictadura, como os tinha Lopez II. Jornalista houve no Rio de Janeiro que qualificou o acto do snr. Deodoro, escolhendo o seu successor á moda paraguaya, como — *um acto de sublime magnanimidade!*

A imprensa brazileira, hoje tão submissa, nem sequer lamenta a perda da propria e antiga liberdade com que ella n'outro tempo ridicularisava, e ás vezes insultava, o velho Imperador, sympathica e generosa physionomia, uma das mais bellas d'este seculo, uma das que o mundo civilisado mais admira. Que terrivel lição recebe todos os dias a consciencia dos jornalistas brazileiros, reduzida sómente á liberdade da apotheose, quando tenham agora de fallar d'um soldado ambicioso, para quem elles não passam de um rebanho encarceravel ou fusilavel á vontade, e que só se mantem livre e vivo, com a condição de elogiar, de elogiar ainda, de elogiar sempre...

Só Tacito acharia uma phrase verdadeiramente justa para esta situação afflictiva da maior nação latina além do Atlantico!

Frederico de S.

NOTAS DO MEZ

Durante o desagradavel mez de janeiro, Portugal atravessou uma crise — que é incontestavelmente a mais severa, talvez a mais decisiva, que esta geração tem affrontado.

Através dos ultimos dez annos, a Inglaterra, por uma sequencia de factos, alguns imprevistos (occupação do Egypto, pacificação temporaria do Sudão, marcha d'um exercito até Karthoum, reorganisação das missões do Nyassa, descoberta dos jazigos auriferos na terra do Lobengula, etc., etc.), começou a entrever, como sonho realisavel, a fundação d'um grande Imperio Africano. E, com aquella viva clareza de proposito e segura tenacidade de execução, que constituem a sua força, encetou uma série de actos, que, terminando ha tempos pela creação da *East-African Company*, auctorisam os seus Estadistas e os seus Publicistas a considerar esse Imperio como uma realidade esplendida, de que gozarão os filhos dos homens sem justiça e sem escrupulo que lhe lançaram as primeiras bases. Esse imperio, segundo o traçam nos seus largos contornos as publicações inglezas, estender-se-ha de Alexandria ao Cabo. O Nilo, desobstruidas as cataractas, será a grande estrada d'agua até aos Lagos Centraes: dos lagos um systema de caminhos de ferro abrirá communicações para Zanzibar e para a embocadura do Zambeze: duas Vice-Realezas, uma estabelecida no

Cairo, outra em Zanzibar (que, pela população e pelo commercio, é quasi uma feitoria India), governarão e manterão ordem n'essa vasta Colonia, por meio d'um exercito organisado (á maneira do exercito indigena da India) com negros e Sudanezes, e por meio de allianças com as tribus mais aguerridas (á semelhança das allianças feitas na India com os Afredis e os Chittagongs): um imposto territorial (ainda pelo systema Indio) e a multiplicação dos portos fornecerão o orçamento: e a gradual dominação dos districtos do interior, as explorações bem organisadas e com objectos definidos terminarão a conquista d'esta nova India e firmarão sobre ella, como diz o *Spectactor* com o seu habitual pedantismo, a «Immensa magestade da Paz Britannica.»

O povo duro que britannisou a India póde talvez justificadamente conceber, e tentar mesmo, esta empreza portentosa. Mas, na sua execução, elle tinha necessariamente de encontrar obstaculos — d'esses que eram outr'ora considerados pelas solemnes regras do Direito Internacional como insuperaveis.

Portugal offerecia á Inglaterra um d'esses obstaculos. Entre os actos differentes, mas logicamente relacionados, com que a Inglaterra lenta e progressivamente prepara desde já a realisação remota do seu sonho, houve (para simplificar, sem inutil desenrolamento de detalhes geographicos e historicos) dois que, sem remedio, collocaram a actividade colonisadora da Inglaterra face a face com a nossa propriedade historica. Um foi a creação da *East-African Company*, com dominio sobre uma região conhecida pela terra de Lobengula (que é um velho rei e um malandro) e que comprehende um territorio immenso chamado Mashona, na margem sul do Zambeze. O outro acto consistiu na apropriação ou reclamação d'uma região entre a margem norte do Zambeze, o rio Chire e a margem occidental do lago Nyassa, conhecida pela região do Nyassa ou do Chire. A posse d'estes territorios excitava furiosamente a cubiça da Inglaterra, porque assim lhe ficava aberto o caminho politico e commercial desde a colonia do Cabo até ao lago de Tanganyika, e d'ahi até ao Victoria Nyassa e ao Nilo Branco. E

esse caminho creava, ainda que frouxa em partes, a espinha dorsal do futuro Imperio Africano. Sómente occorria esta difficuldade: — que Portugal ha duzentos annos possuia, trilhára, explorára, occupára essa região de Mashona e essa região de Nyassa. Se nós fossemos fortes, ou se ainda reinasse o Direito Internacional, este impedimento seria como uma montanha que se não transpõe. Mas a sciencia do Direito Internacional acabou como a Astrologia e a Escholastica; nós somos, por nossa maxima culpa, deploravelmente fracos; — e o obstaculo foi transposto pelo Leão Britannico, com aquella simplicidade sobranceira com que elle tradicionalmente salta por cima dos muros alheios, desde que não haja do outro lado o cano d'uma espingarda.

Em todo o caso, ao principio, esta difficuldade deu apenas origem a uma longa e lenta troca de communicações e de notas entre Lord Salisbury e o snr. Barros Gomes — acompanhada nos jornaes de Inglaterra e de Portugal por uma serena discussão geographico-historica dos nossos direitos e das pretensões inglezas. Quando se desenrolava esta controversia (que já em setembro começava a impacientar os inglezes), um incidente sobreveio inesperadamente, que transformou essa argumentação quasi academica n'uma pendencia quasi sangrenta. Uma expedição nossa, que, sob o commando do major Serpa Pinto, estudava o traçado do caminho de ferro do rio Chire (que ultimamente nós resolveramos construir para supprir as obstrucções da navegação no Zambeze), tendo penetrado na terra dos Makololos, antigos vassallos da Corôa, encontrou um gentio hostil que lhe impediu a passagem, arvorou no topo das cubatas bandeiras inglezas, e terminou por fazer fogo sobre os nossos com aquellas espingardas do valor de cinco *shillings*, que são um dos commercios inglezes mais rendosos no interior da Africa.

Para desempedir o caminho, affirmar a soberania e castigar o ultraje, os nossos (depois de tentarem conciliação) dispersaram o gentio — matando infelizmente uma centena d'esses negros, que são no fundo os verdadeiros senhores da região. Todos os dias succedem estes casos na Africa; — e em cada uma das suas viagens, Stanley, heroe acclamado nos dois hemispherios, pratíca d'estas execuções de pretos, em proporções que as tornam, segundo a caracteristica expressão commercial dos inglezes, *wholesale slaugters* (matanças por grosso). O incidente dos nossos foi logo telegraphado para Londres pelo secretario da *African-Lakes Company*, com aquella concisão do telegrapho, que é por vezes tão fatalmente prejudicial á justa comprehensão das coisas como a redundancia da Rhetorica: — e a imprensa conservadora, ou mais especialmente aquella abominavel parte da imprensa conservadora de ha muito ridicularisada e desacreditada sob a alcunha de *Jingo*, já impaciente pelas demoras da controversia geographica e historica, rompeu n'um d'esses furores arrogantes a que é vezeira quando falla a nações desarmadas — e ameaçou Portugal com uma frota de couraçados, uma occupação da Madeira, o bloqueio de Lisboa, e outras bravatas das que ordinariamente lançam, de punho na cinta, esbrazeados de vinho, os rufiões de feira. Os pretextos d'esta indignação da imprensa *Jingo*, sempre falha em boas maneiras e bom gosto, eram — que a expedição portugueza invadira dominios britannicos pisando a terra dos Makololos; affrontára a humanidade trucidando cem negros; e injuriára a bandeira ingleza dispersando o gentio que a hasteára entre guinchos. A resposta acudia facilmente. A expedição, achando-se no territorio dos Makololos, pisava um territorio tão portuguez, que os Consules e Missionarios inglezes, para lá ir mercadejar ou intrigar, pediam salvo-conducto ás auctoridades de Moçambique: a expedição, dispersando os Makololos, antigos vassallos da corôa, e matando (infelizmente) cem no conflicto, procedia como todas as nações colonisadoras para com indigenas sublevados — e especialmente como a Inglaterra, mestra em colonisação, e destruidora encartada das raças inferiores do globo:

e finalmente a expedição, encontrando a bandeira ingleza nas mãos de negros que não eram soldados inglezes, ou sobre cubatas que não eram cidadellas inglezas, não lhe devia mais respeito que a outro qualquer pedaço de panninho vermelho e azul. A bandeira tira a sua significação da mão que a empunha; e se um homem é aggredido n'um caminho por outro, que traz ás costas a Tricolor, não offende decerto a França atirando ao chão com uma paulada o aggressor que assim se embandeirou a si-proprio com jovial phantasia.

Em todo o caso, o incidente em breve passou dos ataques e defezas da imprensa para a região mais serena e grave das Notas Diplomaticas. Lord Salisbury lançou reclamações que a imprensa portugueza considerou moderadas. O snr. Barros Gomes offereceu explicações que a imprensa ingleza considerou conciliadoras. E as negociações proseguiam assim, em cordura e cortezia — quando uma manhã, bruscamente, sem razão, sem incidente lateral, o Ministro Inglez em Lisboa, Mr. Petre, apresentou ao snr. Barros Gomes um *ultimatum*, com aquella brutal surpreza com que outr'ora José do Telhado, ou outro dos nossos salteadores lendarios, apontava, n'um caminho de pinheiral, o bacamarte ao peito d'um marchante em jornada. Esta comparação, já muito usada, tem todo o relevo safado. Mas não ha outra mais precisa e graphica.

O *ultimatum*, curto e sêcco, exigia que dentro de onze horas o Governo Portuguez fizesse sahir as suas tropas e as suas auctoridades das regiões disputadas do Chire e de Mashona. Se o Governo Portuguez não accedesse, o representante da Inglaterra retiraria com o seu pessoal para bordo do aviso *Enchantress*, deixando toda a ulterior acção ás esquadras inglezas reunidas em Lourenço Marques, Cabo Verde e Gibraltar.

Foi durante horas uma pavorosa crise. O Conselho d'Estado reunido — decidiu que se passasse sob a exigencia de Lord Salisbury, visto que a resistencia importaria uma occupação de Moçambique e de Lourenço Marques (d'onde a Inglaterra não sahiria mais, como não sahiu mais do Egypto) feita

por essas esquadras, que, emquanto o *Foreign-Office* elaborava Notas cortezes, se acercavam dos nossos portos, á sorrelfa, em silencio, exactamente como as galeras de Barbaruiva deslisavam para dentro das enseadas da Italia ou da Sicilia á busca da prêsa christã. Occupam-se recentemente n'estes feitos as frotas que commandou Nelson. Portugal n'essa noite perdeu dois consideraveis territorios d'Africa. De manhã o Ministerio cahiu. E assim findaram tres annos de politica colonial.

Já não interessaria porém apreciar essa politica, mesmo que para isso possuissemos uma documentação completa e positiva: — porque, na realidade, as questões d'Africa perdem do seu valor diante do inesperado movimento nacional que, através de todo o paiz, tão vasta e ruidosamente rompeu, sob o espinho das humilhações que essa Africa negra nos trouxe. É com effeito mais importante para Portugal possuir vida, calor, energia, uma idéa, um proposito — do que possuir a terra de Mashona: mesmo porque, sem as qualidades proprias de dominar, de nada serve ter dominios. Se, como Nação, estamos findos, sem força, sem alma, sem vontade, os Makololos, o Mashona, o Nyassa, os lagos e toda a Africa serão para nós tão inuteis, como inuteis eram ao pobre rei Shenacherib, que tinha cento e dez annos e tremia de frio sob o sol da Assyria — as virgens esplendidas que os seus intendentes lhe iam buscar á Africa, terra de todos os ardores e de divina fecundidade. «Como posso eu produzir vida, tartamudeava o pobre Shenacherib, se vida em mim já não tenho?» Sem vida em nós mesmos, como poderiamos nós levar vida á Africa?

Por isso na verdade a questão do Nyassa e de Mashona desapparece perante este movimento, tão real, tão intenso, tão persistente — primeira e unica affirmação de vida que Portugal tem dado n'estes ultimos trinta annos, mollemente estragados na mudez e na inercia.

Bello e de bom presagio se nos apresenta este movimen-

to! Mas todavia, por ora, não ha n'elle senão os symptomas materiaes de vida. É o respirar, o mover, o palpitar, o fallar d'um corpo que muitos julgavam morto, gelado, facil de pisar, e talvez de retalhar. E resta agora saber em que séria e util occupação, em que fim de alto patriotismo, se vai empregar essa vida que tão inesperadamente o paiz em si surprehende, e que tão dispersamente manifesta na primeira e immensa alegria de a sentir correr, quente e forte, nas veias?

That is the question, se esta citação ainda é permissivel... Porque se todo o patriota se alegrou, como nós, ao vêr o esplendido movimento da nação — nenhum verdadeiro patriota póde conservar alegria ao verificar que esse movimento se começa a perder em direcções desviadas, transversaes, inuteis — á maneira d'uma torrente que, em logar de correr direita ao moinho para o fazer trabalhar, se espalha pelos lados em riachos esguios e lentos que bem depressa a areia suga!

As primeiras manifestações d'este movimento foram as instinctivas, as da irreflectida colera do homem que subitamente na rua leva com lama na face. Todas as multidões, em todas as capitaes, se têm um dia abandonado a estas violencias classicas. Mas, encadeadas com estas e n'uma rapidez de rastilho accêso, começaram logo as manifestações de individuos e de corporações contra a Inglaterra — cada um sinceramente, na sua possibilidade, praticando um acto de desforra ou tomando uma decisão de hostilidade. E aqui, começamos a assistir a actos menos justificaveis. O sentimento inspirador era sempre muito bello, muito nobre — mas a expressão exterior e especial d'esse sentimento nem sempre participava d'essa belleza e d'essa nobreza. Com effeito, quando homens respeitaveis devolviam á legação de Inglaterra as medalhas ganhas ao seu serviço, ou se demittiam de empregos remunerados por companhias inglezas, estavamos claramente em presença de actos de seriedade e dignidade. Quando porém professores dos Ly-

ceus reclamam, como defeza nacional, que se elimine a lingua ingleza do ensino das linguas vivas — estamos já diante, não d'um acto de patriotismo, mas de ignorantismo. E quando as actrizes dos theatros, para mostrar como Portugal sabe repellir um ultraje, resolvem por declaração publica retirar do palco os seus sorrisos desde que surja na plateia um espectador inglez — estamos diante d'um acto positivamente risivel. Os jornaes registrando d'estes e d'outros protestos, bem-intencionados e desastrados, exclamavam por vezes com inquietação: «Meu Deus! não tornemos as nossas manifestações ridiculas ou odiosas!» Mas por causa de indescriminadamente se registrarem os protestos dignos e os protestos comicos (que a imprensa estrangeira reproduzia) — estivemos nós arriscados a que a Europa misturasse ao respeito pelo nosso brio, algum desdem pela nossa extravagancia.

Tudo isso porém passou: — e bem depressa os protestos individuaes se fundiram, desappareceram, na vasta, magnifica e consoladora unanimidade das manifestações collectivas vindas dos Municipios, das Escólas, das Associações, dos Institutos, das Assembléas, de Villas inteiras, de todo um povo que acorda, se levanta, e ainda tropego do seu extenso somno, affirma claramente que *pensa* e affirma fortemente que *quer*.

O que? Porque isto sobretudo se nos afigura essencial: o verificar o que o paiz, emfim desperto e decidido á acção, pensa e quer — e em que direcção vai desenvolver essa idéa, e sobre que objecto vai applicar essa vontade. Ora, a julgar pelos incontaveis protestos, declarações, manifestos, cartas, appellos, etc., que transbordam na imprensa, não nos parece que por ora o pensar e o querer do paiz se estejam exercendo para fins verdadeiramente sérios, uteis, praticos e patrioticos. De todos esses documentos com effeito em que o paiz, decerto reflectidamente e serenamente (porque n'um longo mez sobra tempo para serenar e reflectir), tem exprimido a sua idéa

e a sua vontade — que proposito exacto e definitivo resalta com saliencia? Um só — *fazer mal á Inglaterra.* Como? Injuriando a Inglaterra; fomentando o odio á Inglaterra; *bocoyttando,* tirando a freguezia á Inglaterra.

Tres actos naturaes, legitimos, supremamente justificaveis. Mas bastam? É n'elles, só n'elles, que se deve empregar e consumir o pensar e o querer da nação? Quando tivermos accumulado sobre a Inglaterra todos os vocabulos affrontosos do nosso diccionario; quando tivermos penetrado o coração dos nossos filhos d'um odio tão complexo á Inglaterra que elles não possam encontrar um volume de Shakespeare sem empallidecer de furor; quando tivermos retirado totalmente a nossa freguezia ás carvoeiras de Cardiff ou aos teares do Lancshire — estará realisado o fim immenso d'uma nação que, abalada por uma crise brutal, desperta, se ergue e desesperadamente affirma que vive e que quer viver? Ou muito erramos, ou esse fim, longe de estar obtido, está perdido.

Injuriar a Inglaterra. De que serve? Se o fazemos por meio d'aquelle processo que se denomina *chamar nomes* (e que parece exclusivo a Portugal e á Inglaterra porque só estas duas nações possuem nos seus idiomas essa expressão) não aproveitamos decerto os primeiros dias do nosso despertar patriotico em obra muito bella, nem muito digna. Resurgir d'um longo adormecimento para *chamar nomes* é de pessimo presagio para a seriedade e fecundidade d'esse resurgimento. E por outro lado se o fazemos d'um modo mais grave, denunciando e verberando todo o mal da Inglaterra (onde o mal tanto abunda), dissiparemos o tempo a repetir, com pallida superfluidade, tudo o que contra a Inglaterra já demasiadamente vociferaram os seus proprios filhos, os melhores, os mais illustres, com soberba eloquencia e certeza impeccavel. Quem mais grandemente do que os escriptores d'Inglaterra tem flagellado os vicios da Inglaterra? Quando mal findava a litteratura ingleza do secu-

lo XVIII limitada, conservadora, respeitosa e insular — logo um poeta surge, o maior dos seus poetas, que da Italia onde o levára o tédio da sua patria, austeramente pedante e mercantilmente egoista, a cobre de maldições e de sarcasmos. E depois de Byron e de Shelley, a legião dos accusadores segue, implacavel e genial. E Dickens (para citar os mais populares) ridicularisando as suas instituições: é Thakevay revelando com fria ferocidade todo o seu convencionalismo social e maculando-a com o nome que lhe ficou de *country of snobs;* é Carlyle, com clamores de propheta, fulminando o seu egoismo, o seu mercantilismo, o seu materialismo; é Ruskin acabrunhando de ironias a grossa materialidade da sua civilisação; é Arnold accusando-a da sua insipidez, do seu azedume, da sua aspereza; é ainda toda uma cohorte de publicistas, de pamphletarios, de *ensaistas,* de artistas, de caricaturistas, fulminando o seu pietismo, o seu *caut,* a sua hypocrisia, a sua deshumanidade... E que faz a Inglaterra? A Inglaterra cobre d'acclamações estes accusadores que a illustram pelo genio; dá-lhes, quando elles morrem, uma sepultura d'honra no Pantheon Real de Westminster; — e continúa a cultivar com cuidado e a desenvolver estes defeitos de convencionalismo, de egoismo, de mercantilismo, que a tem tornado por esse mundo tão vasta, tão forte e tão rica. Faz mais. Pela voz do seu maior orador n'este seculo, proclama o egoismo como programma politico, justifica-o pela «lucta pela vida», e affirma em plena Camara dos Communs, entre universaes acclamações — «No dia em que «déssemos aos outros a justiça, chamariamos sobre nós a ruina!»

Empregar o tempo a chamar a uma nação d'este feitio nomes feios em prosa e verso — *pirata, ladra, infame,* etc., — é uma puerilidade de fracos.

Odiar a Inglaterra. Sentimento bem legitimo — porque, por muito christão que se seja (e nós somos inteiramente pagãos),

não podemos abençoar quem nos brutalisou. Mas o odio fixo, em perpetuidade, cultivado e organisado como Programma Nacional (e assim o pregam os Manifestos) que significa? O odio póde formar um factor na vida de um povo quando apaixonadamente incite e aqueça a actividade que prepara a desforra. Ora a desforra consiste em derrotar quem nos derrotou, humilhar quem nos humilhou. E que esperança póde ter este fragil Reino de abater o mais forte dos Imperios, dura resurreição do duro Imperio romano? Se nós presentissemos razoavelmente a possibilidade de um dia, por nossa vez, mandar á Inglaterra um *ultimatum* sublinhado com esquadras — então, sim, por Deus, que o odio fosse o nosso inspirador! Mas, para que tal se realisasse, teriamos de esperar até aos tempos (entrevistos justamente por um humorista inglez) em que o Imperio Britannico ficará reduzido ao condado de Middlessex. Esses tempos jazem muito longe, nas profundidades do futuro; e não podemos realmente passar os seculos que d'elles nos separam, quedos, hirtos, de dentes cerrados, de olhos flammejantes, absortos e immobilisados n'essa unica e estranha funcção social — *odiar!*

O odio é um sentimento negativo que nada cria e tudo esterilisa: — e, quem a elle se abandona, bem depressa vê consumidas na inercia as forças e as faculdades que a Natureza lhe déra para a acção. O odio, quando impotente, não tendo outro objecto directo, nem outra esperança senão o seu proprio desenvolvimento — é uma fórma da ociosidade. É a uma ociosidade sinistra, livida, que se encolhe a um canto, na treva.

Não, por Deus! O povo alegre e franco, que outr'ora em Diu (segundo dizem) atirava por entre as bombardas gracejos aos mouros, e que é hoje ainda na Europa o unico que trabalha cantando — não póde empregar e estragar os seus dias n'essa negra e funebre occupação, o *odio!*

Detestemos a Inglaterra, d'accôrdo, toda a Inglaterra — mesmo sem distinguir se foi a Inglaterra como Nação, ou apenas um partido inglez como Governo, que nos ultrajou. Mas que esse sentimento seja secundario na vasta obra que temos diante de nós, agora que acordamos — e não essencial, supremo e

tão absorvente que só elle occupe a nossa vida, e se substitua a propria obra.

Os que affirmam (e muitos affirmam) que « o unico dever de Portugal agora é odiar a Inglaterra », ou se contentam com um desabafo vão — ou sinceramente aconselham ao paiz que nada faça, permaneça na sua inferioridade, e accentue mais a sua impotencia final entregando a direcção da sua vida a um sentimento impotente.

Se taes conselhos são considerados como nobres expressões de patriotismo, — então o patriotismo, como idéa, tem mudado desde as idades em que, nas praças d'Athenas, os patriotas que iam, em Platêa e Salamina, dar ao mundo o inigualavel exemplo do patriotismo heroico, exclamavam: — « Não se trata de parolas, e de odiar a Persia — trata-se de actos, e de salvar a Grecia! »

Temos depois, como plano, *bocoyttar* a Inglaterra. Idéa bem natural e bem logica. A Inglaterra é uma immensa loja. Nós somos dos seus mais antigos freguezes. A prosperidade de uma loja depende da sua freguezia: retirando portanto a nossa freguezia á Inglaterra, compromettemos a sua prosperidade. É perfeito. Resta averiguar se é efficaz.

Os homens positivos, experimentados e praticos, affirmam que desgraçadamente este plano, tão tentador na sua simplicidade, não dará resultado que nos console e vingue — porque ao fim de um tempo, para a Inglaterra, não será sensivel a conta do seu prejuizo, emquanto para nós montará pavorosamente a conta do nosso damno. Se nós hoje, que não possuimos industrias nacionaes, fôrmos buscar a outros mercados o que costumamos trazer de Inglaterra, — encheremos a nossa casa de productos *peores e mais caros*, o que duplamente augmentára o custo da nossa vida. Logo este começo é pessimo. Por outro lado, quebrando as relações commerciaes com a Inglaterra, deixamos logicamente de ser freguezes da sua marinha mercante.

Ora os inglezes, que possuem a maior marinha mercante e de maior tonelagem de todas as nações, são os grandes transportadores do Universo, os que através dos mares levam e trazem mais homens e mais fazendas. E não admittindo nós que navios inglezes entrem nos nossos portos a buscar ou a trazer — matamos o grande plano dos ultimos tempos, que era tornar Portugal o rico e forte centro do movimento commercial entre o velho e o novo mundo. Para isso, com sacrificios enormes, estamos construindo o porto de Lisboa e o porto de Leixões. Mas esses portos, excluindo das suas docas dois terços dos navios que sulcam os mares não obterão rendimento apreciavel: — e nós teremos de pagar o que essas obras custaram, sem poder embolsar o que ellas por si renderiam. E ha mais. Assim como não queremos comprar nada aos inglezes, nada lhe queremos tambem vender. Ora o inglez é o nosso maior freguez: e não teremos pois d'ora em diante quem nos consuma na sua quasi totalidade o nosso vinho do Porto, os nossos minerios, as nossas fructas, o nosso sal, a nossa cortiça. Para não arruinar o Porto, Aveiro, Setubal, o Alemtejo, etc., seremos forçados a procurar novos freguezes — o que, n'este seculo d'aspera, feroz, tumultuosa concorrencia, se vai tornando a mais pavorosa das difficuldades humanas. Ora, insistem os homens praticos, como nós já frequentemente tentamos, sem resultado, obter pequenos mercados para artigos parciaes da nossa producção — não lograremos agora decerto alcançar um vasto mercado que substitua a vasta Inglaterra. De sorte que, em resumo, ao fim de um ou dois annos de quebrar as relações commerciaes com a Inglaterra, teriamos as nossas despezas consideravelmente elevadas, os nossos rendimentos consideravelmente diminuidos, obras collossaes a pagar, e nenhum lucro a tirar d'ellas.

Assim dizem os experimentados. Resta porém saber se estes sacrificios não seriam bem pagos pelo justo regalo de ferir a Inglaterra n'um ponto, que é n'ella mais vivo que o orgulho — o interesse: e se não compensariamos, amplamente, o desgosto de vêr os transtornos que sobre nós acarretamos — pela

delicia de constatar as ruinas que na Inglaterra accumulámos.

E, aqui, voltam os experimentados (verdadeiramente patriotas) explicando que a Inglaterra, para o nosso caso, é uma loja, cuja prosperidade ou decadencia se verifica pelo seu balanço e pelos seus livros. Ora, examinando as contas correntes de Inglaterra (pelo ultimo balanço feito, o de 1888), vemos que o seu movimento commercial com Portugal, isto é, o valor do que nos comprou e do que nos vendeu, monta á somma redonda de *trinta mil contos*. Verba consideravel. Mas em que proporção entra ella no movimento geral da loja? A falta de um freguez d'este valor dará á loja um golpe definitivo e mortal, ou fará apenas uma arranhadura insensivel e reparavel? Examinado o balanço total do Imperio Britannico, verificamos que o seu movimento monta á somma, que quasi custa a lêr em cifras, de *quatro milhões de contos, novecentos e vinte mil setecentos e cincoenta contos!* Como estas sommas disformes estonteam, quasi não têm realidade para um meridional — digamos, tornando as cifras mais accessiveis, que a nossa abstenção como freguezes de Inglaterra diminue *trinta contos* no seu movimento de *quatro mil novecentos e vinte contos*. É portanto como se um particular egoista e brutal, possuindo uma renda de *quatrocentos e noventa e dois contos,* fosse prejudicado em *tres pobres contos de reis* por um visinho offendido, que, para tomar essa desforra que elle julgava mortal, se sacrificasse até á ruina!

Decerto, esses trinta mil contos de menos vão momentaneamente prejudicar certas industrias inglezas. Mas essas industrias são justamente as mais fortes (carvão, ferro, tecidos, etc.). Todas ellas têm affrontado crises infinitamente mais terriveis, que atravessaram com triumphal serenidade. E quando nós começarmos apenas a penar as primeiras dôres do nosso sacrificio — já ellas terão galhardamente reconstituido o seu equilibrio.

De resto Portugal não desceu ainda tanto na universal jerarchia, que se levante todo, n'um esforço unido de nação unida, com o fim unico de encalacrar os snrs. Fulano & C.ª carvoeiros de Newcastle ou os snrs. Sicrano & Filhos com fabrica

de lanificios em Bradford. O unico objecto porque dignamente poderiamos soffrer perdas e angustias seria, como se tem dito nos Manifestos e Protestos, matar o Leão Britannico. Mas que conseguimos? Arrancar-lhe alguns pêllos da juba bruta, que bem cedo renascerão — mais duros e fortes.

Todo este movimento publico, pois, que, para *fazêr mal* á Inglaterra, se impõe como missão odiar a Inglaterra, offender a Inglaterra, *bocoyttar* a Inglaterra — a si mesmo se esterilisa, errando a sua direcção: porque, evidentemente, como movimento nacional, nascido da alma da nação, para proveito da nação, nunca lhe cumpriria tomar por fim unico o *fazer mal á Inglaterra*, mas, antes de tudo e sobretudo, *fazer bem a Portugal*.

Uma vez que, segundo tão altamente se proclama, acordámos do nosso lethargo, urge empregar este alento que nos volta, não na teima improficua de destruir o que é indestructivel — mas de reconstruir tudo o que em torno de nós se deteriorou e derrocou durante o nosso immenso somno. Esta seria a direcção unica a imprimir ao movimento nacional — que se não deve dispersar em tentativas ou brados ephemeros contra a Inglaterra, mas concentrar em obras sólidas a proveito de Portugal. Até agora nada se fez, porque (como todos violentamente constatam, por experiencia propria) jaziamos resonando, no esquecimento de todo o dever civico. Pois bem! agora que todos se declaram despertos, e saltam para a arena bradando, de braços arregaçados, promptos á faina — comece a empreza, unica verdadeiramente patriotica, que é a de reconstituir a Patria. Se as forças e as vontades abundam (como affirmam Manifestos e Protestos) não faltará tambem obra urgente e boa em que ellas se empreguem com gloria. Temos quasi tudo por fazer — tudo teriamos a refazer. Teriamos antes de tudo de crear Riqueza, porque, sem esse instrumento, o braço mais forte fraqueja. Teriamos de crear a riqueza, como povo

agricola que somos, pelos meios que o saber positivo tem indicado e que a Politica tem desdenhado. Crear riqueza, através do fomento rural — repovoando o reino pela colonisação interior; methodisando as culturas; congregando a propriedade excessivamente fragmentada; creando o credito rural; dirigindo o aproveitamento das aguas publicas e organisando a economia hydraulica; fazendo a repovoação florestal do paiz; regulando o exercicio da caça e da pesca, etc., etc. Teriamos ainda de fundar industrias, nacionalisando os fornecimentos publicos para as fazer viver, e nacionalisando os transportes para as fazer circular... Obtidos estes primeiros recursos teriamos então de alargar a nossa marinha de guerra, reorganisar o nosso exercito, construir as defezas dos nossos portos. Teriamos ainda a reformar o ensino scientifico, e fundar seriamente o ensino technico. Teriamos emfim (para não desanimar as boas vontades com um programma muito pesado) de preparar, por meio da educação physica, gerações que possuam o musculo, o vigor, a saude e o poder de arrostar trabalhos — que a nós nos falta tão lamentavelmente. E teriamos ainda (só este detalhe mais!) de crear em nós mesmos habitos de energia, disciplina, ordem, força, perseverança — reflectindo que sem bons costumes de nada valem as boas instituições, e que já um poeta, que era todavia o mais risonho dos scepticos, disse:

Quid leges, sine moribus
Vanae, proficiunt?

Eis, na nossa idéa, talvez excessiva e errada, o que deveriam fazer esses patriotas que com tanta esperança nossa se declaram acordados do seu somno historico, e promptos a trabalhar na regeneração da Patria. Tudo isso depende d'elles, só d'elles. Não dos Governos ou dos Ministerios. Depende méramente da sua iniciativa, do seu esforço, da sua constancia, da sua propaganda. Depende do seu honesto proposito de escolher homens capazes que no Parlamento vão emfim crear as leis exactamente correspondentes ás nossas necessidades — e, no Go-

verno, vão emfim assegurar a execução exactamente indispensavel a essas leis salvadoras.

Assim julgamos que devia ser utilisada e regularisada essa bella effervescencia de vida, a que se denomina o «movimento nacional». Porque de resto, bradar nas ruas contra a Inglaterra, elaborar manifestos, fundar commissões, agitar archotes, desfraldar bandeiras, abater taboletas, não nos parecem na verdade os modos d'um povo, que, sob o impulso do patriotismo, se prepara para a regeneração: — antes se nos afiguram os modos d'um povo, que, através do patriotismo, se está educando para a insurreição.

E que a mocidade das Escólas dê ella o exemplo mais directo e melhor. Por toda a parte se affirma que da sua paixão generosa e pura partiu o primeiro arranque d'este movimento. Honra grande lhe seja mais tarde na Historia. Mas a Mocidade já manifestou amplamente. Que agora se retire das ruas e dos comicios, se recolha, e offereça ella, esperança de todos, messe rica do futuro, o modelo superior do patriotismo, passando a cumprir com sereno amor esse dever patriotico que tão especialmente cabe a estudantes — e que consiste em estudar.

E deixemos a Inglaterra, que, quieta na sua ilha, digere sombriamente, como nação de rapina, a presa que rapinou. Clamar pelas praças *Delenda Carthago!* é excellente — quando já estão reunidas no porto d'Ostia as galeras que vão levar Scipião á Africa. Mas nós não nos podemos ufanar por ora nem de galeras nem de Scipião. De que valem pois brados vãos? O grande grito a gritar não é — *Delenda Britannia!* O grande grito a gritar é — *Servanda Lusitania!* Porque se não trata infelizmente de destruir a Inglaterra — mas de conservar Portugal.

Através d'estas suggestões, que vimos timidamente arriscando, de proposito omittimos o facto magnifico da Subscripção

Nacional. Só elle todavia, e o sentimento collectivo que elle revela, as justificam — porque, sem elle, todas as nossas considerações montariam á puerilidade de querer dirigir, regularisar e aproveitar para um fim permanente uma chamma que passa e que morre! A forte, sólida e tenaz unanimidade, porém, com que a Nação inteira, que tão pobre é, acode a abrir a sua bolsa para um alto objecto nacional, prova que este Movimento, tendo raizes na razão e na consciencia do Paiz, não sómente na sua imaginação mobil, constitue uma força duradoira e viva que convem dirigir para onde ella possa fecundar e crear. E indicar a sua direcção é concorrer para a sua fecundidade — porque decerto aquelles que tão ardentemente querem preparar a defeza exterior não se mostrarão menos promptos a trabalhar na ordem interior. De pouco serviria ter muralhas novas por fóra e só velhas ruinas por dentro. A peito doente nada vale couraça de bronze.

João Gomes.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Chronicas de Valentina, por Maria Amalia Vaz de Carvalho, com uma carta de *Ramalho Ortigão*. — Editores, Tavares Cardoso & Irmão

A snr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho acaba de publicar um volume com este titulo, reunindo n'elle alguns artigos e estudos, escolhidos d'entre os muitos que publicou em jornaes portuguezes e brazileiros. — Todos os que lêem, e se interessam ainda pela mais bella e complexa das artes — a que pela escripta fixa todas as idéas e illumina reveladoramente todos os sentimentos — devem agradecer á tão justamente querida escriptora o ter junto n'um livro essas chronicas.

A existencia do artigo, da chronica de jornal, participando da natureza d'este, é ephemera e passageira. Se commenta um facto, que por momentos accendeu as curiosidades, se dá todo o relevo a um successo, a um caso que poz uma dobra na unida e contínua superficie d'uma vida banal e monotona, se regista o apparecimento d'uma obra de sciencia ou de phantasia, a affirmação de alguma virtude, de algum merito, ou de alguma monstruosidade, é lida soffregamente mas, passado o momento do intenso interesse, ninguem volta a procural-a. E no entanto essa chronica póde ser o mais sincero e o mais acertado commentario, póde ser a mais intima revelação das mysteriosas ou distantes causas e motivos que determinaram o acontecimento, escandalo, drama pungente, ou o trabalho valioso para que todas as attenções se voltam: póde reunir as mais elevadas condições de um producto d'arte, as mais raras e altas qualidades de uma obra de justiça e de exame; póde dar a medida d'um espirito nobre e d'um temperamento afinado; póde ser o resultado d'um arduo labor, d'um agitado esforço de nervos, d'uma concentrada e vibrante vida extenuadora e cruel.

E tudo isso morrerá passado um instante, e esquecerá, como uma gota

de generoso vinho, feito trabalhosamente dos mais preciosos succos, e que se toma d'um trago.

Quando, por isso, a chronica contenha as elevadas qualidades que a distinguem do *fait divers* e da *reportage* facil para a tornarem uma verdadeira obra d'arte — é justo que uma nova existencia se lhe dê, reunindo-a no volume, engastando-a para que brilhe ainda, e com mais nitido lume, depois de apanhada do meio das mil coisas bellas e fugidias que a vida moderna deixa rolar sobre o caminho que percorre velozmente, na sua fuga febril...

Ora os estudos que agora nos dá a snr.ª D. Maria Amalia mereciam o engaste do livro, onde cada um d'elles figura como capitulo independente, dando ao volume, d'umas 350 paginas, um aspecto interessante e variado. Consta elle de vinte e um capitulos que, se têm desigual valor entre si, revelam tambem todas as finas qualidades litterarias da auctora.

Na carta com que precede esses trabalhos, e em que, a largos traços, nos desenha tão viva e sympathicamente a figura moral da escriptora, Ramalho Ortigão aponta, entre os outros artigos, os estudos intitulados: *Soror Marianna, A vida e as cartas de G. Eliot, A mulher de Carlyle, A princeza Mathilde, A eterna questão do amor, Historia d'um crime, Pauline de Beaumont* e a *Marqueza de Custine,* como sendo, talvez, aquelles em que as especiaes tendencias e recursos d'arte e critica da auctora se revelam mais completamente, demonstrando que ella possue: « a paciente laboriosidade de uma analyse commovida e terna, a visão de todos os pormenores compensadores e de todas as concordancias attenuantes no conflicto dos sentimentos, a viva comprehensão dos mais diversos estados d'alma, a vibratibilidade nervosa da sympathia, o dom culminante de querer bem. »

N'essa esmaltada e luzente pagina do prologo de Ramalho Ortigão tem a snr.ª D. Maria Amalia a apreciação justa do seu valor.

Na curta e simples menção que aqui fazemos do seu livro, ao mesmo tempo que encontramos nos periodos do critico, que tão encantadoramente a prefacia, a indicação d'essas superiores qualidades que a distinguem — não podemos, no entanto, deixar de apontar-lhe, como sendo as energias, predominantes entre todas, do seu caracter e do seu temperamento: a vibratibilidade nervosa, e a sympathia poetica, commovida, bondosa e larga, que lhe dá a possibilidade de abrir o seu coração ás mais diversas emoções, e a fecunda elasticidade, graças á qual o seu espirito se interessa pelos assumptos e pelos problemas os mais oppostos. Estas energias intimas ou qualidades são as mais proprias para que um escriptor, e sobretudo um escriptor moderno, possa ter a comprehensão de tudo, e para que assim caibam, na sua critica lesta, adaptavel, sinuosa, ondulante, verdadeiramente comprehensiva e justificadora, todas as modalidades, todos os aspectos e cambiantes, todas as apparencias, todas as suggestivas e todas as divergentes revelações da vida, do pensamento, da phantasia e da emoção.

Mas se essas energias ou qualidades são as mais proprias, não são todas as proprias e necessarias. Sem ellas a critica será sempre dogmatica, inflexivel, hirta, e por isso falsa e estreita, dando incompletamente a interpretação das idéas e dos sentimentos.

Mas sem as outras qualidades que tornem effectivas essas primordiaes aptidões, a critica será um pouco *vaga* e tenderá, n'um effeito contradictorio, a dar um caracter *uniforme,* a attribuir — pela influencia da sympathica attracção para uma qualidade superior encontrada na personalidade ou na obra que se estude, e pelas affinidades que essa mesma sympathia e attracção façam sentir como existentes entre o critico e o criticado — aos mais diversos artistas e escriptores, energias e qualidades que são de uns, mas não são de outros, e energias e qualidades que o critico, por possuil-as ou desejal-as, julga vêr reflectidas n'aquelles que quer interpretar e explicar.

Ora, para que a critica não seja *vaga,* é necessario que no critico haja erudição, pelo menos a indispensavel á ordem de estudos a que elle se dedique; e para que a critica se não torne *uniforme* e confusa, á força de enlear pela sympathia o que possa ter reconditas e intimas differenças, é indispensavel que o critico tenha um vigoroso poder de analyse psychologica e notaveis aptidões de exegese.

Posto isto, e tendo em frente de nós um livro, que por muitos titulos se torna digno da mais viva attenção e interesse, cabe-nos perguntar se a sua auctora possue absolutamente todas essas qualidades de critico. Parece-nos que não. Faltam-lhe: essa completa ou vasta erudição litteraria e philosophica, essa complexa faculdade psychologica, e, por vezes, o poder de penetrante interpretação. Não obstante possue, como dissemos, as mais fecundas qualidades, as que logo determinam em quem a lê, tambem uma irresistivel sympathia. Para isto concorre, além da elevação moral, e da bondosa emoção que nutre as suas paginas, o seu temperamento delicado e poetico, que envolve tudo n'uma leve e dôce trama de fina e melancolica phantasia, onde brilha sempre um raio de graça inconfundivelmente aristocratica e captivantemente feminina. Tudo dado n'uma fórma limpida, suave, ondulante e que, se desmaia por vezes e se dilue, tem comtudo raras qualidades de facilidade, de elegancia, de mimo, sobretudo quando enlaça nas espiraes dos seus periodos flexuosos alguma dôr ou soffrimento que carece de consolação e lagrimas redemptoras.

É por isto que, entre todas as paginas das Chronicas de Valentina, que criticam livros, que commentam biographias e memorias, que retraçam existencias de *élite,* que analysam correspondencias, que interpretam crenças e idéas, que estudam casos sociaes, que desenham figuras litterarias e caracteres — preferimos, como Ramalho, os estudos que especialmente indicámos, pois é n'esses que a auctora põe sobretudo em evidencia as nobres energias e cambiantes do seu elevado espirito, juntamente com as finas intuições do seu coração feminino.

Além d'esses estudos encontramos no livro os seguintes capitulos: *O immortal, O conde Léon Tolstoi, O crime e o castigo, A vida e a correspondencia de Darwin, Pierre Loti, Henri Martin, O bezerro de ouro, Caro, Pranzini e Flaubert, A imprensa para o snr. de Bismarck, Um infanticidio, Alexandre Herculano, Relatorio de Pinheiro Chagas, O hospital de crianças, O « Réve » de Zola.*

Como se vê pelos titulos, raros são os capitulos que no livro nos fallam de coisas e assumptos da vida ou da litteratura portugueza. Conhecendo o senso e fino criterio de *Valentina de Lucena* chega a sentir-se que ella não queira, de preferencia aos assumptos que nos são estranhos, colher mais directamente na vida que a rodeia, não obstante ser bem pequeno este nosso meio, as impressões, e os motivos de muitos dos seus bellos artigos, que teriam assim para nós ainda, se é possivel, maior interesse.

A edição das Chronicas de Valentina foi correcta e cuidadosamente feita pelos snrs. Tavares Cardoso & Irmão. O typo escolhido, largo e grande, lê-se com facilidade e dá ás paginas um aspecto claro e nitidamente attrahente.

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da Revista

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux, no Porto e aos agentes: em Paris, Amedée Prince et Cie — 36, Rue Lafayette; e em Londres, Amedée Prince et Cie — 10, Coleman Street

NOVAS PUBLICAÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

PORTUGAL AGRICOLA

PELO

Visconde de Villarinho de S. Romão

1 volume in-8.º com 425 paginas, 20 gravuras e 3 mappas coloridos, 1$200 reis

Mais um livro acaba de publicar o snr. visconde de Villarinho de S. Romão. Destinado á agricultura portugueza o recente trabalho do illustrado escriptor, cumpre-nos saudal-o como bem vindo. É mais um livro que se colloca ao serviço da boa causa e do paiz.

Não se propôz o nobre visconde apresentar um tratado desenvolvido de agricultura nacional, mas, embora compendiosamente, encontra-se aqui uma receita geral de todas as culturas apropriadas ao nosso sólo, contando preceitos apreciaveis, apontados singelamente e de facil comprehensão.

O trabalho do snr. visconde é precedido de algumas noções geraes agricolas, sobre a divisão das regiões, e para esclarecimento dos leitores offerece-nos tres curiosos mappas do paiz, organisados segundo diversos modos de vêr — cultural e meteorologico.

Depois d'este estudo preliminar passa a tratar de todas as culturas introduzidas ou que devem introduzir-se, indicando os meios pelos quaes ellas se podem tornar proveitosas.

Sobre o vinho o estudo é mais demorado e desenvolvido. É com effeito aquillo que mais chama a attenção desde muitos annos, e sobre que ha mais largos estudos, que o illustre escriptor aproveita com criterio.

Occupa-se tambem da oliveira e do seu precioso producto, e depois de ter percorrido as arvores fructiferas, conclue propondo o grande problema agricola nacional, cujos dados estabelece, mas não resolve.

Como todas as obras d'este distincto agricultor, o *Portugal Agricola* é um livro apreciavel. Pena é que expondo com tanta clareza as grandes difficuldades de resolver a crise agricola, o auctor não ouse expender a sua opinião a tal respeito. Não era de presumir que em questão tão delicada o snr. visconde de Villarinho dissesse a ultima palavra, mas, sendo urgente sahirmos de um estado, cuja gravidade todos reconhecem, um voto tão competente não seria sem vantagem.

Em todo o caso apreciamos com o devido louvor mais este serviço á causa da agricultura em Portugal.

Conde de Samodães.

(Do *Boletim da Liga dos Lavradores do Douro*).

PUBLICATIONS NOUVELLES

DE LA

LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie

Boulevard Saint-Germain, 79, à Paris

LUCHAIRE (Achilles), professeur à la Faculté des lettres de Paris: **Les communes françaises**, à l'époque des Capétiens directs. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

WALLON (Henri), membre de l'Institut: **Les représentants du peuple en mission et la justice révolutionnaire dans les départements en l'an II (1793-1794)** — Tomo IV: *La Frontière du Nord et l'Alsace.* 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

EN VENTE:

Tome Ier: *La Vendée.*
Tome II: *L'Ouest et le Sud-Ouest.*
Tome III: *Le Sud-Est, l'Est et la Région de Paris.* Chaque vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

BONET-MAURY (G.): **Bürger et les origines anglaises de la ballade littéraire en Allemagne.** 1 vol. in-8°, broché, 5 fr.

BERTIN (Ernest), professeur libre à la Faculté des lettres de Paris: **La société du consulat et de l'empire.** — *Lucien Bonaparte; Mémoires de Mme de Rémusat; Mémoires de Metternich; le maréchal Davout; Mme de Custine.* 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

FIGUIER (Louis): **L'année scientifique et industrielle**, ou *Exposé annuel des travaux scientifiques, des inventions et des principales applications de la science à l'industrie et aux arts,* qui ont attiré l'attention publique en France et à l'étranger, accompagné d'une nécrologie scientifique. — *Trente-troisième année* (1889) contenant le compte rendu de l'Exposition universelle de 1889, accompagné d'une Vue générale de l'Exposition et de deux Plans coloriés des constructions du Champ de Mars et de l'Esplanade des Invalides. 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

LUCE (Siméon), membre de l'Institut: **La France pendant la guerre de cent ans.** *Épisodes historiques et vie privée aux XIVe et XVe siècles.* 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

PALÉOLOGUE (Maurice). **Vauvenargues.** 1 vol. in-16, broché, 2 fr.

EN VENTE DANS LA MÊME COLLECTION:

Victor Cousin, par JULES SIMON, de l'Académie française. 1 vol.
Montesquieu, par ALBERT SOREL. 1 vol.
D'Alembert, par JOSEPH BERTRAND, de l'Académie française, secrétaire perpétuel de l'Académie des sciences. 1 vol.
Madame de Sévigné, par GASTON BOISSIER, de l'Académie française. 1 vol.
George Sand, par M. E. CARO, de l'Académie française. 1 vol.
Turgot, par M. LÉON SAY, de l'Académie française. 1 vol.
A. Thiers, par M. P. DE RÉMUSAT, sénateur. 1 vol.
Chaque volume in-16, avec un portrait en photogravure, broché, 2 fr.

(Collection des grands écrivains français).

LA DÉLIVRANCE D'EMIN-PACHA, d'après les lettres de H. STANLEY, publiées et traduites avec l'autorisation de l'auteur et augmentées de documents inédits fournis par la Société géographique de Londres. 1 vol. in-16, avec un portrait et une carte, broché, 1 fr. 25.

BRÉAL (Michel): **La réforme de l'orthographie française.** Extrait de la *Revue des Deux Monde* du 1er decembre 1889. 1 vol. in-16, broché, 1 fr.

VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO

VIDEIRAS AMERICANAS

UM FOLHETO COM 2 PHOTOTYPIAS, 200 REIS

Á venda na LIVRARIA CHARDRON de LUGAN & GENELIOUX, editores — Porto

NÃO HA MAIS DÔRES DE DENTES!

Por meio do emprego dos

Elixir, Pó e Pasta dentifricios

DOS

RR. PP. BENEDICTINOS

da ABBADIA de SOULAC (Gironde)

DOM MAGUELONNE, Prior

2 Medalhas de Ouro: *Bruxellas 1880 — Londres 1884*

AS MAIS ELEVADAS RECOMPENSAS

INVENTADO NO ANNO **1373** Pelo Prior Pierre BOURSAUD

« O uso quotidiano do **Elixir Dentifricio** dos **RR. PP. Benedictinos**, com dose de algumas gottas com agua, prevem e cura a carie dos dentes, embranqueceos, fortalecendo e tornando as gengivas perfeitamente sadias.

« Prestámos um verdadeiro serviço, assignalando aos nossos leitores este antigo e utilissimo preparado, o **melhor curativo** e **o unico preservativo** contra as **Affecções dentarias.** »

Agente Geral: **SEGUIN** BORDEAUX

Acha-se em todas as Perfumarias, Pharmacias e Drogarias do mundo inteiro.

1290 **SOLUÇÃO e CAPSULAS DE ANTIPYRINA do Dr CLIN**

Laureado pela Faculdade de Medicina de Pariz.— Premio Montyon.

O Melhor Remedio contra a Enxaqueca.

A **Verdadeira Solução de Antipyrina do Dor Clin** possue uma poderosa acção para acalmar as dôres de : *Lumbagos, Torticolis, Nevralgias, Sciatica, Menstruação difficil, Colicas violentas* e os *Accessos de Gota e de Rheumatismo.*

« **A Antipyrina pode ser considerada scientificamente como o medicamento mais poderoso contra a dôr.** »

(Academia das Sciencias, Sessão de 18 de Abril de 1887).

DOSE : Tome-se cada dia de 2 á 4 colhêres da **Verdadeira Solução de Antipyrina do Dor Clin.**

NOTA. — As **Capsulas de Antipyrina do Dor Clin** são destinadas as pessoas que não podem tomar a Solução.

CASA **CLIN & Cia** EM PARÍZ, E PHARMACIAS.

Medalha de Ouro, Exposição de Paris 1878

APPARELHO GAZOGENEO BRIET

Privilegiado s. g. d. g.

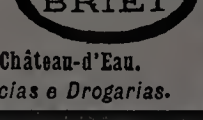
DE MONDOLLOT

Unico approvado pela Academia de Medicina e admittido nos Hospitaes de Paris.

Com o apparelho GAZOGENEO-BRIET, hoje tão conhecido, qualquer pessoa pode preparar instantaneamente e com um gasto mui pequeno, uma excellente AGUA DE SELTZ e outras varias *bebidas gazosas*, como sejão as de *Vichy, Soda, Limonada gazosa, Vinho espumoso*, etc.

O GAZOGENEO-BRIET se vende em todas as bôas drogarias e nas bôas casas que vendem artigos de Paris.

Exigir a marca de fabrica :



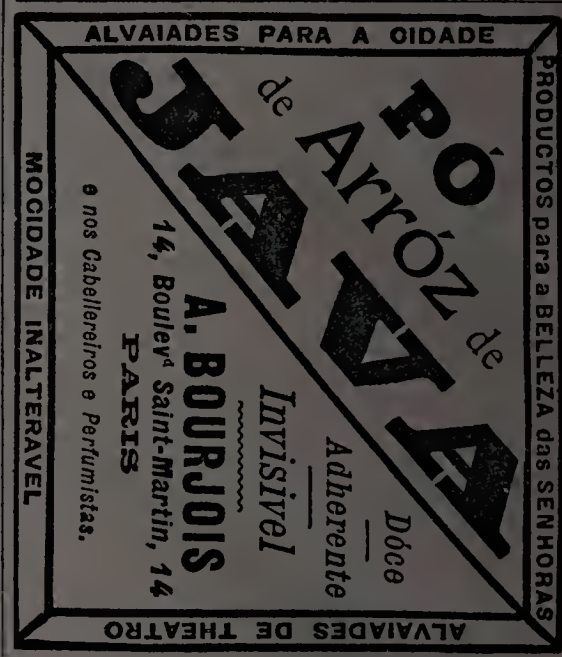
Fabrica em PARIS, 72, rua du Château-d'Eau.

Depositos nas principaes Pharmacias e Drogarias.

DAVID DE CASTRO

CARTEIRA DE SATAN, 1 volume 800 reis

PRODIGIO NAS SALAS, 1 volume 600 reis



LINIMENTO GÉNEAU

Para os Cavallos

Empregado com o maior exito nas cavalhariças reaes de SS. MM. o Imperador do Brazil, o Rei da Belgica, o Rei dos Paizes-Baixos e o Rei da Saxonia.

Suppressão do Fogo e da Queda do Pello

Só este precioso *Topico* é o unico que substitue o *Caustico* e cura radicalmente em poucos dias as **manqueiras** novas e antigas, as **Torceduras, Contusões, Tumores e Inchações das pernas, Esparavão, Sobre-Cannas, Fraqueza e Engorgitamento** das *pernas* dos potros, etc., sem occasionar nenhuma *chaga*, nem *queda do pello* mesmo durante o tratamento.

MARCA DE FABRICA

35 Annos de Exito

SEM RIVAL

Os resultados extraordinarios que tem obtido nas diversas **Affecções do Peito**, os **Catarrhos, Bronchitis, Molestias da Garganta, Ophtalmia**, etc., não dão logar á concurrencia.

*A **cura** faz-se com a mão em **3 minutos**, sem dor e sem cortar, nem raspar o pello.*

Deposito em Paris: Pharmacia GÉNEAU, rua St-Honoré, 275, e em todas as Pharmacias.

Licenciado pela Inspectoria Geral de Hygiene do Imperio do Brazil.

Pobreza do Sangue, Chloro-Anemia

Limphatismo, Rachitismo

QUINA-LAROCHE

Phosphatado *Ferruginoso*

Premio de 16,600 fcos. — Medalhas de OURO, Paris, Vienna, etc.

PARIS, 19 et 22, rua Drouot e nas Pharmacias.

Novas publicações e acquisições

Adolpho Coelho

Questões da lingua portugueza. Segunda parte: Documentos em latim barbaro dos seculos VIII a XII — Textos portuguezes (1185 a 1211) — Foros de Castello Rodrigo — Prologo da traducção anonyma da Regra de S. Bento (sem data) — Cancioneiro de D. Affonso, o Sabio — Cancioneiro de D. Diniz — Poetas da época de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV — Livros de linhagens — Historia do testamento. 1 vol. 600

A. X. Pereira Coutinho

Guia do vinicultor. Com 58 gravuras intercaladas no texto..... 1$000

A. X. Rodrigues Cordeiro

Novo almanach de lembranças luso-brazileiro, para o anno de 1890... 240
Cartonado..... 320

Arthur Azevedo

Contos possiveis..... 600

Auguste Burgain

Couronne littéraire, choix de morceaux extraits de diverses auteurs. Cart... 600

Camillo Castello Branco

A doida do Candal. Com illustrações..... 600
A queda d'um anjo. Com illustrações..... 600
O romance d'um homem rico..... 500

Francisco da Silva Mengo

Diccionario de nomes de baptismo. Com um prefacio do dr. Theophilo Braga..... 500

George Ohnet

O dr. Rameau..... 700
Vontade..... 700

Hyppolito Francisco Alves

O que é o hypnotismo, suas applicações, vantagens e perigos..... 1$000

* * *

Introducção ao estudo dos phenomenes ditos hypnoticos..... 300

Jasper Harben

Lições de inglez. Postillas da grammatica ingleza. Cart..... 700

José de Alencar

Ao correr da penna..... 700

* * *

Lyra do trovador. Collecção de modinhas, lundús, recitativos e canções..... 400

Manoel de Mello

Da glottica em Portugal..... 2$000
Notas lexicologicas..... 500

Mantegazza

Physiologia do prazer. 2 vol..... 1$400

Michelet

Os soldados da revolução..... 600

* * *

O oraculo das familias. Predicções e conselhos para as diversas situações da vida, modo seguro de adivinhar o futuro; seguido do baralho feiticeiro..... 600

Silvio Pellico

As minhas prisões. Traducção de J. A. da Cunha Queiroz..... 400

A REVISTA DE PORTUGAL é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um *BOLETIM BIBLIOGRAPHICO* acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os *ANNUNCIOS* são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso.	**500** reis
Pelo correio.	**540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**

A REVISTA DE PORTUGAL assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores LUGAN & GENELIOUX, *e em todas as livrarias de Portugal. Em Paris nos agentes* ***Snrs. Amedée Prince & Cie****, 36, Rue Lafayette, 36. Em Londres nos agentes* ***Snrs. Amedée Prince & Cie****, 10, Coleman Street, 10.*

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70